



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – MEL

JEANY SANTOS DE CARVALHO AZEVÊDO

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO TRABALHO FEMININO
EM REVISTAS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE *JORNAL DAS
MOÇAS E CLAUDIA***

Feira de Santana, BA
2018

JEANY SANTOS DE CARVALHO AZEVÊDO

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO TRABALHO FEMININO
EM REVISTAS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE *JORNAL DAS
MOÇAS E CLAUDIA***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez

Feira de Santana, BA
2018

Ficha catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

A987c Azevêdo, Jeany Santos de Carvalho
A construção discursiva do trabalho feminino em revistas: uma
comparação entre *Jornal as Moças* e *Claudia* / Jeany Santos de Carvalho
Azevêdo. — 2018.
153 f.: il.

Orientadora: Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018.

1. Análise do discurso. 2. Mulheres — Periódicos. 3. Trabalho —
Periódicos. I. Alvarez, Palmira Virginia Bahia Heine, orient.
II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

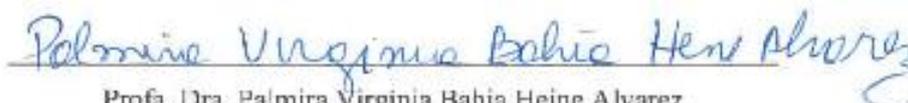
CDU: 801:331-055.2

JEANY SANTOS DE CARVALHO AZEVÉDO

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO TRABALHO FEMININO EM
REVISTAS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE *JORNAL DAS MOÇAS*
E *CLAUDIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 08 de março de 2018



Profa. Dra. Palmira Virginia Bahia Heine Alvarez

Orientador – UEFS



Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges

UEFS



Prof. Dr. André Luis Gaspari Madureira

UNEB

Dedico esta dissertação a minha família.

AGRADECIMENTOS

Eis que chega o momento tão importante de agradecer, e aqui estou, na certeza de que devo esses dois anos de mestrado a muitas pessoas que não me deixaram caminhar sozinha.

Agradeço a Deus, meu amor maior, autor e consumidor da minha fé, pela vida, pela força, por estar comigo em todos os momentos, bons e ruins, e especialmente por me ajudar no desenvolver desse trabalho. Obrigada, Abba!

À minha mãe Celina, minha tia Neusa, meu tio Hamilton, minha avó Luiza e meu avô Celestino agradeço o apoio de toda a vida e o amor que a mim têm dispensado.

Às minhas irmãs Rute, Loide, Naiany e Naíse e ao meu irmão Robson digo obrigada, pelos momentos que temos passado juntos e pela preocupação comigo. Amo vocês! Destaco aqui toda a colaboração de Naíse, das diversas formas, para que eu obtivesse êxito neste trabalho. Valeu, amora!

A Rafson, meu amor, companheiro e amigo, pela dedicação, pelas palavras de incentivo, pelo cuidado e por fazer com que meus dias se tornem mais leves. Amo-te!

Agradeço muitíssimo à minha orientadora Palmira Heine por toda a contribuição durante todas as etapas deste curso e pelas valiosas orientações. Serei sempre grata.

À família e aos amigos que compreenderam minhas ausências e me fizeram perceber que o caminho não é tão cheio de pedras e o alvo não é inalcançável; quero dizer que vocês fazem a vida ser bem melhor. Gratidão!

À Samara, que desde a graduação me incentiva a crescer e, de perto ou de longe participa dos meus dias. Obrigada, amiga!

Aos funcionários do MEL, e aos professores que contribuíram de forma singular para o nosso crescimento.

Aos colegas da 6ª turma do MEL, pelos momentos bons e pelos percalços que vivemos juntos; cada um com sua especificidade marcou esse momento da vida, em especial aqueles que mais de perto participaram desse percurso: Mis, Paula e Léo. Obrigada, amigos, por tudo!

Aos colegas do grupo de pesquisa GEPEAD, vocês são demais! E eu não poderia deixar de mencionar Jackeline e Flágila, meninas queridas, que participaram dessa jornada desde o início e foram fundamentais durante todo o processo. Agradecida!

À FAPESB por financiar esta pesquisa.

Enfim, agradeço a cada pessoa que colaborou de alguma forma para que eu concluísse essa etapa da minha formação. O momento agora é de gratidão pelo ciclo que se encerra.

“... sê todo em cada coisa. Põe quanto és
no mínimo que fazes...” (Fernando Pessoa).

RESUMO

O presente trabalho constitui-se em um estudo sobre a construção discursiva do trabalho feminino a partir de textos escritos e imagéticos publicados nas revistas *Jornal das Moças* (anos 50 do séc. XX) e *Claudia* (dos anos 2010 a 2015 do séc. XXI). As revistas femininas tratam de assuntos ditos importantes para esse público em suas determinadas condições de produção. Esse tema é relevante devido à necessidade de observarmos como ocorre a construção do discurso sobre a mulher e sobre o trabalho e de compreendermos por que alguns discursos são reproduzidos/silenciados atualmente sobre o espaço que a mulher pode/deve ocupar na sociedade, principalmente no que diz respeito ao trabalho fora de casa. O escopo teórico desta pesquisa está centrado na Análise de Discurso Pecheutiana, tendo como base os estudos de Orlandi (2007; 2015) e Pêcheux (1993; 2006). Assim, alguns pressupostos básicos dessa teoria são importantes para este estudo, tais como: as formações imaginárias, discursivas e ideológicas que norteiam os dizeres sobre as mulheres nessas revistas e os já-ditos sobre elas que compõem o interdiscurso. Com base no *corpus* selecionado das revistas *Jornal das Moças* e *Claudia*, observamos as sequências discursivas e imagéticas que relacionam mulher e trabalho e aplicamos o aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso pecheutiana a esses dados. Importa destacar que os resultados mostram que há uma diferença na construção da imagem da mulher nessas duas revistas. Enquanto as publicações da década de 50 discursivizam a mulher no lar e em algumas profissões que representam uma extensão do trabalho doméstico, a revista *Claudia* modifica um pouco o viés mostrando a mulher em várias profissões, mas ainda enfrentando a luta pela igualdade salarial e pelo respeito e valorização quando ocupam posições de liderança nas empresas. Porém vale ressaltar que, mesmo discursivizando a mulher nos vários espaços, a revista, no material analisado, ainda dá mais ênfase ao papel de mãe, esposa e dona de casa, mostrando que os já-ditos sobre a mulher nas mais remotas épocas ainda ressoam nos discursos hodiernos, indicando que há uma tensão entre o trabalho e a maternidade.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Mulher; Trabalho; Revistas.

ABSTRACT

The present research constitutes a study about the discursive construction of feminine work based on written and imagetic texts published in *Jornal das Moças* (fifties of the twentieth century) and *Claudia* (from 2010 to 2015 of the twenty-first century) magazines. These magazines for women talk about subjects considered important to this public in their determined conditions of production. This theme is relevant because of the necessity of observing how it is constructed the discourse about women and work as well as it provides the opportunity to comprehend the reason why some discourses about the position women can/have to occupy in the society are reproduced/silenced nowadays, mainly concerning outdoor work. The theoretical scope of the research is centered on Pêcheux's Discourse Analyses, specially the studies of Orlandi (2007, 2015) and Pêcheux (1993, 2006). Thus, some basic assumptions of this theory are relevant to this study, such as: imaginary, discursive and ideological formations, which guide what it is said about women in the magazines analyzed, as well as the already-said about women that composes the interdiscourse. Based on the corpus selected from *Jornal das Moças* and *Claudia* magazines, it was observed the discursive sequences and imagetic which relate women and work, applying the theoretic-methodological apparatus of Pêcheux's Discourse Analysis to this data. It is important to highlight that the results show that there is a difference on the construction of women in the magazines. While the publications from the fifties discoursed women at home and in some professions which were in extension of the housework, *Claudia* magazine modifies the bias showing women in many professions, but still struggling for salary equality and for respect and appreciation when they occupy leadership positions in the companies. Although it is important to highlight that even when discoursing the woman in different positions, the magazine, in the analyzed material, still give more emphasis to mother, wife and housewife positions, showing that the already-said about women from the most remote periods still resound in nowadays discourses, indicating that there is a tension between work and maternity.

Keywords: Discourse Analyses; Woman; Work; Magazines.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anúncio de cursos e depoimentos de alunos	35
Figura 2 - Destaque de anúncios para homens e mulheres.....	36
Figura 3 - Capa da Revista <i>Jornal das Moças</i>	45
Figura 4 - Capa da Revista <i>Claudia</i>	47
Figura 5 - Gênero/Sexo dos leitores da revista <i>Claudia</i>	48
Figura 6 - Percurso da análise em AD.....	78
Figura 7 - Curso para donas de casa.....	87
Figura 8 - Cozinheira, antes de esposa	93
Figura 9 - Mulheres professoras	98
Figura 10 - Mulheres telefonistas	101
Figura 11 - Mães que trabalham fora prejudicam o filho	104
Figura 12 - Mulher que tem dois cargos e é mãe.....	106
Figura 13 - A revolução das mães de amanhã	109
Figura 14 - Mãe promovida na carreira, como agir com o filho?.....	112
Figura 15 - Salário igual ao dos homens, já!	115
Figura 16 - Lei que pretendia multar empregador que remunera a mulher de forma inferior não sancionada	118
Figura 17 - Chefe chata	120
Figura 18 - Empresas serão beneficiadas com mulheres no comando	122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária dos leitores da revista <i>Claudia</i>	49
Gráfico 2 - Classe social dos leitores da revista <i>Claudia</i>	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de conquistas a partir das contribuições do Feminismo	69
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formações Imaginárias	23
Quadro 2 - Relação das Revistas analisadas.....	80
Quadro 3 - Categorias de Análise.....	81
Quadro 4 - Relação de sequências discursivas sobre o trabalho feminino - Revista <i>Jornal das Moças</i>	82
Quadro 5 - Relação de sequências discursivas sobre o trabalho feminino- Revista <i>Claudia</i> ...	84
Quadro 6 - Sequências discursivas e categorias de análise <i>Jornal das Moças</i>	85
Quadro 7 - Sequências discursivas e categorias de análise <i>Revista Claudia</i>	86
Quadro 8 - Comparação entre as revistas <i>Jornal das Moças</i> e <i>Claudia</i>	126

LISTA DE ABREVIATURAS

AD - Análise de Discurso

FI - Formação Ideológica

FD - Formação Discursiva

AIE - Aparelhos Ideológicos do Estado

ARE - Aparelhos Repressivos do Estado

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas

IVC - Instituto Verificador de Informação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 ANÁLISE DE DISCURSO PECHUTIANA: NOSSA BASE TEÓRICA	18
1.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS DA AD PECHUTIANA	20
1.1.1 Discurso: efeito de sentidos	20
1.1.2 Condições de Produção e Formações Imaginárias	22
1.1.3 O Sujeito e os Esquecimentos	24
1.1.4 Formação Ideológica (FI) e Formação Discursiva (FD)	26
1.1.5 O interdiscurso	29
1.1.6 O silêncio e suas formas.....	31
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÍDIA E AS REVISTAS FEMININAS	38
2.1 A MÍDIA E A PRÁTICA IDEOLÓGICA.....	38
2.2 AS REVISTAS FEMININAS <i>JORNAL DAS MOÇAS</i> E <i>CLAUDIA</i>	43
3 UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A MULHER E O TRABALHO NO BRASIL ...	51
3.1 MULHERES NO PERÍODO COLONIAL.....	51
3.2 MULHERES NO PERÍODO IMPERIAL	54
3.3 MULHERES NO BRASIL REPÚBLICA	58
3.3.1 Contribuições do feminismo para a evolução da mulher no mercado de trabalho 66	
3.3.2 Constituição de algumas profissões no século XX e XXI	71
4 METODOLOGIA EM AD	75
4.1 SOBRE A SELEÇÃO E DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	79
5 TRABALHO FEMININO EM ANÁLISE: O QUE DIZEM AS REVISTAS?	87
5.1 MULHER E TRABALHO NO LAR.....	87
5.2 MULHER E PROFISSÕES “DITAS” FEMININAS	97
5.3 TRABALHO E MATERNIDADE EM <i>JORNAL DAS MOÇAS</i>	104
5.4 TRABALHO E MATERNIDADE EM <i>CLAUDIA</i>	109
5.5 MULHER E SALÁRIO	115
5.6 MULHER E LIDERANÇA	120

5.7	COMPARAÇÃO ENTRE AS REVISTAS <i>JORNAL DAS MOÇAS</i> E <i>CLAUDIA</i>	124
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
	REFERÊNCIAS	129

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é analisar a construção discursiva do trabalho feminino, a partir das revistas *Jornal das Moças* e *Claudia*. Utilizaremos como base teórica a Análise de Discurso Pecheutiana; para essa teoria, os sentidos não existem *a priori*, não estão no texto para serem decodificados, mas são elencados a partir da ideologia à qual o sujeito se filia. Dessa forma, observaremos as materialidades linguísticas e imagéticas importantes nas referidas revistas para compreendermos quais são os posicionamentos ideológicos presentes sobre a imagem da mulher e do trabalho feminino.

As mulheres sempre trabalharam no ambiente doméstico nas tradicionais funções: dona de casa, mãe e esposa. Foi a partir do século XIX que elas passaram a ser aceitas nas indústrias, devido à necessidade urgente de mão de obra, porém, quando havia homens suficientes para atender a demanda, elas eram relocadas novamente no lar. A partir da contribuição do feminismo no século XX, com várias pautas e embates fervorosos a favor da igualdade e liberdade das mulheres, a engrenagem começou a funcionar, e elas aos poucos foram conquistando espaço na sociedade e no mercado de trabalho. Com a chegada do século XXI, vê-se um cenário diferente daquele vivenciado em séculos passados, porém há ainda muito que se alcançar para que a igualdade seja realmente efetivada e as mulheres não sejam as únicas responsáveis pela organização do lar e o cuidado com os filhos; para que também a paridade salarial seja garantida e a ascensão delas a cargos altos na composição das empresas não seja rechaçada.

Este trabalho está dividido em cinco seções. Na primeira, falaremos sobre os principais pressupostos da teoria: sujeito, sentido, condições de produção, formações imaginárias, formação discursiva e formação ideológica, interdiscurso e silêncio. Sabe-se que os discursos refletem posições ideológicas dos sujeitos e a inscrição dos mesmos em determinadas formações discursivas, bem como resgatam já-ditos que partem do interdiscurso. Assim, nesta dissertação, procuraremos analisar os sentidos que permeiam o trabalho feminino nas publicações das revistas em estudo, considerando as condições de produção e o silenciamento de dizeres.

Na segunda seção, faremos ponderações sobre a mídia enquanto difusora de ideologias, já que a materialidade que escolhemos como nosso objeto de estudo, a revista, faz parte do que se considera imprensa escrita. Os veículos midiáticos podem tanto informar quanto não

informar, pois indicam posições de sujeitos interpelados ideologicamente, assim, cabe ao receptor não olhar ingenuamente para a instituição midiática, desconfiando do que nela circula.

Na terceira seção, trataremos da constituição da mulher e do trabalho na sociedade brasileira desde a época do Brasil Colônia, período em que a escravidão imperava no país. Nesse contexto, as mulheres negras e índias estavam inseridas na categoria que tinha sua mão de obra e seu corpo utilizados pelos senhores. As mulheres brancas pobres que vieram para cá também ofertavam seu trabalho em atividades ligadas à vida doméstica; já as mulheres brancas das classes abastadas, as senhoras, faziam parte do pequeno grupo de exploradores, elas figuravam na casa grande, ajudavam a comandar as escravas, entretanto também não trabalhavam, não estudavam, nem podiam sair sozinhas. Passando ao período do Império, algumas mudanças ocorreram no Brasil, e as mulheres ricas passaram a se dedicar aos filhos, as pobres começaram a ser aceitas nas indústrias, que alcançaram o auge na época, e as mulheres negras submetiam-se às tarefas que conseguiam como quitandeiras, lavadeiras, entre outras. No Brasil República, a vida das mulheres adquire novas nuances, e aos poucos vai se delineando a configuração feminina que hoje conhecemos. Em um primeiro momento, elas conseguiram acesso à Escola Básica e conquistaram vagas no comércio, em escritórios e indústrias. Com bastante luta e apoio dos movimentos feministas, elas conseguiram vários direitos, tais como o acesso à pílula anticoncepcional e o direito ao voto, e, no decorrer dos anos, ocuparam cadeiras nas universidades, o que possibilitou acesso a profissões diversas. Ainda nessa seção, falaremos sobre a constituição de algumas profissões e a contribuição do feminismo para a entrada da mulher no mercado de trabalho e sua permanência.

Na quarta seção, trataremos da metodologia escolhida para este trabalho a partir das contribuições de Pêcheux e Orlandi e mostraremos as categorias de análises selecionadas. Será feita também a caracterização do *corpus* e serão explicitados os modos de escolha e seleção do mesmo.

Na quinta e última seção, apresentaremos as análises realizadas a partir de textos verbais e imagéticos das revistas *Jornal das Moças* e *Claudia*, nas quais observamos reportagens, artigos, anúncios, propagandas e outros gêneros textuais que apresentaram sequências discursivas relevantes, que possibilitaram a geração de sentidos. Faremos ainda uma comparação entre os discursos observados nas duas revistas para constatarmos se houve mudança nos dizeres depois de mais de meio século de diferença entre uma revista e outra.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, mas não definitivas deste trabalho, a fim de que outros pesquisadores se interessem por se debruçar sobre a temática da mulher e do

trabalho, já que, quanto mais informação houver sobre um tema, menores as chances de que ele seja recriminado.

1 ANÁLISE DE DISCURSO PECHEUTIANA: NOSSA BASE TEÓRICA

A teoria Análise de Discurso de Linha Francesa (doravante AD) surgiu na década de 60 do século XX, após críticas ao estudo apenas formal da língua, que não levava em conta o sujeito e a história. A partir das inquietações do filósofo Michel Pêcheux, a vertente pecheutiana da AD, que no início era denominada Teoria do Discurso, foi elaborada e, ao longo da sua constituição, passou por três fases. A primeira fase (AD1) vai de 1969 a 1975 e ficou conhecida por utilizar o método “maquinaria discursiva”, que atuava por etapas sobre discursos fechados em si, como o político, por exemplo, os quais não tinham muita abertura para a polissemia.

Nesse período, buscou-se, como demonstra Pêcheux (1993[1969], p. 312):

- 1) Reunir um conjunto de traços discursivos empíricos (“corpus de sequências discursivas”) fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva.
- 2) Construir, a partir desse conjunto de traços e através de procedimentos linguisticamente regulados, o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas desses traços.

Sobre a (AD1), veremos Heine (2012):

É nessa fase que surge a noção de “maquinaria discursiva” fechada em si mesma, através da qual se processaria a descrição dos discursos. Essa máquina pressupunha condições de produção homogêneas e estáveis. Nessa primeira fase foram gestados por Pêcheux os conceitos de discurso e de condições de produção. Ainda nessa primeira fase, o sujeito é concebido como um “sujeito-forma”, que não é um sujeito autônomo, pois ele está preso a condições históricas que regulam o seu discurso. O sujeito é marcado pela posição social que ocupa, a qual interfere na sua atividade linguageira (HEINE, 2012, p. 116-7).

O discurso, nessa época, era visto como resultado de condições de produção estáveis e homogêneas, e o sujeito era considerado assujeitado a questões históricas e percebido como origem do dizer. Após várias críticas à “maquinaria discursiva”, emerge a segunda fase (AD2), que vai de 1975 a 1980, na qual impera o conceito de formação discursiva, tomada de empréstimo a Foucault, mas considerada aqui como pertencente a uma formação ideológica e não apenas como um conjunto de enunciados que são submetidos a uma regularidade e dispersão como propunha Foucault (2002, p. 43). Para Pêcheux, a formação discursiva é tudo aquilo que pode e deve ser dito em determinada conjuntura; é heterogênea, pois constitui-se de

outras formações discursivas sob a forma de pré-construído. A respeito dessa fase, Pêcheux (1993[1969]) conclui que:

AD2 manifesta muito poucas inovações: o deslocamento é sobretudo sensível ao nível da *construção* dos *corpora* discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente duas influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição contrastada (PÊCHEUX, 1993[1969], p. 315 [grifos do autor]).

A terceira fase (AD3) é compreendida entre 1980 e 1983. Nessa última fase, o sujeito consolida-se como assujeitado à língua e à ideologia; a noção de maquinaria discursiva cai definitivamente e o conceito de interdiscurso, o primado do Outro sobre o mesmo, fica em voga, trazendo consigo a ideia de que toda formação discursiva advém desse conjunto maior em que repousam todas outras FDs que compõem o discurso; assim, o interdiscurso torna-se um pressuposto fundamental da AD.

Como foi visto, a AD, como qualquer outra teoria, foi reformulada ao longo do tempo até chegar ao que hoje se apresenta aos pesquisadores e estudiosos dessa forma crítica de analisar o discurso presente nas materialidades orais, escritas ou imagéticas.

Após essa breve explanação sobre as fases pelas quais passou a teoria que sustenta este trabalho, vale dizer que a AD recebeu contribuições do tripé: Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise. Ela utiliza conceitos de cada uma dessas teorias, mas não se limita a apenas reproduzi-los, a AD amplia e, por vezes, transforma as noções já estabelecidas pelo tripé citado.

Da Linguística, a AD utiliza a noção de língua, porém nega a sua transparência, pois acredita que não há uma relação linear entre linguagem-pensamento-mundo. Para a AD, a língua é opaca, heterogênea, está sujeita ao equívoco, à falha e aos deslizos. Não há um sentido único para as palavras ou enunciados, mas sentidos diversos que variam segundo a posição ideológica dos sujeitos. A AD considera também o funcionamento da língua como parcialmente autônomo, ou seja, ela possui algumas regras estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe), mas essas regras não estão fechadas em si mesmas, antes funcionam segundo o processo discursivo de uma certa conjuntura, assim, os elementos linguísticos constituem-se inexoravelmente pela exterioridade (aspectos históricos, sociais e culturais).

O materialismo histórico, responsável por inserir a língua na história e por mostrar que a história não é transparente, também foi de grande importância para a constituição da AD, pois Pêcheux filiou-se às ideias de Althusser, o qual, após uma releitura de Marx, afirmou que todos

os indivíduos estão filiados a alguma classe social e por isso ocupam posições em grupos sociais que agem com certa regularidade.

Os indivíduos são interpelados pela ideologia em sujeitos e, a partir da posição social que ocupam, filiam-se a determinada formação discursiva. Vale lembrar que Althusser (1985), em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, introduz o conceito de ideologia e afirma que ela é materializada por instituições como a igreja, a escola e a família de forma tão sutil que o sujeito nem percebe que está sendo marcado ideologicamente, e isso é possível através do uso da língua, uma grande difusora de ideologias.

Concernente à Psicanálise, a AD adotou a concepção de sujeito formulada por Lacan a partir das leituras de Freud. O sujeito é atravessado pelo inconsciente, é submetido ao discurso do Outro, esse outro, com “O” maiúsculo, denota que há outras vozes, vindas de outro lugar; isso marca o fato de que o sujeito não é origem do dizer, não está no início do discurso, mas apropria-se inconscientemente de já-ditos ao enunciar, e esse processo é necessário para que o que está sendo dito no momento faça sentido. Sobre esse tripé, Orlandi (2015) conclui:

A AD é herdeira dessas três regiões de conhecimento, mas não o é de modo servil [...] Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2015, p. 18).

1.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS DA AD PECHEUTIANA

Foi visto até agora que a AD considera a língua como opaca, que utiliza elementos linguísticos a fim de compreender o discurso se materializando, que se interessa pela ideologia, pois essa afeta a língua juntamente com a história, e que o sujeito é afetado pelo inconsciente. Neste espaço, serão explanados alguns pressupostos básicos que norteiam a AD pecheutiana, tais como: o discurso, o sentido, as condições de produção, as formações imaginárias, discursivas e ideológicas, o interdiscurso e a política do silenciamento.

1.1.1 Discurso: efeito de sentidos

Ao propor o discurso como objeto de estudo, Pêcheux diferencia-se de outros teóricos que estudavam a língua e/ou o texto relacionando-os aos aspectos exteriores. Os formalistas importavam-se com o conteúdo formal da língua, portanto realizavam análises nos níveis

morfológico, fonológico e sintático. Os pragmáticos acreditavam que o contexto imediato e a situação eram fatores importantes a serem considerados na compreensão do texto, e que o sujeito era intencional, característica que o faria provocar uma reação no ouvinte. Jakobson, para mostrar como se estabelecia efetiva comunicação, criou o tão famoso esquema elementar, no qual o emissor transmitia uma mensagem a um receptor através do código linguístico, e essa mensagem referia-se a elementos da realidade; assim, nesse esquema, o falante era visto apenas como um ser passivo que recebia e repassava mensagens. Pêcheux (1993[1969]), então, critica essa última forma de ver a língua e institui o discurso como seu objeto de estudo, definindo-o da seguinte forma: “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B.” (PÊCHEUX, 1993[1969], p. 82). Assim, esses pontos representam posições sociais ocupadas pelos sujeitos no discurso e não sujeitos empíricos. O discurso, para a AD, não tem um sentido *a priori*, ele é constituído a partir da posição ocupada pelo sujeito ao ser interpelado pela língua e pela ideologia. Dessa forma, a língua materializa discursos, os quais materializam ideologias. Sobre o discurso, Orlandi (2015) esclarece que:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc (ORLANDI, 2015, p. 19).

O discurso não é individual, pois não está no sujeito concebido como origem do dizer, não é universal, já que em cada sociedade os sujeitos são interpelados de um modo a construir sentidos de acordo com as condições de produção. Ele é social, uma vez que o discurso não possui um sentido único, mas sentidos possíveis constituídos a partir do assujeitamento do sujeito à língua e à ideologia. Assim, o discurso não é a própria língua, não é texto, não é fala, mas utiliza-se de elementos linguísticos para ter existência material (FERNANDES, 2008). Concluimos que o discurso está localizado além da palavra, que seus sentidos não são fixos: movem-se e transformam-se para acompanhar as mudanças sociais e políticas na sociedade.

Vale aqui fazer uma breve explanação do que o sentido significa para a AD. Ele não é imanente ao texto, mas está além dele. Conforme Fernandes (2008):

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados

pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que as empregam (FERNANDES, 2008, p. 14).

O sentido, como está explicitado acima, não é uma relação linear entre a palavra e a coisa; não atravessa o texto para encontrar um sentido do outro lado. Como bem afirmava Pêcheux (1995), “o sentido da palavra não existe em si mesmo”, mas é construído a partir da posição ideológica ocupada pelo sujeito. É importante lembrar que os sentidos não se esgotam, por isso geram efeitos diferentes para distintos interlocutores.

Concernente a isso, Orlandi (2015) conclui que o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. Se, por exemplo, a palavra “mulher” for discursivizada, a depender da formação ideológica a que o sujeito se filie, será gerado o sentido de que “é aquela que trabalha fora, que é independente financeiramente”, enquanto em outro sujeito pode-se constituir o sentido de que “é a pessoa que assume as tarefas domésticas, que cuida do lar, dos filhos e do esposo”, e assim por diante.

1.1.2 Condições de Produção e Formações Imaginárias

Pêcheux, em sua teoria, percebe a importância de considerar as questões exteriores no uso da língua. Para ele, um discurso é sempre pronunciado a partir de certas circunstâncias, ou seja, de condições de produção dadas. Assim, ele afirma:

É impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada em si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção (PÊCHEUX, 1993, p. 79).

Para compreender o discurso, é necessário inseri-lo em condições de produção determinadas. Elas englobam o contexto imediato (as circunstâncias da enunciação), e também o contexto sócio-histórico (elementos da formação da sociedade que são retomados). Orlandi (2015) ressalta que as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação, e que a memória também faz parte da produção do discurso. Para exemplificar, vejamos as seguintes afirmações retiradas do *Jornal das Moças* e de *Claudia* “Sim; uma mulher casada que pode viver exclusivamente para o lar geralmente é mais feliz do que aquelas que, além do trabalho caseiro, têm que sair para trabalhar fora”. (Revista *Jornal das Moças*, 1951, p. 90). Como

contexto imediato podemos considerar a década de 50 e as limitações que as mulheres sofriam, como contexto sócio histórico temos que ao longo dos séculos houve uma tentativa de relegar a mulher sempre ao lar, por isso discursos aliando a felicidade própria e a da família ao fato da mulher permanecer somente em casa são constantes. Já no enunciado “por razões culturais, as mulheres acumulam uma cesta básica de papéis bem maior que a dos homens. “ E eles acabam largando diversas coisas nas costas delas””. (Revista *Claudia*, 2010, p.110), observa-se que o século XXI corresponde ao contexto imediato, época em que as mulheres já adquiriram maior liberdade e o contexto sócio histórico abrange tudo o que a mulher passou ao longo do tempo para conquistar espaço na sociedade e que acarretou aumento das suas funções, pois o homem não assumiu na mesma proporção as atividades do lar que também lhe compete e não somente à mulher.

Pertencente às condições de produção, temos, segundo Pêcheux (1993[1969]), as formações imaginárias que são muito importantes para entendermos o processo discursivo, pois elas dizem respeito a uma série de imagens projetadas no jogo do discurso. São essas projeções que permitem saber de que lugar os sujeitos falam: lugar de operário, de padre, de patrão, etc. Segundo Pêcheux (1993[1969]):

O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (PÊCHEUX, 1993[1969], p. 82).

Essas formações imaginárias são explicadas no quadro a seguir, elaborado pelo filósofo francês.

Quadro 1 - Formações Imaginárias

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente	
A	I _A (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	I _A (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	I _B (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	I _B (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

Fonte: Pêcheux (1993, p. 83)

Como mostra o quadro, o que determina os dizeres é a imagem que o sujeito faz da sua posição social e da posição do outro como protagonistas do discurso, e vice-versa. Dito de outro modo, o que interessa no jogo discursivo é um imaginário de posições sociais que acontece no momento do discurso. Salientamos que da mesma forma que, para Pêcheux, os efeitos de sentidos entre os pontos A e B não são lugares empíricos, mas posições sociais, assim também a formação imaginária não corresponde à imagem individual, mas representações que o sujeito faz desse lugar. O sujeito emissor constrói a imagem de si e do seu interlocutor, representado no quadro pelas respectivas perguntas “Quem sou eu para lhe falar assim?” e “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”, além disso, há a imagem que o interlocutor constrói sobre o sujeito emissor representada no quadro pelas seguintes perguntas: “Quem sou eu para que ele me fale assim?” e “Quem é ele para que me fale assim?”. Além das representações explicitadas no quadro, há também a imagem que o sujeito emissor faz do referente, ou seja, do objeto imaginário que está sendo discursivizado, e não da realidade física. Assim, no processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e estabelecer modos de dizer que se adequem às representações de imagem feitas por eles. Neste trabalho, veremos a imagem que a revista *Jornal das Moças* constrói sobre o trabalho feminino na década de 1950 e também como é concebida a imagem sobre mulher e trabalho em um momento mais recente, para o que utilizaremos a revista *Claudia*.

1.1.3 O Sujeito e os Esquecimentos

Outra noção bastante relevante para a AD é a de sujeito. Para essa teoria, o que importa considerar não é o indivíduo empírico dotado de uma digital e de uma carteira de identificação, e sim o sujeito histórico, assujeitado à língua e à ideologia, que ocupa uma posição social e enuncia a partir desse lugar. De acordo com Orlandi (2015), o sujeito:

É materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2015, p. 46).

Algumas teorias, como a Pragmática, por exemplo, consideram o sujeito como intencional, o qual possui o propósito de, ao enunciar, produzir uma ação no outro. Pretende-se, a partir do dito, obter determinada atitude do interlocutor, visto que esse sujeito é percebido como origem do dizer, dono e controlador dos sentidos do dito. Pêcheux critica tais teorias e

afirma que “elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão, através da idéia de um sujeito enunciador portador de escolha, intenções, decisões”. (PÊCHEUX; FUCHS (1993[1969], p. 175)). O filósofo francês institui, então, sua forma de pensar o sujeito. Ele é assujeitado, não é totalmente livre para dizer o que quer, portanto não controla os sentidos do que diz.

Para compreender o assujeitamento, é necessário considerar que o sujeito é, ao mesmo tempo, livre e submisso – ele é livre para dizer o que quiser, desde que se submeta à língua, isto é, ele é livre para se filiar a uma formação discursiva e preso porque sempre é interpelado ideologicamente. Conforme Possenti (2005, p. 386), “o sujeito é assujeitado, isto é, não é livre e não está na origem do discurso [...]”. Isso implica pensar em um sujeito que não é origem do dizer, é marcado pelo social, construído sociohistoricamente e que, ao enunciar, resgata já-ditos, ou melhor, outras vozes que sustentam o seu dizer. Essa noção de outras vozes adveio da Psicanálise, como já foi explicitado anteriormente. Fernandes (2008) conclui:

O sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro (FERNANDES, 2008, p.22).

Para Pêcheux e Fuchs (1993[1969]), o sujeito, para ser constituído como tal, é marcado por dois tipos de esquecimentos: o esquecimento nº 1 e o esquecimento nº 2.

O esquecimento nº 2 está na relação com os modos de enunciação no discurso e acontece de forma parcial. Assim, o sujeito pensa que escolhe livremente uma palavra ou outra para falar, que controla o que diz, já que no decorrer da enunciação pode reformular o que foi dito através da família de paráfrases. Pêcheux e Fuchs (1993[1969], p. 176) escrevem: “[...] desse modo se acha, pois, desenhado num espaço vazio o campo de ‘tudo o que teria sido possível ao sujeito dizer (mas que não diz)’ ou o campo de ‘tudo a que se opõe o que o sujeito disse’”. Para Orlandi (2015), esse esquecimento produz em nós a realidade do pensamento, faz-nos acreditar que existe uma relação direta entre linguagem, pensamento e mundo, e ainda que o que falamos só pode ser dito dessa forma. A título de exemplo, pensemos no seguinte enunciado: “uma boa esposa não mostra aborrecimento quando, vez por outra, o espôso trazer, de improviso, colegas já seus conhecidos e homens de boa conduta, naturalmente para almoçar” (Revista *Jornal das Moças*, 1954, p. 59). Observa-se que, aparentemente, esse enunciado foi escolhido aleatoriamente, mas, ao dizer “boa esposa”, o sujeito está afirmando que aquela que não age dessa maneira não se encaixa na categoria de boa esposa.

Já o esquecimento nº 1, também conhecido como esquecimento ideológico, resulta do modo como somos afetados pela ideologia; através dele temos a ilusão de ser origem do dizer, quando na realidade enunciamos a partir de já-ditos, retomamos sentidos pré-existentes, ou, ainda, enunciamos a partir de outras vozes, do Outro¹.

O esquecimento nº 1, cuja zona é inacessível ao sujeito, precisamente por essa razão, aparece como constitutivo da subjetividade da língua. Desta maneira, pode-se adiantar que este recalque (tendo ao mesmo tempo como objeto o próprio processo discursivo e o interdiscurso, ao qual ele se articula por relações de contradição, de submissão ou de usurpação) é de natureza inconsciente, no sentido em que a ideologia é constitutivamente inconsciente dela mesma (e não somente distraída, escapando incessantemente a si mesma...) (PÊCHEUX; FUCHS (1993[1969], p. 177)).

Quando o sujeito enuncia, resgata outras vozes ditas por outros em outros lugares e épocas sem que se dê conta disso, e é fundamental que isso aconteça para que, nesse processo entre o já-dito e o produzido agora, surjam novos sentidos. Destarte, o sujeito é heterogêneo, é construído pela interação com o outro e o Outro, e isso se dá de forma involuntária e dupla.

A partir desse momento, faremos uma explanação sobre dois pressupostos fundamentais dessa teoria, que são formação ideológica e formação discursiva.

1.1.4 Formação Ideológica (FI) e Formação Discursiva (FD)

A ideologia, no Marxismo, funcionava como uma tentativa de esconder a realidade para que as pessoas não percebessem que eram exploradas pela classe possuidora do domínio ideológico. Pêcheux transforma essa noção e afirma que a ideologia não está ligada a um conjunto de representações ou à ocultação da realidade, ela corresponde à prática material que interpela os indivíduos em sujeitos. Enquanto prática significativa, “a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história, para que haja sentido” (ORLANDI, 2015, p. 46). Não se pode fugir da ideologia, visto que, ao nascer, o sujeito vai se apropriando da língua, e essa, por sua vez, já vem carregada de posições ideológicas. A ideologia é a representação da relação imaginária do sujeito com o mundo.

A noção de ideologia que a AD segue foi cunhada por Althusser em sua releitura ao Marxismo. Ele afirma, no livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, que a classe dominante cria mecanismos de reprodução de suas condições materiais, políticas e ideológicas

¹ O “Outro”, com “O” maiúsculo, na AD pecheutiana, refere-se às vozes que estão no inconsciente do sujeito e influenciam o seu discurso.

através dos Aparelhos Repressivos do Estado (ARE), os quais são representados pelo exército, pela polícia, pelos tribunais – esses funcionam pela violência e pela repressão; e dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), tais como: a escola, a igreja, a família, os sindicatos, etc., que agem pela interpelação ideológica. Althusser (1985) explica que, até certa época, a igreja e a família eram as maiores fontes de transmissão de ideologia, e que hoje, devido à mudança da conjuntura social, a escola e a família ocupam esse posto.

Ao falar dos AIE, o autor diz que a ideologia tem uma existência material, pois determina a relação do sujeito com a realidade que o cerca e acaba por dirigir sua vida real. Ou, como ele também afirma, “não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela”. Dessa forma, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeito” do seu discurso, assim cada sujeito seria levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. Segundo Brandão (1991), a interpelação ideológica consiste em:

Fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. As classes sociais, assim constituídas, mantêm relações que são reproduzidas continuamente e garantidas materialmente pelo que Althusser denominou AIE (BRANDÃO, 1991, p. 38).

A partir da noção de ideologia baseada em Althusser, Pêcheux e Fuchs (1993[1969]) apresentam o termo “formação ideológica”, que “constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”. Sendo assim, é a FI que nos influencia a pensar e agir de determinadas formas, filiando-nos a um ou outro grupo. As FI só são apreensíveis por meio do discurso, por isso é preciso passar pela língua.

A FI tem como um de seus componentes a FD, termo advindo de Foucault e modificado pela AD, que está presente nessa teoria desde sua 2ª fase. Pêcheux (1995) escreve:

Chamaremos, então, de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Assim sendo, as FDs determinam como um dado sujeito pertencente a uma determinada conjuntura social/religiosa/familiar pode e como não pode se posicionar perante as temáticas da sociedade em que vive.

Vale ressaltar que as FDs são governadas por FIs, desse modo, não existirá FD que não se submeta a alguma FI. Além disso, dentro de uma dada FI, por sua vez, será possível encontrar diferentes FDs, pois refletem as diversas posições sociais que os sujeitos ocupam.

É importante esclarecer ainda que toda FD tem seus saberes regulados também por uma forma-sujeito, ou seja, por um modelo ideal de sujeito que se submete e se associa totalmente à determinada FD que o domina. Nas palavras de Pêcheux, “[...] a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza *o non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira*” (PÊCHEUX, 1995, p. 266).

Na forma-sujeito, não há espaço para a contradição, nem para a alteridade; não há questionamento. Freda Indursky (2005) assinala que:

O sujeito do discurso, ao tomar posição, identifica-se plenamente com seus semelhantes e com o Sujeito, reduplicando sua identificação com a forma-sujeito que organiza o que pode ou não ser dito no âmbito da FD (INDURSKY, 2005, p. 5).

Há um movimento dentro da FD, que Pêcheux denomina de “modalidades de tomada de posição”, que classifica o sujeito enunciador quanto ao nível de filiação a determinada FD, ou seja, quanto à aproximação à forma-sujeito da FD.

A primeira modalidade, conhecida como “bom sujeito”, é aquela em que o sujeito enunciador está totalmente identificado com a forma-sujeito da FD. Ele concorda com tudo o que está dito, reproduz *ipsis litteris* o que pode e deve ser dito por essa FD. Essa modalidade:

consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livre consentimento”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito (PÊCHEUX, 1995, p. 215).

A segunda modalidade é a do “mau sujeito”. Nessa categoria, o sujeito não se identifica completamente com os saberes da forma-sujeito da FD dada e passa a questionar, duvidar, colocar em cheque se aquele discurso é efetivamente válido e, dessa forma, ele se contraidentifica, gerando o movimento de heterogeneidade dentro das FDs. Sobre essa modalidade, Indursky (2005) afirma:

[...] desta superposição incompleta e, por conseguinte, imperfeita resulta um certo recuo que permite a instauração da diferença e da dúvida que são

responsáveis pela constituição da contradição no âmbito dos saberes da formação discursiva. Ou seja: esta segunda modalidade traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade, e isto resulta em uma FD heterogênea (INDURSKY, 2005, p. 6).

Por fim, a terceira modalidade de tomada de posição do sujeito é a desidentificação. Aqui, o sujeito desloca sua identificação de uma FD para outra por não concordar mais com os saberes da FD com que anteriormente estava identificado. “O efeito de desidentificação realiza-se paradoxalmente por um processo subjetivo [...] de identificação com as organizações políticas ‘de tipo novo’” (PÊCHEUX, 1995, p. 217).

Nota-se que o sujeito sempre está filiado a alguma FD, até mesmo quando diz não se identificar com nada. Quando rompe com uma dada FD, identifica-se com outra, pois sempre é interpelado pela ideologia.

[...]o sujeito-falante não pode, por definição se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. [...] remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão (PÊCHEUX, 1995, p. 173).

Desse modo, o sujeito nunca pode estar fora de uma FD, pois mesmo o espaço exterior a uma FD configura-se como espaço de outra FD. O que está fora de uma FD a determina porque só podemos dizer o que pertence a uma FD observando o que não se pode dizer nela, e sim em outra.

1.1.5 O interdiscurso

Como já foi falado anteriormente, a partir da terceira fase da AD, o interdiscurso ganhou força total. De acordo com Pêcheux (1993[1969]), interdiscurso é um “todo complexo ‘com dominante’ das formações discursivas”. Todo discurso está vinculado a esse conjunto maior no qual repousam todas as FDs de todas as épocas. É como se fosse um grande círculo que abarca todos os dizeres já ditos que hoje estão esquecidos ou em evidência.

O interdiscurso é primordial no entendimento da teoria pecheutiana, visto que ele está intimamente ligado ao discurso, que é o efeito de sentidos entre os pontos A e B. Como o sentido não está no texto, não é uno, mas múltiplo e se instala no campo dos sentidos possíveis, o interdiscurso contempla todos os sentidos que serão gestados pelos interlocutores, ele funciona

como um armazenamento de discursos que podem ser consultados inconscientemente a todo o tempo e em todas as épocas.

No gesto de retomada de discursos anteriores, o sujeito pode reafirmá-los ou reformulá-los, e aqui está a capacidade do sujeito ao se movimentar, indo de uma FD para outra. Ele não é origem do dizer, é assujeitado a uma rede ideológica acionada para que o seu discurso faça sentido. Esse movimento é inconsciente, visto que o sujeito só é sujeito por conta da ideologia. Assim, sua possibilidade de agir sobre o discurso ocorre apenas no momento em que retoma já-ditos para lhes dar uma nova acepção, e, dessa forma, o discurso faz sentido, porque foi realizado sobre um pré-construído que já existe ou existiu em outro lugar. Para Orlandi (2015):

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague na memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras (ORLANDI, 2015, p. 31-2).

Orlandi (2015, p. 29) considera que, quando pensada em relação ao discurso, a memória assemelha-se ao interdiscurso: “é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

Ao contrário de Orlandi, Indursky não considera o interdiscurso similar à memória. Para ela, o interdiscurso engloba o todo, “reúne todas as vozes anônimas e todos os sentidos que já foram produzidos” (INDURSKY, 2009, p. 7), ou seja, tudo o que já foi dito em todas as épocas, e isso não envolve apenas os dizeres de uma FD específica, mas o todo dizível, o qual não possui lacunas, está todo preenchido, é saturado.

Já a memória engloba o conjunto de discursos que permeiam a forma-sujeito da FD, e ainda aponta os sentidos que não podem ser ditos na FD. É ela responsável por fazer com que sentidos sejam esquecidos em determinado momento no seio da FD e que sejam retomados em outro tempo por essa ou outra FD. Assim, ela é lacunar, engloba um certo conjunto de sentidos, mas não todos. Indursky (2009) assim diferencia interdiscurso e memória discursiva:

Por tudo quanto precede, entendemos que tanto a memória discursiva como o interdiscurso dizem respeito a uma memória coletiva, social, mas não se superpõem, não se confundem. A memória discursiva está circunscrita a uma FD específica, enquanto o interdiscurso representa a memória social referente a todas as FD que compõem o complexo com dominante (INDURSKY, 2009, p. 9).

Importa falar ainda que há uma relação entre o já-dito e o que está a se dizer: é a relação do intradiscorso com o interdiscorso. O interdiscorso representa um eixo vertical em que os dizeres já ditos e esquecidos estão depositados, é o conjunto do dizível que vai ser utilizado como repetição ou ressignificação. O intradiscorso está no eixo horizontal, eixo da formulação, diz respeito ao que está sendo dito no momento em condições dadas. Assim, toda a enunciação encontra-se no cruzar de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualização do já-dito (formulação).

Para este trabalho, adotaremos a noção utilizada por Orlandi (2015), ou seja, falaremos de interdiscorso e memória discursiva como semelhantes quando recorrermos aos já-ditos que são retomados nos discursos enunciados pelas revistas.

Para a AD, é importante considerar também a existência do discurso transversal que remete ao pré-construído retomado do discurso de um grupo específico, assim ocorre o atravessamento de outros discursos no discurso atual. Para Pêcheux “o funcionamento do “discurso transversal” remete àquilo que, classicamente é designado por metonímia, enquanto relação da parte com todo, da causa com o efeito, do sistema com o que ele designa” (PECHEUX, 1995, p.153). Desse modo, o discurso transversal funciona gerando efeitos de sentido que remetem a discursos autorizados por determinados grupos da sociedade.

1.1.6 O silêncio e suas formas

Até agora falamos do discurso e das várias conjunturas que o fazem significar. A partir deste momento, faremos uma breve explanação sobre o sentido do silêncio ou dos silêncios. Orlandi (2007, p. 33), em *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*, traz para a AD a noção de silêncio, mas não o silêncio como etimologicamente a palavra é definida, “aquele que se cala, que é silencioso, que não faz ruído, calmo, que permanece em repouso”, nem tampouco o silêncio relacionado ao nada, ao vazio, como negativamente ele foi relegado.

A autora traz uma nova acepção ao silêncio, coloca-o como um fator anterior à linguagem. Em um dos subtítulos do livro, escreve a linguista: “No início é o silêncio. A linguagem vem depois” (ORLANDI, 2007, p. 27). Com essa afirmação, ela desloca o silêncio para um sentido positivo, interessante. Vale comentar que esse silêncio não é considerado no sentido físico. O que importa é que o silêncio não fala, ele significa.

Na relação entre sujeito e sentido, a concepção de silêncio é condição necessária para a significação. Ele está antes das palavras e entre elas. Conforme Orlandi (2007, p. 12), “há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter da incompletude da linguagem: todo o dizer é uma

relação fundamental com o não dizer”, logo, quando se diz alguma coisa, conseqüentemente não se enuncia outra.

Conforme Orlandi (2007, p. 14), “o silêncio é fundante”, ele é o real do discurso. Por isso, quando não estamos falando, não significa que estamos mudos; estamos em silêncio, mas continuamos no sentido. O silêncio vem antes das palavras como um *continuum* múltiplo. O homem pode utilizar as palavras porque existe silêncio; se assim não fosse, o dizer não poderia ser compreendido, visto que se utilizariam todas as palavras existentes e não se conseguiria estabelecer um sentido. É inútil tentar traduzir o silêncio em palavras, porque ele significa de forma diferente, mas é possível compreender o seu sentido por métodos discursivos de observação.

Para torná-lo visível, portanto, é preciso observá-lo indiretamente por métodos históricos, críticos, “des-construtivistas”. Sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio, uma vez que nesse caso há apenas pistas, “traços”: “É por fissuras, rupturas, falhas, que ele se mostra fugazmente” (ORLANDI, 2007, p. 45,46).

Os sentidos são vários, não se prendem à linguagem, encontram-se também no silêncio, o qual aparece no equívoco, nas falhas da língua, na incompletude da linguagem que produz a possibilidade do múltiplo, do *continuum*. Vale comentar que o silêncio significa, ele não fala; o silêncio não é transparente, ele é opaco; não é traduzível em palavras, ele atua na passagem entre pensamento-palavra-coisa.

Há uma diferença entre silêncio e implícito. Conforme Orlandi (2007, p. 65-6), no implícito, o não dito remete ao dito, ele se manifesta através de outras palavras, de algum elemento linguístico exposto no enunciado. O silêncio não tem relação de dependência com o dito, ele continua silêncio e significa, seu sentido não deriva do sentido das palavras. Explicando de outro modo, no implícito, o sentido da palavra suprimida é passível de ser recuperado, já o silêncio não tem relação com a palavra, não há supressão, ele é deixado de fora, é apagado da linguagem. Ele significa em (por) si.

Orlandi classifica o silêncio em dois tipos: o silêncio fundador e a política de silêncio, ou silenciamento. Ela afirma, entretanto, que eles não funcionam de forma segmentada, é importante salientar que “as duas formas de silêncio acompanham qualquer discurso, qualquer processo de produção de sentidos. Mas elas funcionam de maneira diferente” (ORLANDI, 2007, p. 128).

O silêncio fundador não é a ausência de sons ou de palavras, significa em si e por si mesmo. “O silêncio é contínuo e há sempre sentidos a se dizer” (ORLANDI, 2007, p. 70). Ele indica que o sentido pode ser outro e que o não dizer significa por si mesmo. O silêncio fundador:

é o silêncio que existe nas palavras, que as atravessa, que significa o não-dito e que dá um espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar. O silêncio como horizonte, como iminência do sentido, é a respiração da significação para que o sentido faça sentido (ORLANDI, 2007, p. 128).

Com essa afirmação, entende-se que, sem silêncio, não há sentidos e que os sentidos só não foram esgotados ao longo do tempo porque existe esse lugar de recuo. Só é possível haver discurso porque existe o silêncio.

Além do silêncio fundador, a outra forma de silêncio é a chamada política de silêncio, que se define pelo fato de que, ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis em uma situação discursiva dada. Ao contrário do silêncio fundador, que significa em (por) si mesmo, a política de silenciamento estabelece um recorte entre o que se diz e o que não se diz. E é esse caráter de significar por si mesmo do silêncio fundador que possibilita a política de silêncio. A política do silenciamento subdivide-se em:

- silêncio constitutivo
- silêncio local (censura)

Para caracterizar o silêncio constitutivo, Orlandi (2007) assevera:

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção de sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: se diz “x” para não (deixar) dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos (ORLANDI, 2007, p. 73-4).

Assim, percebe-se que essa forma de silêncio (o constitutivo) diz respeito a um dizer que apaga outros dizeres que se quer evitar. Pode-se afirmar então que esse silêncio tem a ver com a FD em que certos dizeres não podem ser efetuados a partir da inscrição em determinada ideologia. Quando, na revista dos anos 50, o enunciador diz: “para ser bôa esposa tem que ser bôa dona de casa” (*Jornal das Moças*, 1951, p. 16), observa-se que se escolheu o enunciado “bôa dona de casa” para silenciar outros possíveis dizeres como “carinhosa”, “companheira”,

“amiga”, que não fazem parte da FI de quem enunciou; além disso, utilizou-se a expressão “tem que ser”, mostrando que é uma obrigação da esposa, e não uma opção.

A outra forma da política de silenciamento é denominada silêncio local ou censura, que representa a interdição do dizer. Diz respeito àquilo que é proibido dizer em certa conjuntura, do interditado, do proibido. Em outras palavras, há dizeres recuperáveis pelo sujeito que já foram ditos historicamente, mas proibidos localmente, ou seja, censurados nas circunstâncias da enunciação, na formulação: “proíbem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 76).

Orlandi (2007) define a censura como:

a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas. Consequentemente, a identidade do sujeito é imediatamente afetada enquanto sujeito-do-discurso, pois, sabe-se, a identidade resulta de processos de identificação segundo os quais o sujeito deve-se inscrever em uma (e não em outra) formação discursiva para que suas palavras tenham sentido. Ao mudar de formação discursiva, as palavras mudam de sentido. (ORLANDI, 2007, p. 76).

Desse modo, não é apenas do silêncio que estamos falando, mas do “pôr em silêncio”. O sujeito fica proibido de ocupar certas posições e assumir determinados sentidos, pois a censura impõe um jogo de relações de forças que impede o sujeito de falar isso ou aquilo, e assim ele só pode ocupar posição de sujeito para falar o que não lhe é proibido.

Analisaremos, a seguir, um exemplo retirado da revista *Jornal das Moças* para observar o funcionamento do silêncio, principalmente do silêncio local (censura), além da ideologia presente na materialidade a seguir.

Figura 1 - Anúncio de cursos e depoimentos de alunos

ASSEGURE O SEU FUTURO ESTUDANDO POR CORRESPONDÊNCIA

PORTUGUÊS - INGLÊS - SECRETÁRIO AUXILIAR E CAIXA - CORRESPONDENTE ESTENO-DATILOGRAFIA

Realize a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida em toda parte, e dirigida pela lei biológica, vence o mais forte. Seja

um dilette, desenvolva sua inteligência, armento o seu valor: UMA NOVA VIDA ADRESE À SUA FRENTE. Não saia e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

CONTABILIDADE

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de contabilistas realmente competentes. V. S. poderá facilmente chegar a um destes postos almejados. Não hesite em propor-nos o preparo necessário pois, além de um estudo teórico-prático

profundo, CADA ALUNO FAZ A ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL. Ficará habilitado a gerar os melhores ordenados e realizar a sonho de uma vida brilhante.

DESENHO ARQUITETÔNICO - DESENHO MECÂNICO DESENHO ARTÍSTICO

Inclui-se desenho comercial e publicitário

Conhe a sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajuda-lo-amos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CORTE E COSTURA BORDADO E TRICÔ

Centenas e centenas de moças e senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rápido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRA V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidas para esporte, etc, etc

RÁDIO E TELEVISÃO ELETRICIDADE

São incontáveis e maravilhosas as oportunidades que se oferecem aos técnicos especializados. V. S. pode ser um chefe e deturador de UMA POSIÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA INEGUALÁVEL, ocupando os cargos de maior destaque e ganhando ordenados verdadeiramente excepcionais. Tudo isso está ao seu alcance. Não perca tempo! Alivie sua personalidade e torne-se um homem independente.

...EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES...



Já antes ganhando dinheiro com a minha pequena profissão, em todas as cidades, a maravilhosa Maria C. de Almeida Est. de Minas Gerais



Gracias ao Instituto Universal Brasileiro sou gerente de uma Firma Construtora desta cidade e meu ordenado mensal corresponde três ou mais vezes à importância que paguei por todo meu Curso de Contabilidade. Antonio R. Pereira, Distrito Federal



Eu sou lavrador e hoje graças aos estudos por correspondência do Instituto Universal Brasileiro lido, estou ganhando um bom ordenado como Acadêmico de Escólio. Alberto G. Sanchez, MURUMBAI, Est. de S. Paulo



Estou contente com o resultado que recebi. Assistentia fiscal que é a melhor libel para a retidão de um comércio. Geraltto Catto, ARARUJA - Paraíba



Desenho de aluno novo Sr. ULYSES J. MARTINS, Juazeiro - Est. de S. Paulo



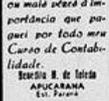
Um curso por correspondência é tão ou mais eficiente que um curso presencial. Ao aplicar a ciência ao emprego, não dando margem a dúvidas e permitindo, isto, aos alunos terem um melhor aproveitamento de seus estudos. José Maria de Sá, LAVRAS, Est. de Minas Gerais



Atrevido do vosso Curso por Correspondência admissíveis conhecimentos. A isto é o que se pode dizer, sem falhas a verdade: aprender muito em pouco tempo e sem grande dispêndio monetário. Manoel Ballico, BRAGA - Portugal



Acabo de empregar-me como distribuidor de máquinas no Departamento Regional do SENAI, de Porto Alegre, Divisão Técnica, - Projetos e Engenharia, graças aos maravilhosos e eficientes conhecimentos que recebi deste Instituto. Ary Alex Nardes, PORTO ALEGRE, Est. de S. Paulo



Acabo de empregar-me como distribuidor de máquinas no Departamento Regional do SENAI, de Porto Alegre, Divisão Técnica, - Projetos e Engenharia, graças aos maravilhosos e eficientes conhecimentos que recebi deste Instituto. Rosete G. Martins, IMPUNDAI, Est. de Minas



Com o auxílio de Deus e de minha esposa, graças aos estudos por correspondência do Instituto Universal Brasileiro, estou ganhando um bom ordenado como Acadêmico de Escólio. Carmelo P. da Silva, PETROPOLIS - Est. de Rio de Janeiro



Um curso por correspondência é tão ou mais eficiente que um curso presencial. Ao aplicar a ciência ao emprego, não dando margem a dúvidas e permitindo, isto, aos alunos terem um melhor aproveitamento de seus estudos. José Maria de Sá, LAVRAS, Est. de Minas Gerais



Atrevido do vosso Curso por Correspondência admissíveis conhecimentos. A isto é o que se pode dizer, sem falhas a verdade: aprender muito em pouco tempo e sem grande dispêndio monetário. Manoel Ballico, BRAGA - Portugal



Atrevido do vosso Curso por Correspondência admissíveis conhecimentos. A isto é o que se pode dizer, sem falhas a verdade: aprender muito em pouco tempo e sem grande dispêndio monetário. Manoel Ballico, BRAGA - Portugal



Atrevido do vosso Curso por Correspondência admissíveis conhecimentos. A isto é o que se pode dizer, sem falhas a verdade: aprender muito em pouco tempo e sem grande dispêndio monetário. Manoel Ballico, BRAGA - Portugal



Atrevido do vosso Curso por Correspondência admissíveis conhecimentos. A isto é o que se pode dizer, sem falhas a verdade: aprender muito em pouco tempo e sem grande dispêndio monetário. Manoel Ballico, BRAGA - Portugal

1806

não perca tempo e mande-nos HOJE o coupon ao lado

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CAIXA POSTAL 5058 - SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sobre o curso de _____ por correspondência (indicar o curso desejado)

NOME _____

RUA _____ N. _____

CIDADE _____ ESTADO _____

Fonte: Revista *Jornal das Moças* (1955, p. 60).

Figura 2 - Destaque de anúncios para homens e mulheres

**ASSEGURE O SEU FUTURO
ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA**

**PORTUGUÊS - INGLÊS - SECRETÁRIO
AUXILIAR E CAIXA - CORRESPONDENTE
ESTENO-DATILOGRAFIA**

Realiza a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida em toda parte, é dirigida pela lei biológica: vence o mais forte. Seja um dótil, desenvolva sua inteligência, suamente o seu valor. **UMA NOVA VIDA ADRESE À SUA FRENTE.** Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

CONTABILIDADE

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de contabilistas realmente competentes. V. S. poderá facilmente chegar a um destes postos almejados. Nós lhe proporcionaremos o preparo necessário pois, além de um estudo teórico-prático profundo, **CADA ALUNO FAZ A ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.** Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados e realizará o sonho de uma vida brilhante.

**DESENHO ARQUITETÔNICO DESENHO MECÂNICO
DESENHO ARTÍSTICO**

Insistire desenho comercial e publicitário

Conlle a sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada **UM FUTURO BRILHANTE** aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. **Ajudá-lo-emos** a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

**CORTE E COSTURA
BORDADO E TRICÔ**

Centenas e centenas de moças e senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rápido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes **VIRÁ V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA,** perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.

**RÁDIO E TELEVISÃO
ELETRICIDADE**

São incontáveis e maravilhosas as oportunidades que se oferecem aos técnicos especializados. V. S. pode ser um dótil e desfrutar de **UMA POSIÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA INEGUALÁVEL,** ocupando os cargos de maior destaque e ganhando ordenados verdadeiramente excepcionais. Tudo isto está ao seu alcance. Não perca tempo! **Afirme** sua personalidade e torne-se um homem independente.

Fonte: Revista *Jornal das Moças* (1955, p. 60).

Os exemplos apresentados retratam a propaganda de um curso por correspondência que oferece inúmeras profissões, a fim de assegurar o futuro de seus clientes. Os cursos ofertados são: português, inglês, secretariado, auxiliar e caixa, correspondente, esteno-datilografia, contabilidade, desenho (arquitetônico, mecânico e artístico), corte e costura (bordado e tricô), eletricidade, rádio e televisão. No detalhamento dos cursos, há uma descrição dos pontos positivos a fim de que possíveis estudantes saibam que através dessas profissões o futuro estará garantido.

O que chama atenção é que há uma marcação gramatical de feminino e masculino, direcionando o público-alvo a suas possíveis profissões. No primeiro quadro da propaganda, que anuncia, entre outros, os cursos de **Português – Inglês – Esteno-datilografia – Secretário**, lemos a seguinte frase: “Não vacile e avance confiante, firme e *orgulhoso* de si mesmo”. Na propaganda do curso **Rádio e televisão – Eletricidade**, temos o seguinte enunciado: “Afirme sua personalidade e torne-se um *homem* independente”, no curso de **Contabilidade** “Ficará *habilitado* a ganhar os melhores ordenados e realizará o sonho de uma vida brilhante”, já nos cursos de **Desenho** “*Ajudá-lo-emos* a desenvolver o seu talento. Assim, todos os cursos anunciados, a fim de capacitar pessoas para uma futura profissão, estão direcionados ao público masculino, com exceção do curso de **Corte e Costura**, que propaga: “Centenas e centenas de *moças e senhoras* tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método [...]”. Na sequência da propaganda, há depoimentos de homens e mulheres que fizeram algum desses cursos e estão realizados(as) com sua nova profissão (no caso das mulheres, o

curso de corte e costura, e dos homens, alguma das outras opções de cursos voltados para o público masculino). Assim, percebe-se que, mesmo sendo uma revista voltada ao público feminino, dentre todas as possibilidades de cursos para formação e atuação em uma profissão, cabe à mulher apenas se capacitar para uma que é realizada dentro do lar.

Como vimos anteriormente, o silêncio significa, ele constitui sentidos. O silêncio constitutivo está funcionando nesse texto pois ao dizer que costureira é a profissão própria para as moças não se diz que as mulheres podem ocupar qualquer outra vaga oferecida no anúncio.

Ao considerar que o sujeito da AD é marcado pelo social, construído sociohistoricamente e, sempre que enuncia, resgata já-ditos, ou seja, outras vozes que sustentam o seu dizer, percebe-se que o sujeito enunciador dessa propaganda naturaliza o discurso de que apenas algumas profissões são adequadas para as mulheres (como a de costureira), visto que funciona como uma extensão das atividades já desenvolvidas no lar. Não é necessário sair de casa para exercê-la, nem dar-lhe uma posição de chefia. Além disso, o curso não possuía grandes dificuldades para seu aprendizado, tem em vista que a capacidade intelectual feminina era questionada nessa época, até mesmo por elas. Prova disso está no depoimento de uma das alunas nessa propaganda: “as explicações são simples e muito claras, não dando margem a dúvidas”. Esse discurso não é um simples convite a um curso por correspondência muito bom, mas está carregado de já-ditos do interdiscurso sobre a inteligência feminina.

A ideologia, ou seja, o conjunto de práticas e representações à qual se filia o enunciador permite-o considerar que lugar de mulher é no lar, tendo em vista que a FD aí inserida é a de que a mulher deve estar sempre em casa, servindo aos filhos e ao esposo e não trabalhar fora. Destaca-se, na propaganda, o fato de o curso ser por correspondência. Podemos construir o sentido de que para os homens essa facilidade é importante por não disponibilizarem de muito tempo, por estarem trabalhando já que são chefes do lar; já para as mulheres, esse formato é o único possível, pois permite que ela aprenda em casa, nas horas livres, sem deixar as ocupações habituais.

Observando as condições de produção da época em questão, percebe-se que já havia uma crescente inserção da mulher no mundo do trabalho em indústrias, na cidade, escolas, hospitais, mas o discurso da revista limita a mulher a trabalhos domésticos, ainda que remunerados, ou seja, à mulher pode até ser permitido avançar, mas até certo ponto. Com isso, as leitoras, que não têm muito acesso ao que acontece fora do seu lar e a revista é praticamente o único meio de contato com o mundo externo, ficam adaptadas com o que recebem de informação, e outros sentidos significativos são silenciados.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÍDIA E AS REVISTAS FEMININAS

Nesta seção, objetiva-se mostrar como a mídia atua, a partir da ideologia, no que diz respeito ao lugar que a mulher pode/deve ocupar na sociedade e no mercado de trabalho; como veremos, o discurso midiático age na regulação dos sujeitos, na construção das subjetividades, de modo a homogeneizar os sentidos. Apresentaremos um histórico sobre revistas femininas, expondo como surgiram, quando foram as primeiras publicações, além de trazer um enfoque sobre as revistas *Jornal das Moças* e *Claudia*.

2.1 A MÍDIA E A PRÁTICA IDEOLÓGICA

A palavra “mídia” é originária do latim *media* que, em português, significa “meio”. A mídia é, pois, um meio de comunicação de grande aceitação e tem o papel de difundir informações sobre o que acontece na sociedade, mas, para além disso, tornou-se um instrumento de poder, pois é capaz de influenciar a forma de pensar e agir das pessoas e assim contribuir para a formação da opinião pública.

A mídia pode informar, como também pode não informar. Não há que se olhar ingenuamente para esse instrumento, pois os conteúdos divulgados são resultado de uma seleção, do olhar de um sujeito que, de antemão, já interpreta a realidade a partir da interpelação ideológica. Os fatos apresentados na mídia são uma construção e não representam a realidade, mas indicam um modo particular de sua interpretação. Essa construção é, pois, realizada a partir de uma imagem de confiança construída pela própria mídia, de uma voz de autoridade que a permite produzir saberes, construir subjetividades. A esse respeito, coloca-se a citação a seguir:

Por ser uma prática discursiva legitimada pela sociedade como produtora e difusora de cultura, o discurso jornalístico construiu, ao longo do tempo, uma imagem de confiança [...]. Tal imagem contribui para transformar o jornalismo em um discurso autorizado. Em outros termos, o poder que se exerce nesse discurso lhe permite produzir um determinado saber (...) (NAVARRO-BARBOSA, 2006, p. 84).

Essa produção de saber pode não se tratar de uma verdade empírica pois, como vimos, um acontecimento pode ser noticiado de maneira a camuflar a verdade, se assim for da vontade da mídia em que os discursos circulam e do posicionamento ideológico dos sujeitos jornalistas. Segundo Navarro-Barbosa, a “escrita midiática promove uma descrição/interpretação dos acontecimentos” (NAVARRO-BARBOSA, 2010, p. 80). Isso quer dizer que a produção do

discurso midiático e os acontecimentos produzidos por esse veículo são baseados num modo de interpretação do real.

Desse modo, pode-se problematizar a noção de real apresentada pela mídia. O que é esse real? De acordo com Pêcheux (2006), o real não existe enquanto essência, sendo, portanto, inapreensível em si mesmo. Dito de outro modo, é possível afirmar que o real é uma construção que passa pelos modos de interpretação da realidade.

A mídia, portanto, não pode ser considerada de modo ingênuo como um veículo transmissor de informações. Ela é, ao contrário, um veículo construtor de um real que nos é apresentado como óbvio e transparente. Contrariamente ao que apregoa a mídia, com seus tão propalados ideais de neutralidade e imparcialidade, o “real” que ela nos apresenta é um real “montado”, “inventado” e cuidadosamente engendrado. Por essa razão, Pêcheux (2006) refere-se à produção da notícia como espelho do real. A construção de sentidos na mídia passa por um filtro que é justamente o posicionamento ideológico dos sujeitos envolvidos no processo discursivo.

De acordo com Althusser (2007), a mídia compõe um dos Aparelhos Ideológicos do Estado – o aparelho da informação – que é integrado pela imprensa, televisão e pelo rádio, entre outros. Tais aparelhos agem através da ideologia propagando os interesses do Estado e informando/engessando a sociedade. É importante lembrar que, para Althusser, em alguma medida, esse veículo também é repressivo, por isso pode ser comparado a uma força que obriga as pessoas a agirem de acordo com o real apresentado.

Desse modo, o cidadão afetado pela mídia, sem se dar conta, é afetado também pelos modelos nela difundidos, sendo levado a agir de determinada maneira, como se o que estivesse diante de seus olhos fosse pura e simplesmente informação precípua, quando está, na verdade, sendo modelado através de uma prática ideológica.

Como se sabe, a AD não trabalha com a noção de sentido único. Para ela, os sentidos não são anteriores, eles são gerados na atividade discursiva. Gregolin (2007) diz que:

a ilusão de “unidade” do sentido é um recurso discursivo que fica evidente nos textos da mídia. É a tentativa de homogeneização dos sentidos, de controle da polissemia que é camuflado pela ideia de uma pretensa imparcialidade e objetividade. Como o próprio nome parece indicar, as *mídias* desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade (GREGOLIM, 2007, p. 6).

Os sentidos são produzidos através da relação história-memória, que precisam ser resgatadas pelo leitor no momento da interpretação para que o que fez sentido para o autor

também faça para ele. Essa transposição não é total, visto que as condições de produção podem não ser as mesmas para os atores da comunicação.

Ainda sobre a relação história-memória, vale dizer que elas exercem grande influência no presente, pois o leitor, ao retomar os fatos históricos, consegue compará-los à história presente e até mesmo ressignificar o acontecimento. E é a mídia que faz a ponte entre a história e o presente, de modo que a história também não é transparente, ela não se passa aos olhos de qualquer observador, antes é afetada pela visão midiática, que se encarrega de relatá-la aos atuais e futuros leitores. Segundo Gregolin a mídia é tida na sociedade atual “como um acontecimento que tenciona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente” (GREGOLIN, 2007, p. 6).

Como bem aponta a autora, a mídia contribui para formatar e modelar a história, conectar o passado ao presente, sempre em um movimento cíclico; ou seja, os conteúdos enunciados pela mídia fazem parte da rede de interdiscurso que é retomada através da memória e contribui para afirmar ou modificar identidades.

Navarro-Barbosa (2007) afirma que as identidades são construídas no e pelo discurso. É preciso compreendê-las como produtos de lugares históricos e de instituições, e que é no posicionamento que as identidades emergem. Ele esclarece ainda que:

A identidade vai sendo tecida com base na memória que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que, em cada emergência, ocorre a produção de um novo sentido. Tendo isso por princípio, a identidade que é construída na prática discursiva da mídia impressa resulta de uma relação sempre descontínua entre o discurso e a história, por isso a identidade não é algo definitivo e acabado (NAVARRO-BARBOSA, 2007, p. 101).

Portanto, a mídia trabalha para construir, moldar ou modificar identidades através de suas publicações ou, como aponta Baracuhy (2010, p. 8), “a mídia joga com múltiplos sentidos e múltiplas construções identitárias para manipular os gestos de interpretação dos seus leitores”. Na seleção dos enunciados, a mídia também estabelece uma relação do dito com o não dito, pois, ao dizer algo, silencia outra possibilidade, construindo sentidos na tensão do que é possível dizer com o que é interditado.

Assim, o funcionamento do silêncio é elemento gerador de sentidos na mídia. Conforme Orlandi (2007, p. 12), há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: “todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”. Assim, o não dizer é uma forma de dizer. Além disso, todo o dito traz consigo silenciamentos que não podem ser evitados

e que constituem a história e as identidades. De acordo com Orlandi (2007, p. 275), “o sentido está sempre no viés. Ou seja, para se compreender um discurso é importante se perguntar: o que ele não está querendo dizer ao dizer isto? Ou: o que ele não está falando, quando está falando disso?”.

A escolha, seleção e edição de quais assuntos tratar com determinado público indica a posição do enunciador. Nas revistas femininas, escolhe-se falar sobre alguns campos empregatícios e silenciar outros, e isso marca os efeitos de sentidos produzidos nesses veículos midiáticos. O discurso midiático das revistas demonstra um imaginário social do que é ser mulher, do que ela representa para a sociedade; assim, no *Jornal das Moças*, há predominância dos temas relacionados a como cuidar da aparência, como agradar o esposo e os filhos, como receber pessoas em casa, entre outros, e os sentidos dos enunciados que são colocados não significam por si mesmos, mas são determinados pela posição ideológica ocupada pelos sujeitos e que faz parte da história, da memória social. Em *Claudia*, esses mesmos sentidos ainda são retomados, embora já exista uma predominância de discursivização da mulher em locais de trabalho variados. O que chama a atenção é o fato de a revista mostrar que, mesmo trabalhando fora, a mulher precisa dar conta dos afazeres domésticos, bem como priorizar a educação dos filhos, não mencionando o marido nessas mesmas funções.

Através do discurso das revistas direcionadas para o público feminino, a mídia acaba formando opiniões, construindo identidades e moldando os sujeitos de acordo com os estereótipos apresentados, ao tempo em que as mesmas pessoas que são submetidas a esse processo têm a ilusão de serem donas de suas vontades, desejos e opiniões, isso porque não há um olhar crítico sobre o discurso em voga, mas uma simples reprodução e aceitação do discurso sobre quais trabalhos a mulher pode assumir e quais irão masculinizá-la.

Com relação aos efeitos de sentido produzidos pelo discurso, Gregolin (2007, p. 23) sugere que “a possibilidade da subversão só pode vir, portanto, da interpretação polêmica que, diante da ilusória transparência da linguagem, pergunta pelos seus pressupostos”. Essa afirmação corrobora com o que Pêcheux diz sobre a tomada de posição do sujeito com relação à FD. O sujeito pode, como vimos na seção anterior, identificar-se completamente com os saberes da FD do discurso apresentado, como pode se contraidentificar e passar a questionar os saberes da FD, bem como pode se desidentificar e passar para outra FD. Esse movimento a respeito do discurso apresentado pelas revistas só é possível se o sujeito acessar formações discursivas antagônicas e não apenas reproduzir o que está sendo exposto.

Ainda de acordo com Gregolin (2007, p. 22), “as vozes que falam na mídia fazem eco a outros dizeres que vêm de outros lugares da sociedade”. Ou seja, o que está sendo dito no

momento pela mídia não é novo, ela reproduz dizeres que são corriqueiros na sociedade em determinados grupos, e ela, com o seu poder, propaga e amplia o acesso a esses dizeres, através da repetição, para torná-los globais, já que a população está a todo o tempo submetida à interpretação ou reinterpretação dos discursos midiáticos. Os sujeitos, ao terem acesso aos discursos sobre a mulher expostos pela mídia, podem concordar totalmente, ou em certa medida, bem como podem discordar completamente, isso depende de como o discurso é apresentado. Orlandi (2011) traz interessantes acepções sobre o discurso, caracterizando-o em três tipos diferentes: o lúdico, o polêmico e o autoritário:

Discurso lúdico – é aquele em que a reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta. O exagero é o non sense.

Discurso polêmico – é aquele em que reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada. O exagero é a injúria.

Discurso autoritário – é aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando (ORLANDI, 2011, p. 154).

Há uma preferência da mídia pelos discursos do tipo polêmico e autoritário. Pode-se observar a utilização do discurso polêmico quando a polissemia é, em alguma medida, permitida; por exemplo, quando a revista expõe algumas características sobre as mulheres em certa parte e em outra mostra mulheres com outro viés. Já o discurso autoritário é visto a partir do funcionamento dos jornais como porta-vozes da verdade, quando, em qualquer edição, a mulher é estereotipada com repetidas características, não dando abertura alguma para a polissemia.

Os três grandes suportes da mídia – rádio, televisão e imprensa escrita – possuem características próprias. Nesta seção, buscou-se detalhar a imprensa escrita, na qual estão inseridas as revistas, que são nosso recorte de materialidade. A imprensa escrita, segundo Charaudeau (2015):

É essencialmente uma área escritural, feita de palavras, de gráficos, de desenhos e, por vezes, de imagens fixas, sobre um suporte de papel. Esse conjunto inscreve essa mídia numa tradição escrita que se caracteriza essencialmente por: uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê, a ausência física da instância de emissão para com a instância da recepção; uma atividade de conceitualização da parte das duas instâncias para representar o mundo, o que produz lógicas de produção e de compreensão específicas (CHARAUDEAU, 2015, p. 113).

Como foi visto, a informação parte de um acontecimento para chegar à notícia, ou seja, à medida que os fatos acontecem, estão sujeitos ao olhar de um representante midiático para serem interpretados e só depois se transformarão em notícia. A título de exemplo, quando, na revista, o enunciador discursiviza a mulher na indústria, ele mostra um fato, porém quando classifica esse lugar como ambiente inadequado para uma mulher, ele interpreta o fato, o que seria, então, a notícia.

2.2 AS REVISTAS FEMININAS *JORNAL DAS MOÇAS* E *CLAUDIA*

A imprensa feminina (aquela pensada e dirigida para mulheres) surgiu no início do século XIX, bem depois da sua introdução nos EUA e Europa (BUITONI, 1986). Junto com ela, surgiram as revistas que, inicialmente, assemelhavam-se visual e graficamente aos jornais, dos quais se diferenciavam quanto ao conteúdo e material de impressão. Enquanto os jornais eram impressos em papel mais barato e abordavam textos de opinião e temas polêmicos, as revistas possuíam capa mais dura (com papel diferente) e se comprometiam a apresentar maior variedade de conteúdo (ficção, poesia e entretenimento). Mesmo com essas diferenças, esses dois suportes midiáticos se confundiram, o que contribuiu para que a denominação jornal/revista continuasse até o século XX – é esse o caso do nome da revista *Jornal das Moças*.

Segundo Buitoni (1986), não há um consenso sobre qual teria sido o primeiro periódico feminino brasileiro. Alguns autores julgam ter sido *O Espelho Diamantino*, “dedicado às senhoras brasileiras”, datado de 1827; outros acreditam que foi o periódico *A Fluminense Exaltada*, editado de 1832 a 1849. Nessa época, as mulheres de posse alfabetizadas eram pouquíssimas, já que os pais não deixavam as filhas estudarem para não aprenderem a enviar cartas amorosas, e as mais pobres não tinham acesso algum à escola, sendo assim, apenas os homens de elite poderiam ler as publicações. Vale ressaltar que as revistas eram majoritariamente escritas pelos homens; assim, o que era exposto, muitas vezes, partia de uma restrita opinião sobre o papel das mulheres na sociedade. Buitoni (1986) esclarece:

A imprensa feminina mais do que a imprensa em geral está estreitamente ligada ao contexto histórico que cria razões para seu surgimento, e que interfere em cada passo de sua evolução. Jornais e revistas femininos funcionam como termômetro dos costumes de época. Cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada. A movimentação social mais significativa também vai sendo registrada (BUITONI, 1986, p. 24).

O que é publicado pelos jornais e revistas não parte do inexistente, antes faz parte do que está acontecendo na sociedade na referida época ou em momentos anteriores, é o que a AD denomina de condições de produção. Esse conceito, segundo a AD, diz respeito ao contexto imediato que envolve as circunstâncias da enunciação e também ao contexto sócio-histórico que permite a produção do discurso, de modo que os efeitos de sentido de um discurso não partem do nada, mas da relação entre memória, história e interdiscurso.

A imprensa brasileira passou por um período de renovação no século XX, devido à inserção da fotografia, novidade que alcançou total adesão das revistas. Foi nesse século também que foi produzida a primeira revista escrita por mulheres e para mulheres, denominada *Revista Feminina*, publicada de 1914 a 1936. Segundo Buitoni (1986), essa revista pertencia a uma família que possuía uma fábrica de produtos de beleza destinados às mulheres e que utilizava a revista para divulgação e comercialização desses produtos, com bastante sucesso por sinal. Além dos anúncios de cremes de beleza, a revista tratava de assuntos como: informações culturais, orientações para noivas, mães e esposas, moda, culinária, decoração, trabalhos manuais, literatura, notas sociais, página infantil, página de humor, entre outros, e, até mesmo, assuntos relacionados a futebol, por um certo tempo.

Foram muitas as revistas que surgiram nesse século, algumas duraram pouco tempo, enquanto outras perduraram até o século XXI. Trataremos a partir daqui das revistas *Jornal das Moças* e *Claudia*. A predileção por essas revistas se deu por conta da sua popularidade, cada uma à sua época, e por serem revistas pensadas para mulheres. Assim, subtende-se que elas dariam conta de abordar as necessidades femininas em todos os âmbitos. Vale dizer que, além de escolhermos esses títulos por tratarem a respeito de temáticas semelhantes, escolhemos a revista *Claudia* para a comparação por se tratar de uma sucessora temporal de *Jornal das Moças*.

Jornal das Moças, “revista semanal ilustrada”, foi fundada em 1914 por Agostinho Menezes, no Rio de Janeiro. Era impressa pela editora própria “Jornal das Moças Ltda”, e circulou nacionalmente até aproximadamente 1965. *Jornal das Moças*, que tinha como subtítulo “A revista de maior penetração no lar”, pois julgava-se a revista da mulher no lar e na sociedade, tratava sobre temas ditos importantes para o público feminino, o que contribuía para a divulgação de estereótipos sobre a mulher; tais temas se resumiam a assuntos sobre a vida doméstica: cuidados com o lar, o marido e os filhos, além de anúncios para festas, a exemplo do Carnaval e festas religiosas. Veremos a seguir a capa de uma das edições dessa revista.

Figura 3 - Capa da Revista *Jornal das Moças*



Fonte: Revista *Jornal das Moças*, 1955, p. 1

A revista era muito popular na época e alcançou, segundo o Ibope, o primeiro lugar na imprensa feminina em 1945, e o primeiro lugar entre as revistas femininas semanais durante a década de 1950, conforme afirma Pinsky (2014, p. 24).

O corpo editorial da revista era composto predominantemente por homens, muitas vezes com pseudônimo feminino, porém, com o passar do tempo, cada vez mais mulheres foram incorporadas à editora. O público dessa revista era predominantemente mulheres da classe média e média alta, como apontam alguns estudos históricos realizados sobre essas revistas e como sugerem os elementos nela apresentados, a saber: os moldes das roupas apresentadas, os acessórios e os tipos de utensílios domésticos oferecidos.

A revista possui diversos colaboradores que escrevem contos, crônicas ou que respondem as perguntas enviadas pelas leitoras. Com relação aos autores das publicações da revista, poucas colunas possuem identificação. Na maioria dos textos, não há indícios de que foram escritos por colaboradores ou por leitores comuns, pois estes últimos são, por vezes, convidados a mandar textos sobre assuntos não especificados, os quais, após uma análise, são selecionados para publicação. A respeito da disposição dos assuntos nas páginas, não há uma organização lógica, nem uma sequência a ser seguida em todas as edições. Os textos, piadas,

anúncios e outros são colocados aleatoriamente nas páginas até que sejam totalmente preenchidas.

Sobre os assuntos tratados pela revista, destacam-se anúncios de cosméticos, de medicamentos e de lojas especializadas em artigos femininos e infantis, partituras de músicas, resenhas de filmes, sugestões de leitura, moda, conselhos domésticos, contos, poemas, piadas, notícias de cinema, curiosidades, receitas culinárias e moldes de roupas da estação.

A revista *Jornal das Moças* é composta de colunas com publicações alternadas e algumas poucas com publicações fixas. “Bom dia, senhorita”; “Meu cantinho”; “Radionovidades”; “Galeria dos Artistas do Cinema”; “Galeria dos Artistas do Rádio”; “Vamos preparar uns quitutes”; “Falando às mães”; “Bazar feminino”; “Cine em revista”; “Drágeas Cinematográficas” e “Carnet das jovens” são exemplos de colunas alternadas nas edições, enquanto “Evangelho das Mães” e “Jornal da Mulher” são colunas fixas. Segundo Almeida (2008), o encarte “Jornal da Mulher”, era dirigido por Yara Sylvia e direcionado para mulheres casadas. Apresentava moldes de modelos de roupas, bordados, tapeçaria e pintura de artigos para o lar, como também conselhos sobre beleza, saúde, comportamento e administração do lar. “Evangelho das Mães” era composto por conselhos sobre marido, filhos e casa.

Há também preocupação com o entretenimento, prova disso é a seção denominada “Troças e traços”, em que a mulher é retratada de forma estereotipada, destacando sua dependência financeira em relação ao homem, seu consumismo e outras coisas. No período estudado (década de 50), explodiu no Brasil a fotonovela, e a revista dá conta de mostrar em suas edições os capítulos de algumas delas. Na revista, há bem poucas referências à mulher ocupando espaços públicos e exercendo atividades remuneradas, como veremos no decorrer desta pesquisa. Nas poucas vezes em que aparecem, são postos de trabalho que representam uma extensão da atividade doméstica.

Enquanto analistas do discurso, preocupa-nos o fato de a mulher aparecer na revista relacionada a poucos campos de trabalho, além de receber poucas informações sobre o que ocorre fora do âmbito familiar; é o que percebemos ao olhar o contexto sócio-histórico, pois a década de 50 do século XX, um dos períodos em estudo, foi posterior à Era Vargas, quando ocorreu o estabelecimento da censura através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e houve um intenso processo de industrialização e mudanças políticas e sociais. Além desses, outros fatos afetaram diretamente as mulheres: desde 1932, elas já podiam votar e serem votadas, além de seus direitos trabalhistas serem regularizados pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) – mas a revista não detalha tais fatos.

Os textos verbais e não verbais em que a mulher aparece discursivizada no setor de trabalho partem de uma ideologia que considera a mulher como naturalmente afeita ao lar, que não pode se desvincular desse papel e, se assim acontecer, que ela assuma tarefas semelhantes às de uma dona de casa ou mãe.

Claudia, “a revista amiga”, foi fundada por Victor e Sylvana Civita e publicada pela Editora Abril em 1961. Ela representou um marco na imprensa feminina por introduzir o estilo “magazine moderno”. De acordo com Pinsky (2014), essa revista surge com a proposta de acompanhar os tempos modernos, após a industrialização e urbanização, anunciando eletrodomésticos modernos, produtos novos para a beleza, alimentos enlatados e incentivando o consumo de novidades, através de inúmeras propagandas ao longo da revista. Embora apresente essas novidades, ela mantém os temas recorrentes a outras revistas femininas: moda, aparência, decoração, culinária, saúde, economia doméstica, sugestões de livros, educação dos filhos e, em algumas edições, encartes com moldes de roupas, entre outros. Veremos a seguir a capa de uma das edições dessa revista.

Figura 4 - Capa da Revista *Claudia*



Fonte: Revista *Claudia*, 2012, p. 1

Em resumo à proposta da *Claudia*, afirma Buitoni (1986):

Claudia, com nome de gente, veio ao encontro de uma certa busca de identidade da mulher de classe média urbana; também veio estimular e ser estimulada por todo um consumo emergente. [...] é uma revista que procura adequar-se às exigências do mercado. Houve época de publicar reportagens mais polêmicas, temas mais intelectualizantes, mas seu grande filão, além da moda, é o mundo doméstico (BUITONI, 1986, p. 49-50).

A respeito do público leitor, Pinsky (2014) informa que, nos primeiros anos de publicação, a revista era direcionada para as classes mais abastadas da sociedade, e que, da tiragem total da revista, 150 mil exemplares, 50%, eram destinados aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Hoje, segundo o site da revista, ela possui aproximadamente 2 milhões de leitoras nas versões impressa e digital, mais de 1,5 milhão de curtidas no Facebook (<https://www.facebook.com/Claudiaonline>) e 230 mil seguidores no Instagram (@claudiaonline).

O IVC (Instituto Verificador de Informação) traz informações importantes sobre o público dessa revista, conforme veremos nos gráficos a seguir:

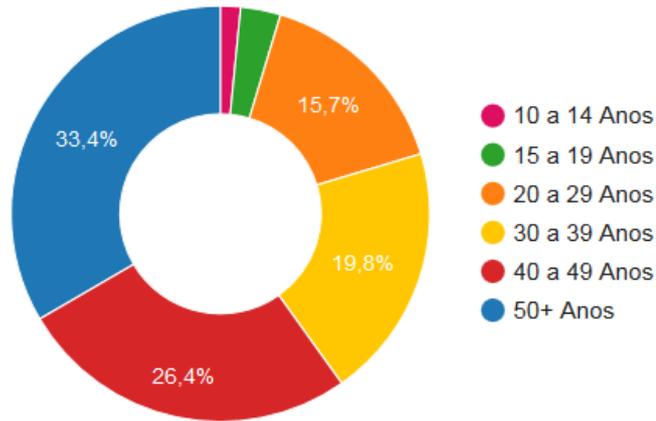
Figura 5 - Gênero/Sexo dos leitores da revista *Claudia*



Total de Leitores	1.464.000
--------------------------	-----------

Fonte: Gráfico - Ipsos Connect - EGM Multimídia - 9 Mercados - Consolidado 2016
 -/ Total de Leitores - Projeção Brasil de Leitores - Consolidado 2016

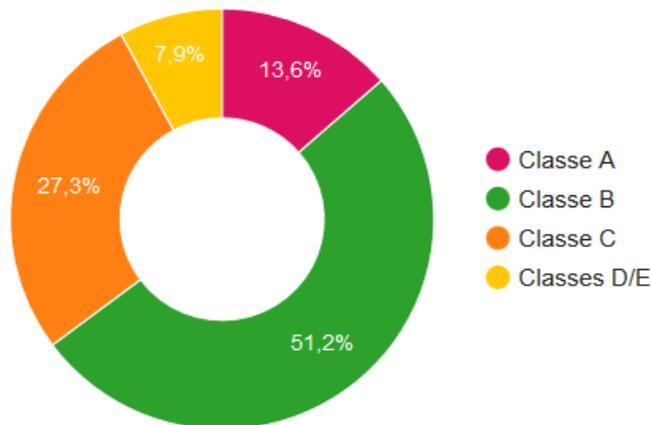
Fonte: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/claudia/plataformas/revista-impressa#/audience>

Gráfico 1 - Faixa etária dos leitores da revista *Claudia*

Total de Leitores	1.464.000
--------------------------	------------------

Fonte: Gráfico - Ipsos Connect - EGM Multimídia – 9 Mercados – Consolidado 2016
/ Total de Leitores - Projeção Brasil de Leitores - Consolidado 2016

Fonte: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/claudia/plataformas/revista-impressa#/audience>

Gráfico 2 - Classe social dos leitores da revista *Claudia*

Total de Leitores	1.464.000
--------------------------	------------------

Fonte: Gráfico - Ipsos Connect - EGM Multimídia – 9 Mercados – Consolidado 2016
/ Total de Leitores - Projeção Brasil de Leitores - Consolidado 2016

Fonte: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/claudia/plataformas/revista-impressa#/audience>

Com base nos gráficos vistos anteriormente, é possível perceber que o público leitor da revista *Claudia* é predominantemente feminino, a faixa etária que mais acompanha as publicações da revista é de 20 anos em diante, ressaltando que, quanto maior a idade, maior o interesse pela revista, e as classes sociais que prevalecem são C e B; dessas, a B se sobressai.

A revista *Claudia* se diferencia das anteriores ao seu lançamento por acompanhar as mudanças sociais, por figurar em suas páginas a participação da mulher no ambiente de trabalho

e em cursos. A revista possui vários colaboradores, dentre eles, muitas mulheres. Uma delas marcou uma geração com suas publicações na coluna “Arte de ser mulher”: a conhecida Carmen da Silva, que costumava apresentar temas polêmicos em seus escritos. A revista adota a tendência de publicar opiniões diferentes sobre um mesmo tema a partir da visão de distintos colaboradores. Isso mostra que há pluralidade de FDs, mas, como veremos no decorrer desta pesquisa, elas partem de uma mesma FI. Ela discursiviza a mulher ora sendo moldada para ser boa esposa e boa mãe, ora como uma mulher moderna que atua no mercado de trabalho de maneira significativa.

Nas revistas analisadas de 2010 a 2015, há a predominância de algumas colunas como “Claudia Online”, “Conversa com Danuza”; “O que eu faço agora?” e outras. O que merece destaque nas colunas é o fato de serem assinadas por mulheres, cuja foto é apresentada ao lado, algo que não ocorria na outra revista estudada. Há várias outras seções na revista que não aparecem de forma fixa mensalmente, pois cada edição traz novidades variadas, mas os temas recorrentes giram em torno de comportamento, família, filhos, viagens, carreira, beleza e cuidado com animais. *Claudia* se destaca entre as revistas femininas por utilizar em suas publicações informações que não partem apenas do senso comum.

Usa-se mais “psicologia”, apela-se com maior frequência para o “discurso competente” da ciência ou os dados de pesquisa (que confirmam ou substituem o recurso mais antigo de evocar o “sentido comum”). Porém, o rigor científico e as afirmações baseadas no prestígio destes conhecimentos algumas vezes desembocam em caminhos duvidosos (PINSKY, 2014, p. 43).

A revista *Claudia* tem seu discurso voltado para mostrar a mulher em diferentes setores de trabalho, porém, em várias publicações, especialistas falam sobre a principal função social da mulher, que, para a referida revista, é estar no lar. Ainda que prevaleça o discurso sobre a manutenção da mulher atendida com as novidades para a casa e a família, percebe-se que há uma certa preocupação da revista com o contexto sócio-histórico, visto que, em algumas delas, no período analisado, houve reportagens relacionadas a polêmicas sociais, como preconceito racial e manifestações políticas.

3 UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A MULHER E O TRABALHO NO BRASIL

“As mulheres sempre trabalharam. Elas nem sempre exerceram ‘profissões’” (PERROT, 2005, p. 251). O trabalho feminino sempre existiu, mas no início, por ser apenas na esfera doméstica, não era reconhecido como tal. Hoje, a mulher ocupa vários espaços na sociedade nos mais diversos campos de trabalho. O ambiente público está a seu dispor, e também o espaço político, que até pouco tempo era extremamente fechado. Desse modo, muitos objetivos já foram conquistados, resultado de muitos anos de luta e embates, como explicitaremos mais adiante, no entanto, há ainda muito a se alcançar.

Nesta seção, pretendemos trazer uma abordagem sobre a mulher e o trabalho nos diferentes períodos políticos no Brasil. Partiremos da época colonial, dando destaque ao trabalho das escravas, das índias e das brancas. Em outro tópico, prosseguiremos com os trabalhos possíveis no período do Império, destacando o que faziam as mulheres ricas, as pobres de zona rural e as de zona urbana e, por fim, trataremos do trabalho na época do Brasil República, período em que a mulher ganhou mais destaque no cenário nacional, e detalharemos os requisitos necessários para algumas profissões; além disso, falaremos do processo de inserção da mulher no sistema educacional em cada período e das contribuições do feminismo para muitas dessas conquistas.

3.1 MULHERES NO PERÍODO COLONIAL

O período colonial no Brasil, de 1500 a 1822, foi marcado por uma sociedade escravocrata, em que os grandes e autoritários proprietários de terras rurais detinham o domínio de esposas, filhos, agregados e escravos. Esses senhores, vindos de Portugal com o objetivo de explorar as terras brasileiras, não tiveram êxito na escravização dos índios para o trabalho braçal e passaram a importar negros e negras da África para esse fim (FREYRE, 2003). Dentre todo o contexto da época, lançaremos nosso olhar para o trabalho das mulheres, que era basicamente dividido entre a ocupação das negras, das índias e das senhoras.

A divisão do trabalho dentro das casas da elite refletia as diferenças legais, além das de “raça” e de classe, existentes na sociedade, sendo que as escravas ou as criadas é que faziam a maior parte das tarefas domésticas, consideradas femininas (HABNER, 2016, p. 50).

As mulheres negras, de acordo com as autoras, faziam o trabalho doméstico da casa grande. Eram amas de leite; amas criadeiras; serviçais ou mucamas pessoais (cuidavam da senhora, tratavam das roupas, dos penteados de cabelo, entre outras tarefas). Algumas, bem raramente e com a permissão de seu senhor, vendiam quitutes, frutas, doces e hortaliças, a fim de juntar dinheiro para comprar sua alforria, porém, quase sempre, o dinheiro adquirido voltava às mãos do senhor.

Essas mulheres escravizadas não recebiam pagamento, alimentavam-se de forma precária, moravam em senzalas, em condições sub-humanas, eram submetidas a maus tratos e a todo o tipo de violência, principalmente a sexual, já que os senhores, além de obrigá-las a servi-los sexualmente e a seus filhos, ainda as alugavam a outros donos de fazendas. Muitas delas eram incentivadas e/ou obrigadas pelos senhores a engravidarem dos negros, a fim de manter o sistema escravagista em ascensão, ao que elas resistiam. Por vezes, praticavam o aborto ou o infanticídio para impedir que os filhos passassem pelo sofrimento vindouro (SILVA; CASTILHO, 2014, p. 268).

Já as índias, mulheres que já habitavam o país antes da invasão dos portugueses, foram submetidas de início a se relacionarem sexualmente com os invasores, visto que a cultura indígena não condenava a união com povos diferentes. Desde antes da ocupação portuguesa, partia delas uma grande força produtiva para o trabalho no campo, principalmente na plantação e colheita para a subsistência. Foram elas que consolidaram o que viria a ser a base da economia colonial, a monocultura; eram também as únicas responsáveis pelo trabalho dentro de suas casas, além de cuidarem do marido e dos filhos (FREYRE, 2013).

Apesar da importância do trabalho das índias para as tribos, elas eram vistas como inferiores e dependentes dos homens na cultura de origem (BASEGGIO; SILVA, 2015, p. 21). Com o estabelecimento dos portugueses no Brasil, passaram a ser escravas das famílias portuguesas, como também geradoras de filhos fora do casamento dos grandes senhores, o que contribuiu fortemente para a miscigenação no país, somando-se aos inúmeros casos de relacionamento entre negras e senhores.

As mulheres brancas portuguesas que vieram povoar o Brasil, consoante Habner (2016), viviam sob o sistema patriarcal, em que o chefe da família detinha o domínio sobre a família e agregados. Elas eram preparadas desde crianças para um matrimônio monogâmico e indissolúvel; casavam-se antes dos 15 anos com um marido escolhido pelo pai com a finalidade de manter a descendência e assegurar a concentração de terras nas mãos de poucas pessoas. Com o casamento, a mulher, considerada como propriedade do homem, apenas passava do domínio do pai para o do esposo e a ele devia obediência em todas as circunstâncias, até mesmo

quando proibidas de sair de casa, exceto para ir à igreja, quando acompanhadas. As restrições à mulher eram asseguradas pela lei civil do século XIX, que preconizava:

As mulheres eram perpetuamente menores. Como esposas, elas tinham de submeter-se à autoridade do marido em decisões relativas à educação e criação de seus filhos, além da escolha do local de residência. A lei negava às mulheres o direito de comercializar, alienar propriedade imóvel por venda ou arrendamento, ou mesmo administrar tal propriedade sem o consentimento do marido (HABNER, 2016, p. 50).

Essas mulheres, já senhoras, após o casamento, estavam incumbidas de costurar, bordar e fazer renda; gerenciar a casa e dar ordens às escravas para fazer os serviços; eram responsáveis principalmente por manter a linhagem legítima dos senhores e deveriam ter um grande número de filhos e filhas, que seriam amamentados e criados pelas amas de leite e amas criadeiras, respectivamente, já que não se esperava das mulheres ricas essas tarefas. Desde cedo, as crianças seriam orientadas a seguirem os passos dos pais: se menino, devia aprender a comandar a fazenda e controlar os escravos sob o seu domínio, se menina seria preparada para um bom casamento.

Mulheres pobres, brancas e mestiças completavam o cenário do Brasil Colônia. As brancas, enviadas para essa terra a fim de povoar e gerar filhos brancos, eram mulheres sentenciadas, órfãs ou meretrizes que, ao chegar aqui, trabalhavam com costura, horta, lavoura, lavagem de roupas ou como prostitutas. Elas tinham também um grande número de filhos, geralmente em relação de concubinato com maridos alheios ou com homens solteiros que não assumiam a paternidade. Segundo Venâncio (2017, p. 189), muitas vezes, esses filhos eram abandonados para evitar o estigma de ser mãe solteira ou por falta de condições financeiras; nesses casos, eram acolhidos pelas Casas de Misericórdia ou por algum parente que futuramente utilizaria essas crianças para o serviço doméstico. As mestiças, frutos da exploração sexual de índias e negras por homens brancos (senhores, capatazes, entre outros), ao crescerem também se tornariam mão de obra para a sociedade colonial ou atuariam como meretrizes.

Nessa época, a educação estava a cargo da Igreja Católica, representada pelos padres jesuítas; no início, voltada apenas para a catequização dos índios, mas, em um segundo momento, transferida para a elite branca, principalmente para os filhos dos donos de engenhos, a fim de prepará-los melhor para exercerem sua função (TELES, 1999, p. 19). As mulheres ficaram excluídas desse sistema escolar, inclusive as brancas e ricas, que podiam, no máximo, ser catequizadas, afinal, seu destino era o lar. Deviam comprometer-se com o casamento, trabalhos domésticos, cantos sagrados e submeter-se ao controle do marido. Somente as

mulheres que eram enviadas a conventos em Portugal livravam-se do analfabetismo. Vale destacar que era comum a elite enviar para os conventos, mesmo à força, as filhas que não conseguiam bom partido, para evitar casamentos com pessoas de classes sociais diferentes.

Através dessa breve sùmula sobre a mulher e o trabalho no período colonial e, por conseguinte, sobre a formação do povo brasileiro, constata-se que muitos dizeres referentes a essa época sobre negras, índias, pardas e brancas ainda estão presentes na atualidade. Isso acontece pelo trabalho do interdiscurso, pois, consoante Heine (2012, p. 53), “todo discurso provém de um já dito, de uma rede de pré-construídos, não existindo formações discursivas que sejam totalmente isoladas de outras”.

Assim, hoje, século XXI, dizeres que caluniam as mulheres negras por frequentarem certos ambientes ou que estranham a inserção delas em alguns postos de trabalho, bem como dizeres sobre mulheres pardas, delimitando os trabalhos que seriam próprios para elas e cerceando-lhes posições de destaque, ou ainda sobre brancas, colocando-as como bem-sucedidas, dignas de um bom casamento e altos cargos na sociedade partem de já-ditos que se constituíram na época colonial, em que se estava delineando a construção da sociedade brasileira.

3.2 MULHERES NO PERÍODO IMPERIAL

No início do século XIX, o país ainda era predominantemente rural, e o estilo de vida da elite dominante era influenciado pelo imaginário da aristocracia portuguesa, do cotidiano dos grandes fazendeiros e das relações sociais definidas pelo sistema escravista. (D’ INCAO, 2017, p. 223). Com a independência do Brasil em 1822, inaugura-se o Império, que perdura até 1889. Esse intervalo de tempo foi de importantes mudanças; dentre elas, destacam-se a urbanização, a concretização do capitalismo, a industrialização e a proibição do tráfico negreiro.

Há que se considerar que, apesar de decretado o fim da escravidão, a libertação dos escravos da exploração que sofriam foi lenta e gradual, através de muitas lutas, algumas delas com a participação ativa de mulheres, que, por exemplo, criaram as Sociedades Abolicionistas: “Sociedade Redentora”, “Sociedade de Libertação” e a “Ave Libertas”, todas com o intuito de acelerar a libertação (TELES, 1999, p. 29). Somente a partir da segunda metade do século XIX, a exploração dessa forma de trabalho começa a diminuir, inclusive o trabalho de escravas no serviço doméstico. No entanto é esse serviço que, por muito tempo, continuaria a ser a forma de emprego mais comum para as mulheres pobres.

Com a fuga da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, devido à invasão napoleônica, uma série de mudanças econômicas, sociais e políticas ocorreram, possibilitando o desenvolvimento do país e a independência política. Vale dizer que, antes mesmo da chegada da Corte, o Rio de Janeiro, que até então era sujo e desorganizado, adotou um conjunto de medidas higiênicas, o que influenciou o início da modernização da cidade.

D' Incao (2017) afirma que, ao longo do século XIX, a ascensão da burguesia e a urbanização trouxeram novas formas de relações sociais. No novo modelo social, as mães pertencentes à burguesia passaram a se dedicar à educação doméstica e aos cuidados com a prole, dispensando as amas de leite ou amas criadeiras (serviço muito requisitado até o início do século, em que outras mulheres amamentavam, asseavam e cuidavam das crianças com dedicação e paciência), porém as mulheres burguesas ainda tinham uma relação de submissão e de dependência financeira com o marido, já que ele era o responsável por sustentar a família. As transformações ocorridas possibilitaram presenciar:

O nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível (D' INCAO, 2017, p. 223).

A vida burguesa trouxe novas concepções de vida doméstica, social e de intimidade. As famílias mais ricas abriam suas casas para saraus e festas; das mulheres não era mais esperado que se privassem da sociedade, mas que se apresentassem nesses eventos e mostrassem beleza, requinte e educação, características que denotariam a posição social do marido e reforçaria seu prestígio. Assim, as mulheres de classe alta estavam incumbidas de entreter convidados em eventos, tocar instrumento, cantar, falar línguas e, principalmente, conversar polidamente, para elevar o *status* da família.

Num certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido (D' INCAO, 2017, p. 229).

Com a reorganização das vivências domésticas e a transformação da família em nuclear (pai, mãe e filhos), a família tornou-se o maior bem, as mães são vistas como rainhas do lar, responsáveis pela boa criação dos filhos e pelo sucesso da família.

Ainda de acordo com a autora, entre as décadas de 40 e 60 do século XIX, inicia-se no Brasil o processo de industrialização, primeiramente no Nordeste, com a indústria de algodão na Bahia, deslocando-se paulatinamente para o Sudeste. No decorrer do século, o maior número de operários concentrava-se no Rio de Janeiro – somente nos anos de 1920 esse número foi superado por São Paulo. Para atender a demanda de mão de obra nas fábricas que surgiam e cresciam celeremente, desde meados do século XIX:

o governo brasileiro procurou atrair milhares de imigrantes europeus para trabalhar, tanto na lavoura, nas fazendas de café, quanto nas fábricas que surgiam nas cidades, substituindo a mão-de-obra escrava, especialmente, depois da promulgação da Lei do Ventre Livre e da Abolição dos Escravos. Entre 1880 e 1930, entraram no país cerca de 3,5 milhões de imigrantes. Um terço deles, ou melhor, 1.160.000 eram italianos; 1 milhão, portugueses; 560 mil, espanhóis; mais de 112 mil eram alemães; 108 mil, russos e 79 mil, australianos (RAGO, 2017, p. 580).

Consoante Matos e Borelli (2016, p. 128), dentre a mão de obra de imigrantes, há que se destacar a presença significativa de mulheres e crianças em maior quantidade e com a mão de obra mais barata (cerca de 65% menor) que a dos homens; elas se concentravam mais em indústrias de fiação e tecelagem, indústria têxtil e de confecções, em duras jornadas de 11 a 14 horas diárias, “apesar disso, as trabalhadoras eram tratadas, inclusive pela imprensa operária, como pessoas ‘frágeis’ e ‘indefesas’, ‘passivas’ e ‘carentes de consciência política’”. As mulheres ficavam com as tarefas menos especializadas e jamais assumiam um cargo de direção, estavam sujeitas a péssimas condições de trabalho, falta de higiene e assédio sexual, fatores que motivariam, posteriormente, a luta por melhores condições de trabalho, igualdade de jornada com relação aos homens e direitos trabalhistas.

Ainda conforme Matos e Borelli (2016), a população pobre rural migrou para as cidades na tentativa de galgar vagas no mercado de trabalho, principalmente nas fábricas, e, sem muitas condições para comprarem uma moradia digna, aglomeravam-se nos cortiços. As mulheres pobres urbanas trabalhavam como criadas domésticas e em troca recebiam um quartinho para dormir, roupas e alimentos; outras trabalhavam como costureiras em fábricas ou ainda trabalhavam em casa por até 18 horas diárias costurando para fábricas de chapéus ou alfaiataria. Além desses trabalhos:

Na fiação e tecelagem (algodão, seda, juta e lã), mulheres e meninas eram cerca de 70% do total da mão de obra empregada. No setor de vestuário, confecções de roupas, camisas, malharia, produção fabril de redes, fitas, bordados, tamancos, chapéus e alimentos (massas, biscoitos e chocolate), mais

da metade dos trabalhadores eram mulheres. Elas também atuavam na manufatura de cigarros, charutos e fumos, tocador, fósforos, velas e sabão (MATOS; BORELLI, 2016, p. 128).

A participação feminina estava presente em menor quantidade na construção civil, na metalúrgica, na cerâmica e no setor de vidro. O que pesava no momento da contratação para essas áreas era a ideia difundida de que a mulher possuía delicadeza, submissão, paciência, cuidado e docilidade. Sobre isso, Beauvoir assevera:

Os patrões muitas vezes as preferem aos homens. “Trabalham melhor e mais barato.” Esta fórmula cínica esclarece o drama do trabalho feminino. Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta (BEAUVOIR, 2009, p. 173).

Apesar de ter conquistado essas vagas nas fábricas, quando novos imigrantes desembarcaram aqui, esses postos foram ocupados por eles, e as mulheres foram dispensadas sob o pretexto de que elas estavam incumbidas de preparar a nova geração de trabalhadores; entretanto elas partiram para outras formas de sustento, como autônomas em armazéns, quitandas, vendas e bares, ou como ambulantes. Algumas mulheres preferiam trabalhar em seus domicílios como cozinheiras, donas de pensão, ou costureiras por peças, a fim de conciliar melhor suas atividades comuns com o trabalho.

Quanto às mulheres negras, de forma gradativa, foram alcançando a alforria, uma vez que somente nas últimas décadas do século XIX concretizou-se o final da escravidão, porém os anos de dominação deixaram marcas que as afetam até os dias atuais.

Alijada por conta do preconceito racial dos postos abertos na indústria, no comércio ou no serviço público, a população negra encontrou poucas alternativas fora dos trabalhos intermitentes e pequenas atividades de baixa remuneração. Em vários pontos do país, a seletividade racial, mesmo nas ocupações mais subalternas, fez-se presente (NEPOMUCENO, 2016, p. 385).

Por não terem muitas opções de subsistência, as mulheres negras pós-escravidão submeteram-se a continuar trabalhando para os senhores em troca de poucos ganhos. Outras trabalhavam como feirantes, quitandeiras, lavadeiras, taverneiras, costureiras e vendedoras, recebendo baixíssimos salários e péssimo tratamento.

Uma parte das mulheres conseguiu acesso à educação nesse período, porém desse privilégio inicialmente só puderam desfrutar as pertencentes às famílias de elite. Essa conquista tinha diversas ressalvas. As escolas eram separadas por gênero: enquanto para os meninos havia

quantidade suficiente de escolas, e eles podiam cursar o ensino primário e o secundário, a fim de se profissionalizarem para funções empregatícias, para as meninas surgiram poucas escolas, com o intuito de ensinar noções básicas das letras e das quatro operações, pois o currículo era projetado para aumentar o valor das moças no mercado patrimonial. Em consonância com Habner (2016):

A educação para mulheres de classe alta era centrada na preparação para seu “destino final” de esposa e mãe. Além disso, elas eram vistas como as guardiãs do lar e da família e mantenedoras da “base moral” da sociedade. Alguma educação poderia auxiliá-las a serem mães melhores, e melhores companheiras para seus maridos (HABNER, 2016, p. 57).

Entretanto, com o decorrer do tempo, a ideia de uma educação formal para as meninas foi sendo adicionada, mesmo que ainda não fosse igual à dos meninos. Em termos de leitura, enquanto os meninos dedicavam-se à política e à filosofia, para as meninas só eram permitidos livros devocionais e moralistas, pois seus intelectos eram considerados inferiores.

Com a popularização da educação, diversos setores sociais puderam conhecer as letras. As crianças da elite aprendiam com professores particulares ou em internatos de freiras, as ricas estudavam com professores estrangeiros, as menos ricas em escolas privadas e as pobres nas poucas escolas públicas. No entanto a maioria esmagadora da população pobre não frequentava nenhuma escola, e assim iniciou-se a desigualdade que hoje presenciamos.

Em conformidade com Louro (2017), até meados do século XIX, apenas os homens ingressavam no ensino superior, em profissões de prestígio social, enquanto as mulheres, mesmo as de elite, não podiam ensejar esse ideal. Somente nas últimas décadas do século, foi possível a elas adentrarem ao ensino superior, basicamente em cursos para os quais as mulheres eram consideradas aptas, como Enfermagem, Magistério, Farmácia e Odontologia. A partir de 1879, puderam concorrer também às vagas de Direito e Medicina nas universidades, mas inicialmente foram poucas as que conseguiram esse acesso.

3.3 MULHERES NO BRASIL REPÚBLICA

A Proclamação da República pode ser vista como o momento a partir do qual os novos modelos femininos passaram a ser reforçados. Esse período promoveu intensas transformações e remanejamentos nas elites que vinham se configurando no decorrer do século XIX. Muitas das imagens idealizadas das mulheres sofreram mudanças e intensificações por conta das transformações que se operaram com a Proclamação da República (PEDRO, 2017, p. 291).

Com o advento da República em 1889, que dura até a atualidade, o Brasil passou por uma modernização e higienização e conseguiu consolidar a urbanização e a industrialização. De acordo com Soibet (2017, p. 362-63), nas décadas iniciais, houve uma tentativa de afrancesar o país, especialmente o Rio de Janeiro, por isso o quartel entre 1890 e 1920 ficou conhecido como Belle Époque brasileira, período em que as pessoas eram incentivadas a imitar modos da cidade de Paris; as palavras de ordem da época eram progresso e civilização, assim sendo, pretendia-se transformar os modos de vida e a mentalidade da população, como também o aspecto das cidades através da demolição de cortiços, expulsão da população pobre e negra, que não tinha atributos necessários para aquele novo cenário.

Com o afrancesamento do país, a elite tentou embranquecer a nação, substituindo trabalhadores negros por brancos europeus, através da importação, principalmente de mulheres, para o trabalho doméstico. Enquanto isso, a população negra passou a sobreviver às custas de pequenas atividades descontínuas e com baixa remuneração. Como nem sempre as europeias aceitavam o trabalho doméstico, devido às péssimas condições e remuneração, e as patroas não tinham outra opção, contratavam-se novamente mulheres negras. Outras trabalhavam em serviços ligados à cozinha, venda de doces e salgados, lavagem de roupas e costura. Na indústria e comércio, elas não eram bem aceitas, com a justificativa das empresas de pretender contratar pessoas de “boa aparência”.

Arend (2016, p. 70) afirma que a noção de família já tinha sido transformada, seguindo a burguesia. A noção de infância ganha um novo significado, construído a partir de discursos de profissionais que consideravam as pessoas de 0 a 18 anos seres em formação física e psicológica, não cabendo a elas trabalhar ou casar nessa fase, mudanças que não foram aceitas de forma imediata nem total.

As primeiras famílias a incorporarem as transformações foram as de classe média e alta, nas quais nem crianças nem mulheres trabalhavam. As brincadeiras infantis passaram a demarcar os futuros papéis sociais de meninos e meninas; somente a partir dos 15 anos as moças poderiam conhecer rapazes em bailes e iniciar um namoro (AREND, 2016, p. 73). Já a população menos favorecida dependia do trabalho de sua prole, os meninos trabalhavam como ambulantes, vendedores de jornais, engraxates, entre outros. As meninas, como não podiam figurar no espaço público, trabalhavam como babás e, posteriormente, como empregadas domésticas.

Concernente às mulheres casadas, o Código Civil de 1916 considerava-as como civilmente incapazes. Elas deveriam viver em condição de subordinação ao marido e, para

trabalhar fora de casa, precisavam de uma autorização expressa do mesmo, necessitando ultrapassar muitas barreiras para conseguir se estabelecer em um emprego.

Os papéis femininos e masculinos continuaram fixos. O homem, como cabeça da casa, deveria ser o provedor da família, e a mulher, como subalterna e dependente, deveria estar voltada aos interesses do lar. No entanto esse modelo não era seguido por toda a população, por não querer ou não poder, visto que boa parte das mulheres não possuíam maridos e necessitavam manter a família, atuando, para isso, como chefes do lar.

De acordo com Matos e Borelli (2016), ao ser incorporada ao mundo do trabalho fabril desde o século XIX, a mulher passou a ter uma dupla jornada de trabalho: a ela cabia cuidar da prole, dos afazeres domésticos e também do trabalho fora do lar, cuja remuneração já era inferior à do homem, com a justificativa de que a mulher “trabalhava apenas para seus botões”. A dificuldade de conciliar as diversas funções com a maternidade levou as mulheres a reivindicarem escolas e creches para seus filhos, a fim de poderem trabalhar fora enquanto eles ficavam num lugar seguro. Com isso, as mães não perderiam seus empregos.

Esses dizeres sobre a mulher nessa época são enunciados com base em já-ditos sobre a constituição social e histórica delas. Retomando as palavras de Pêcheux (1993[1969], p. 75) “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas”, e elas dizem respeito aos contextos imediato e sócio-histórico. Orlandi (2015) diz que:

as condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívocos e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica (ORLANDI, 2015, p. 38).

Assim, no contexto imediato, temos o século XX e os dizeres: o trabalho da mulher não precisa ser bem remunerado, ela é dependente do marido e deve estar sempre disponível para atender as demandas dele, do lar e dos filhos. No contexto sócio-histórico, constata-se que o termo “mulher” suscita vários dizeres que se ancoram na memória da FD patriarcal, os quais foram se formulando ao longo dos séculos e que não se perdem, mas, ao contrário, retornam sob a forma de pré-construídos, possibilitando, ainda hoje, retomadas do imaginário atual do que é ser mulher na sociedade.

Com o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, espalhou-se a ideia de que as fábricas eram lugares propícios à aquisição de doenças e abuso sexual, e as mulheres que lá trabalhavam passaram a ser vistas como degeneradas, perdidas e anormais, comparadas até a prostitutas. Somando-se a isso, discursos médicos, juristas e da população em geral afirmavam

que esse trabalho prejudicava a mulher no desenvolvimento das suas funções no lar. Consoante Perrot (2017, p. 119), eram comuns dizeres como: “um homem digno desse nome deve poder sustentar sua família e precisa de uma mulher que cuide da casa. Além do mais, a fábrica com suas máquinas, sua sujeira, suas promiscuidades sexuais, não era para elas”.

Assim, entre 1920 e 1940, no auge do desenvolvimento das indústrias, a quantidade de mulheres ativas nas fábricas diminuiu consideravelmente, uma vez que foram preteridas pela mão de obra masculina, sobrando para elas o comércio, o trabalho em casas ou em escritórios. De acordo com Rago (2017):

Somos informados de que as mulheres foram progressivamente expulsas e substituídas pela mão-de-obra masculina no início do século XX. Assim, enquanto em 1872 as mulheres constituíam 76% da força de trabalho nas fabricas, em 1950, passaram a representar apenas 23%. O desenvolvimento das indústrias, intensificado pela Primeira Guerra Mundial, que trouxe um aumento de 83,3% da população operária no espaço de treze anos, explica-se pela ampla incorporação do trabalho masculino em detrimento do feminino. “O rápido crescimento da produção industrial dos anos 30 acentuaria ainda mais a queda na percentagem de mulheres empregadas nas atividades secundárias” (RAGO, 2017, p. 582).

Ao longo da história, a constituição do trabalho feminino deu-se pelo viés da ambiguidade. Quando era de interesse do Estado, para crescimento da economia, a incorporação da mulher ao mercado era facilitada; quando não, privilegiavam-se os homens nesse ambiente, com a justificativa de que o trabalho da mulher deveria ser provisório/complementar, pois seu lugar por natureza seria o lar. Assim, as mulheres ora podiam trabalhar fora do espaço doméstico de forma remunerada, ora eram realocadas novamente ao lar. Em 1941, ao invés de promover a profissionalização da mulher, o Estado, através de um Decreto-Lei, comprometeu-se a educar a juventude de maneira distinta: os homens para a futura responsabilidade como chefes de família e as mulheres para uma educação voltada para o casamento e a administração da casa.

Com relação à escolarização, após intensas reivindicações, a educação formal foi alargada, e escolas passaram a expandir-se pelo país; as de ensino privado ainda separavam meninos e meninas até metade do século, as públicas já eram mistas desde 1922. Rosemberg (2016, p. 339) acredita que “a educação formal foi ampliada porque seria benéfica, as mulheres educadas engravidariam mais tardiamente, teriam menos filhos, seriam mães melhores e cuidariam melhor da educação deles, o que significaria diminuição da pobreza a longo prazo”.

Fora do horário escolar, os meninos podiam brincar nas vias públicas, enquanto as meninas deveriam ficar em casa e aprender o ofício de dona de casa, afinal essa ainda era a

principal função da mulher. Muitas meninas pobres não conseguiam conciliar o trabalho com a escola e acabavam abandonando-a; outras, com muito esforço, conseguiam concluir o nível primário ensejando maiores chances na indústria ou no comércio, quando adultas.

Por outro lado, novos campos de empregos foram surgindo no comércio e em escritórios para as mulheres solteiras, as quais eram principais alvos dos anúncios publicitários de vagas de emprego. Dessa forma, a divulgação de cursos, como secretariado, contabilidade e datilografia, multiplicava-se.

Com relação ao ensino superior, os homens majoritariamente tinham acesso às mais diversas carreiras, enquanto as mulheres, em sua maioria, terminavam apenas o curso secundário, e aquelas que conseguiam seguir com os estudos optavam por carreiras consideradas femininas.

Perrot (2017) afirma que, na primeira metade do século, para as mulheres com boa escolaridade, as opções de trabalho bem aceitas eram as que representavam extensão do trabalho doméstico: professora, secretária, enfermeira, telefonista e balconista. Na metade do século, o Brasil continuou avançando e novos postos de trabalho surgiram na área elétrica, nas comunicações e no transporte rodoviário. Para as mulheres, surgiram então, além das já existentes, vagas em setores burocráticos, bancos, mídia, áreas de saúde e profissões liberais. Poucas mulheres ocupam as posições mais bem pagas e as de chefia, pois se considerava que elas não nasceram para mandar. A mentalidade da época não acompanha as mudanças na sociedade, e dizeres como “o curso universitário não pode comprometer a feminilidade”, “os homens não gostam de mulheres independentes” e “as mulheres cultas não conseguem casamento porque os maridos não querem ficar ofuscados” são recorrentes.

Esse era o panorama geral do Brasil nas primeiras décadas do século XX, porém, diferentemente de séculos anteriores, é o que proporciona às mulheres grandes conquistas nos mais diversos âmbitos, graças às intensas lutas de trabalhadores e trabalhadoras aliados aos movimentos feministas que se espalharam pelo país. Pinsky e Pedro (2016) atestam que:

O XX é chamado de “o século das mulheres” em razão das transformações aceleradas que propiciou à experiência feminina. Foi uma época de ampliação de direitos e oportunidades e de mudanças, tanto na qualidade de vida das mulheres, quanto no imaginário coletivo (PINSKY; PEDRO, 2016, p. 9).

Dentre as inúmeras conquistas das mulheres nesse período, descreveremos algumas mais importantes expostas por Pinsky e Pedro (2016) e Del Priore (2017), as quais possibilitaram à mulher acesso a direitos fundamentais para o crescimento como pessoa

independente e útil na sociedade, que pode ocupar espaços sociais de acordo com seus desejos e não apenas como ser responsável pela procriação da espécie humana.

Na década de 50, intensificou-se a participação feminina no mercado de trabalho, principalmente no setor de serviços coletivos, em escritórios, serviços públicos e no comércio; além desses, surgiram vagas de empregos como enfermeira, médica, professora, vendedora, funcionária burocrática, assistente social, entre outras funções que demandavam uma escolaridade maior das mulheres e promoviam uma elevação no *status* social. Todavia as expectativas da sociedade sobre o papel feminino continuavam intactas.

A moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa” [...] os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura” (PINSKY, 2017, p. 608-9).

Assim, a ideia de incompatibilidade entre o casamento e o trabalho fora do lar era constante na sociedade. Acreditava-se que a mulher se tornaria independente demais e, por consequência, adquiriria características masculinas, o que seria um prejuízo para a criação dos filhos e o cuidado com o marido, além de comprometer a realização das tarefas domésticas.

Na década de 60, a maternidade continuou vista socialmente como fonte de felicidade e realização da mulher, assim sendo, a mãe deveria colocar-se em segundo plano em favor do filho, entretanto novos ideais, como cuidar de si e da carreira, já eram permitidos.

Em 1962, pós criação e distribuição da pílula anticoncepcional, as mulheres passaram a ser inseridas no mercado de trabalho de maneira mais constante, já que agora elas poderiam escolher o momento em que engravidariam e quantos filhos teriam, o que contribuiu para maior investimento na carreira profissional nos mais diversos setores: têxteis, alimentícios, de eletroeletrônicos, cosméticos, serviços e no comércio.

Em 1970, época do milagre econômico, a industrialização foi consolidada e a mão de obra feminina foi requisitada para outros setores além dos têxteis e de alimentação: setores de eletroeletrônicos, cosméticos, brinquedos e o setor farmacêutico, pois eram consideradas possuidoras de características fundamentais para essas atividades, tais como: habilidades manuais, concentração, cuidado e rapidez. Outro fator positivo é que o nível de escolaridade das mulheres continuou sendo ampliado, bem como a diversificação de cursos que passaram a receber mulheres como alunas.

O ano de 1980 é considerado o ano da reinvenção da mulher, visto que sua participação no mercado de trabalho aumentou, junto com o reconhecimento profissional e a liberdade de escolher quando seria mãe. Nessa década, a quantidade de meninas que trabalhavam como babás ou empregadas domésticas diminuiu, o que foi muito positivo, já que elas passaram a cuidar apenas dos irmãos, enquanto as mães trabalhavam.

Nas décadas de 80 e 90, o sistema bancário brasileiro foi informatizado, alterou os critérios de contratação e rebaixou os salários, absorvendo bastante mão de obra feminina em cargos secundários de atividades repetitivas. Esse contexto favoreceu greves dos funcionários reivindicando seus direitos, nas quais as mulheres participaram ativamente.

No final do século XX, mesmo após ter conquistado, na lei, salários iguais aos homens e de possuir liberdade para escolher o curso de sua preferência na faculdade, ainda era possível observar a existência de discursos de que aquela que optasse pela carreira corria o risco de perder o marido e, caso fosse destaque em seu setor de trabalho, não seria bem recebida pelos homens ou elogiada pelas pessoas por sua função. Em conformidade com Perrot (2005):

“Fazer carreira” é, de qualquer maneira, uma noção pouco feminina; para uma mulher, a ambição, sinal incongruente de virilidade, parece deslocada. Ela implica, em todo caso, em uma certa renúncia, sobretudo do casamento (PERROT, 2005, p. 255).

É menos comum, nesse período, o pensamento de que a dedicação fora do lar deveria ser restrita às solteironas, mas ainda gerava estranhamento a ideia de que a mulher pudesse ocupar posições de destaque. Os discursos de submissão das mulheres em relação aos homens não tinham desaparecido, estavam vivos e eram retomados em diversas situações sociais, quando se questionava igualdade entre os gêneros, sendo ainda difícil para as mulheres ocuparem posições de chefia nas empresas.

A respeito das classes sociais das trabalhadoras, constata-se que as camadas pobres há muito estão inseridas no mercado de trabalho, porém as mulheres de segmentos médios e altos, em meados do século, passaram a buscar vagas empregatícias a partir do momento em que as barreiras já não existiam e devido à necessidade de contribuir com as despesas do lar, pois com a industrialização novos produtos e eletros são ofertados, e a remuneração do marido não é suficiente para dar conta dessas novas despesas. Assim, as classes que lutaram por melhores condições de trabalho abriram espaço posteriormente ocupado por aquelas que não lutaram, que se conformaram com a condição imposta às mulheres.

O século XXI traz algumas modificações relevantes sobre a atuação feminina. A respeito da maternidade, enquanto antes a procriação era o destino desejado para as mulheres, hoje, apesar de ainda haver a cobrança social nesse sentido, elas já escolhem quantos filhos terão e planejam a gravidez. Como consequência, as famílias estão menores a cada dia, reflexo do aumento da escolarização, pois as mulheres com menor escolaridade são as que têm maior número de filhos e mais cedo.

Segundo Scott (2016, p.35), com relação à educação, é consenso que elas são mais escolarizadas, o que ainda não significa que ganhem mais que os homens na prática. As mulheres ganham em média 70% do que os homens recebem, e as mais escolarizadas ganham 58% do rendimento dos homens em igual situação. A desigualdade não se limita ao gênero, também é vista com relação à cor da pele: as mulheres pretas e pardas ganham menos e muitas trabalham na informalidade, 60% das pardas estão inseridas em trabalhos informais, enquanto as pretas e brancas correspondem a 54% e 60%, respectivamente.

Com relação ao mercado de trabalho, elas já têm acesso a diversas profissões que antes eram ditas masculinas, como nas áreas de engenharia, segurança, eletrônicos, esportes, bem como à área política, porém com ressalvas, já que ainda é pequeno o número de mulheres eleitas no Brasil. Apesar de ainda haver dizeres que subestimam a capacidade feminina para ocupar tais cargos, elas atuam e cumprem o papel com mestria.

Hoje, muitas mulheres que são mães e trabalham fora sofrem alguns efeitos colaterais, como a exaustão; a isso se deve não o fato de ter uma ocupação no mercado, mas à dupla ou tripla tarefa que precisam enfrentar, já que o cuidado com os filhos e a casa não chegou a ser dividido com o marido, tornando a dupla jornada pesada demais:

Além de trabalhar fora, independentemente das cobranças masculinas, exige-se também que ela seja a responsável pela casa, pelas tarefas domésticas e orientação dos filhos. Tem de ser uma supermulher, excelente em todas as tarefas domésticas, na produtividade profissional e na colaboração para as finanças do lar (FUCS, 1993, p. 17).

Ainda sobre a dupla e intensa jornada de trabalho, Scott (2016) resume:

É verdade que nas últimas décadas do século XX e no início do XXI as mulheres granjearam importantes parcelas do mercado de trabalho, alcançaram uma maior escolarização, conseguiram ampliar o controle sobre a sexualidade e fecundidade, mas também aumentaram e muito a jornada de trabalho. Enfim conquistas avassaladoras se comparadas com as opções de vida apresentadas às mulheres na virada para o século XX. Contudo, ainda temos uma estrada bem longa e difícil para que a divisão equitativa das

responsabilidades e a isonomia entre homens e mulheres entre nós brasileiros sejam alcançadas (SCOTT, 2016, p. 38).

O que se constata é que no século XXI a mulher brasileira ainda vive atravessada pelas desigualdades com relação ao sexo oposto. Pelo que vimos, só com uma luta contínua ela conseguirá conquistar um cenário mais favorável, isso porque, na constituição do segundo sexo, foram normalizados sentidos como “frágil”, “dócil”, “submissa e dependente”, “propícia para servir a todos que a cercam”.

3.3.1 Contribuições do feminismo para a evolução da mulher no mercado de trabalho

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas), em todo o mundo social [...] (BOURDIEU, 2002, p. 17).

Diante da tomada de consciência acerca do cenário de inferioridade das mulheres em relação aos homens, nos diversos âmbitos, surgiu no Brasil o movimento feminista inspirado em grupos da Europa e Estados Unidos, com o propósito de lutar por direitos políticos e sociais. Conforme Pedro (2016, p. 241), “é o movimento feminista que também afirma que as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza, mas sim fruto da cultura e, portanto, passíveis de transformação”.

Segundo Teles (1999), o feminismo constitui-se em uma filosofia universal que afirma a existência de uma opressão às mulheres nas estruturas ideológicas, culturais e políticas. Essa opressão assume diversas formas de acordo com as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e na cultura. Para a autora:

Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade (TELES, 1999, p. 10).

“O feminismo age em movimentos súbitos, em ondas. É intermitente, sincopado, mas ressurgente, porque não se baseia em organizações estáveis capazes de capitalizá-lo” (PERROT, 2017, p. 155). Aqui no Brasil, apesar de já haver lutas femininas lideradas por Nísia Floresta desde meados do século XIX, a primeira etapa ou onda do feminismo consolidou-se

no fim do citado século e perdurou até 1932. Gerido por Bertha Lutz, a primeira tendência do movimento voltava-se ao sufrágismo, tinha um discurso moderado, não levantava questões sobre a opressão feminina para não chocar a sociedade conservadora da época.

O sufrágismo foi iniciado nos Estados Unidos em 1948 com o propósito de denunciar a exclusão da mulher do mundo público; já no Brasil, a luta pelo voto feminino não teve as mesmas características de movimento de massas, como ocorreu nos Estados Unidos e na Inglaterra. Segundo Alves e Pitanguy (1985), o sufrágismo no Brasil:

Iniciou-se bem mais tarde, em 1910, quando a professora Deolinda Daltro funda, no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino, com o objetivo de ressuscitar no Congresso Nacional o debate sobre o voto da mulher, que não havia sido retomado desde a Assembléia Constituinte de 1891. Em 1919 Bertha Lutz funda a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, posteriormente denominada Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que levará adiante a luta pelo sufrágio (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 47).

Uma outra tendência do movimento, segundo Pinto (2003), reunia intelectuais, anarquistas e líderes operárias para reivindicar, juntamente com as mulheres trabalhadoras, a diminuição da carga horária e a regulamentação do trabalho feminino, a abolição do trabalho noturno, a igualdade salarial entre os gêneros, o direito ao ensino superior igual ao dos homens e não restrito ao magistério, e introduz ainda temas ligados à sexualidade e ao divórcio.

A fim de conseguir atenção para suas demandas, as feministas buscaram apoio da opinião pública, de várias lideranças e da imprensa, o que possibilitou grande êxito. Dentre as conquistas da primeira etapa do feminismo, destaca-se o direito ao voto conquistado em 1932, sendo o Brasil o segundo país da América Latina a concedê-lo, além disso, foi aceita a redução da carga horária igualando-a à dos homens, proibiu-se o trabalho noturno para mulheres e crianças e a diferença salarial para um mesmo trabalho, e instituíram-se algumas Leis Trabalhistas, tais como férias anuais, lazer semanal, liberdade de associação e direitos relacionados à maternidade. Após essas conquistas, e sob o regime de Ditadura no Brasil, o movimento feminista se enfraqueceu, deixando de atuar de forma plena (SOIBET, 2016, p. 226, 228).

Em 1949, foi lançado na França o livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, que foi base para o despertar da mulher em todo o mundo sobre a sua condição na sociedade enquanto subserviente ao sexo masculino, ao mostrar toda a conjuntura que a envolve desde cedo, para que seja vista em segundo plano e sob a dominação masculina. Para ela:

A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. “A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente...” (BEAUVOIR, 2009, p. 89).

A partir das ideias concebidas por Beauvoir, surge a segunda onda do feminismo na década de 70, período em que o país estava sob a Ditadura Militar, num momento de industrialização, de incorporação da mulher ao mercado de trabalho e de ampliação das escolas. Essa nova onda pretendia questionar as relações de poder entre homem e mulher e lutar por uma nova forma de relacionamento entre eles. Os temas levantados foram inicialmente a questão do trabalho e os problemas da mulher trabalhadora. Depois foram incorporadas questões relativas ao corpo, à sexualidade, à proteção da maternidade e da infância, criação de creches e à violência contra a mulher.

De acordo com Alves e Pitanguy (1985, p. 67), nessa fase do movimento, pequenos grupos de reflexão/consciência foram formados nas casas para socialização dos problemas individuais sofridos, e, com essa prática, as mulheres percebiam que o problema não era apenas individual, mas coletivo. Esse método foi criticado posteriormente até mesmo pelas feministas que acreditam ser mais válido expor os problemas em ambientes públicos do que em privado. Com o tempo, as discussões dos temas relacionados ao feminismo estenderam-se ao espaço público, como associações em bairros e comunidades das periferias urbanas, clubes de mães, associações de vizinhança, e, principalmente, aos periódicos que surgiram à época, núcleos de estudos nas universidades, eventos e fóruns nacionais.

Em 1975, é declarado pela ONU o início da década da Mulher e, para comemorar, muitas atividades públicas são realizadas para discutir a condição da mulher, o que acaba atraindo mais participantes e fortalecendo os grupos de reflexão com uma infinidade de reivindicações e formas de luta; em 1980, as mulheres das camadas populares são incluídas e surgem grupos feministas temáticos, ampliando ainda mais a luta.

Dentre as conquistas alcançadas nessa segunda onda do feminismo, destacam-se a modificação do *status* de subordinada da mulher casada, investimentos em infraestrutura social de proteção à mãe e à criança (creches e escolas), incentivos à saúde, apoio à mulher trabalhadora através da profissionalização, igualdade salarial e acesso a cargos de chefia (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 73), além da criação de delegacias especializadas a fim de coibir a violência contra a mulher e da implementação de um programa de atenção à saúde com

foco em planejamento familiar, sexualidade e aborto. Para Pedro (2016, p. 255), foi devido às reivindicações femininas que ocorreram as mudanças relacionadas à mulher na Constituição de 1988. Vale ressaltar que algumas conquistas ficaram apenas no papel, visto a distância entre a lei e a prática social, fato que persiste até os dias atuais.

A terceira onda do feminismo iniciou-se em 1990 e, conforme Silva (2017), foi denominada como a decadência dos movimentos feministas. Nessa fase, muitas mulheres, por acharem que já tinham conquistado seus ideais, afastaram-se da luta. Segundo Pinto (2003), o movimento tornou-se difuso, pois se dividiu em várias ramificações e não convergiu mais em um único grupo. Não havia militantes e organizações específicas, sendo muitas vezes defendido por homens e mulheres não necessariamente identificados como feministas, e tinha característica bem mais heterogênea, pois focava os diferentes tipos de mulheres. Entre as conquistas desse movimento, destaca-se a criação de ONGs para decisões e tramitações governamentais de interesse das mulheres. Veremos um quadro sistemático de algumas conquistas relacionadas ao trabalho das mulheres neste século, a partir das contribuições do feminismo em suas três ondas, conforme exposto em Pinsky e Pedro (2016) e Del Priore (2017):

Tabela 1 - Lista de conquistas a partir das contribuições do Feminismo

ANO	CONQUISTAS/ DIREITOS
1930	<ul style="list-style-type: none"> • Criação das Leis Trabalhistas. • Instituição do salário mínimo. • Criação da carteira de trabalho.
1932	<ul style="list-style-type: none"> • Permissão do voto feminino.
1943	<ul style="list-style-type: none"> • Permissão para trabalhar sem autorização expressa do marido.
1960	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de Leis que proíbem a diferença salarial entre homens e mulheres. • Ampliação da licença-maternidade para 120 dias. • Estabilidade às gestantes por determinado período. • Acesso a diversos cursos superiores e não apenas ao magistério.
1962	<ul style="list-style-type: none"> • Acesso a pílulas anticoncepcionais.
1988	<ul style="list-style-type: none"> • Igualdade no casamento entre homens e mulheres.

1995	<ul style="list-style-type: none"> • Determinou-se aos partidos políticos a reserva de, no mínimo, vinte por cento das vagas para mulheres candidatas às eleições. • Proibição de exigência de atestados de gravidez e esterilização para admissão em empresas.
2003	<ul style="list-style-type: none"> • Estabilidade às empregadas domésticas até cinco meses após o parto.
2008	<ul style="list-style-type: none"> • Foi criado o programa Empresa Cidadã, que tem por intuito prorrogar a licença-maternidade de quatro para seis meses para as funcionárias das empresas participantes.

Fonte: Azevêdo, 2018.

Na atualidade, muito diferente de séculos atrás, há uma porcentagem de meninas na escola igual ou superior a de meninos; no mercado de trabalho, as mulheres já figuram em diferentes e inúmeros setores, porém ainda há uma conjuntura de dizeres em diferentes instituições que privilegiam um gênero sobre o outro; cabe então à escola, que é uma das principais instituições sociais, em que os sujeitos passam grande parte de seu tempo, provocar uma reflexão e não reproduzir o sexismo ainda presente na organização social que considera o homem superior à mulher. Concernente a essa temática, Moreno (1999) diz que o androcentrismo:

Consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre no nosso mundo, como o único capaz de ditar leis, de impor a justiça, de governar o mundo. É precisamente esta metade da humanidade que possui a força (os exércitos, a polícia), domina os meios de comunicação de massa, detém o poder legislativo, governa a sociedade, têm em suas mãos os principais meios de produção e é dona e senhora da técnica e da ciência (MORENO, 1999, p. 22).

Ainda que já tenha havido grandes mudanças, os meninos ainda são colocados como fortes e guerreiros, criam-se histórias infantis e filmes nos quais os homens são colocados como heróis salvadores e as mulheres como impotentes e indefesas. Há ainda resquícios na atualidade de dizeres que separam disciplinas e cursos para mulheres e para homens, não com relação às aptidões, mas meramente relacionado aos seus gêneros.

3.3.2 Constituição de algumas profissões no século XX e XXI

Veremos, a seguir, alguns indícios de como algumas profissões constituíram-se e os dizeres que comumente foram difundidos sobre as mesmas, gerando impacto na imagem que se faz delas e de quem as ocupam. Isso se faz necessário para entendermos por que as revistas em análise relacionam o trabalho das mulheres a determinados estereótipos.

3.3.2.1 *Secretárias*

As secretárias no século XX tinham inicialmente a função de datilógrafas, e a profissão se resumia a essa atividade mecânica. Com o passar dos anos, as empresas aproveitaram a capacidade administrativa e de organização que as mulheres já praticavam em seus lares para estendê-la ao trabalho, exigindo a prática de atividades como fazer café, cuidar de plantas no escritório, providenciar pequenas refeições e receber executivos. Uma boa secretária, segundo Perrot (2005), era:

Intuitiva, discreta, sempre disponível, ela sabe se adaptar às mais diversas exigências, da carta comercial ao buquê de flores ou à xícara de chá. Sua doçura realça a ativa virilidade do mestre estafado. Sua proverbial “gentileza”, antídoto da sedução, exorciza uma sexualidade fora de propósito. Nem intelectual nem coquete, ela deve ser impecável e adequada a qualquer situação, bem vestida, sem excesso ou ostentação (PERROT, 2005, p. 252).

A partir dos anos 50, as secretárias foram solicitadas em empresas multinacionais devido ao início do processo de industrialização do país. No decorrer do tempo, essa profissão teve sua importância diminuída e foi associada a dizeres como: “a secretária é também amante do chefe”, “não tem qualificação e ocupa esse posto apenas por ser bela e sexy”, “seus atributos físicos compensam a falta de capacidade intelectual”.

3.3.2.2 *Donas de casa*

“A dona de casa perfeita é o modelo sonhado de boa educação, e torna-se objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino” (PERROT, 2017). Esse discurso foi difundido no século XX, e o auge da felicidade para a mulher era ter um casamento ideal e ser dona de casa. Mesmo com a evolução da sociedade, as tarefas da casa continuam sendo exercidas apenas pelas mulheres na maioria

das vezes, mesmo se elas trabalharem também fora de casa. Enquanto antes as mulheres mais ricas compravam os eletrodomésticos “modernos” para auxiliar nas tarefas do lar, hoje elas contratam empregadas domésticas para as atividades manuais.

3.3.2.3 *Costureiras*

Como vimos anteriormente, uma das primeiras possibilidades de renda para as mulheres foi a costura. Na década de 50, os cursos profissionalizantes espalhavam-se, e essa atividade era bem vista por poder ser realizada no próprio ambiente do lar, sem atrapalhar a mulher no desenvolvimento das tarefas domésticas, e por valorizar as habilidades consideradas inatas ao sexo feminino, como paciência, destreza, atenção e cuidado. A máquina de costura, para Perrot (2005), é considerada:

A “pequena fada do lar” que permite à mulher conciliar todas as atividades e, sobretudo, ficar em casa, em seu universo. “As mulheres são feitas para esconder suas vidas, para buscar a felicidade nas afeições exclusivas e para governar em paz este mundo restrito da família, necessário para a sua ternura nativa” (PERROT, 2005, p. 234).

Assim, era comum na época ouvir que as mulheres nascem “com uma agulha entre os dedos” (PERROT, 2017, p. 122). Segundo Perrot (2017, p. 121), a costura tornou-se “um imenso viveiro de empregos, de ofícios, de qualificações para as mulheres, e isso durante séculos. Está ligada à importância do vestuário e da roupa íntima em nossa cultura, nesse estágio de desenvolvimento das sociedades ocidentais”. Assim, essa profissão era passada de geração a geração como função ideal para as mulheres.

3.3.2.4 *Professoras*

O magistério, através do processo de “feminização”, passou a ser, a partir do século XIX, um curso desejado para mulheres, por elas serem consideradas capazes de cuidar, disciplinar e educar crianças como se fossem seus filhos, daí a tendência de serem chamadas de “tias”. De acordo com o trecho de um artigo publicado pela revista *Jornal das Moças*:

De todas as profissões, a de professora é, certamente, a mais importante para a sociedade. É ela que, na escola, encaminha e instrui. Tudo vê, tudo indaga, tudo consegue de seus alunos. Muitas e muitas vezes, é ela que encaminha os máus elementos, aqueles que, na própria casa, os pais não conseguem

amoldar. A mestra é, certamente, aquela que, com carinho e dedicação, pode ensinar e levar as crianças ao bom caminho. Uma escola nada mais é do que uma grande família, onde a professora é a mãe espiritual de todos, que guia e encaminha, ensina e amolda, educa e prepara os homens de amanhã. Turmas e turmas de crianças passa, todos os anos, por suas mãos, e outras e mais outras hão de vir, tôdas para receber os ensinamentos indispensáveis à labuta de todos os dias (Revista *Jornal das Moças*, 1951, p. 11).

De início, as mulheres de setores médios e altos eram seduzidas por essa profissão por proporcionar elevação do *status* social, do nível intelectual, além do ganho financeiro e da aceitação em ambientes públicos. Algumas exerciam a profissão até o casamento, outras, mesmo depois de casadas, continuam no trabalho por ter uma jornada de meio período, possibilitando a conciliação com as atividades do lar. Matos e Borelli (2016, p. 138) destacam que “a frequente identificação do magistério com um sacerdócio ajudou a difundir a ideia de que a ‘boa professora’ não se preocupa com o pagamento, pois está concentrada na formação dos alunos”. Foram dizeres como esse que contribuíram para a diminuição salarial ao longo do tempo, provocando a necessidade do trabalho em mais de um turno e as várias manifestações para cobrança de direitos.

3.3.2.5 Enfermeiras

As enfermarias, antes do século XX, eram sujas e insalubres, porém as ideias higienistas do início desse mesmo século contribuíram para transformá-las. Além disso, as preocupações e cuidados com a saúde saíram do comando das freiras para ficar com os médicos e profissionais de saúde. Inicialmente, a profissão era aprendida na prática hospitalar, e somente na virada do século XIX para o XX, instituiu-se a criação de cursos de curta duração. Ser enfermeira era uma tarefa árdua, demandava tempo e disposição para as jornadas extensas de trabalho pesado, muitas vezes noturno e com poucas folgas. Matos e Borelli (2016, p. 138) apontam que a “‘boa enfermeira’ era valorizada por habilidades como esmero, paciência, abnegação, cautela e docilidade no trato geral do paciente (limpar, arrumar, ministrar remédios e curativos), contribuindo para o bom êxito das prescrições médicas”. Eram também muito cobradas por seu comportamento moral dentro e fora do ambiente de trabalho.

3.3.2.6 *Executivas*

A mulher passou a exercer funções de direção na empresa, com maior força, a partir do início do século XXI, chefiando equipes compostas muitas vezes por homens ou até mesmo representando a empresa em eventos empresariais fora do país, mas, ainda hoje, (na segunda década do século) causa estranhamento sua figura nesse espaço. Bourdieu (2002) diz que:

para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só que explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estrutura física, uma voz ou aptidões como agressividade, segurança a “distância em relação ao papel”, a autoridade dita natural etc, para quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens (BOURDIEU, 2002, p. 78).

Há, portanto, uma cobrança para que a mulher assuma características masculinas, traços, estilo, voz e postura para minimizar os efeitos que a presença feminina causaria, visto que não se admite ainda com naturalidade uma mulher em certos ambientes. No mercado de trabalho, há também uma tensão entre a ocupação de posições de chefia e o trabalho doméstico.

4 METODOLOGIA EM AD

Sabe-se que as revistas e os jornais impressos foram grandes fontes de informação para a sociedade durante décadas do século XX. Com o advento e popularização do rádio, da televisão e da internet, o cenário começou a mudar, e esses novos meios de comunicação, paulatinamente, passaram a substituir os anteriores na casa dos brasileiros. Nesta pesquisa, analisaremos discursos veiculados apenas por revistas impressas, as chamadas revistas femininas, de épocas distintas, a fim de captar se houve mudanças nos modos de discursivização sobre o trabalho das mulheres na sociedade.

É sabido que, para a AD, não é relevante a pesquisa de cunho quantitativo, pois ela não se baseia em contagem de dados ou em análise de estatísticas para explicar a ocorrência discursiva. Desse modo, realizaremos uma pesquisa qualitativa. Nela, o pesquisador colhe os dados para a análise e parte da superfície linguística para chegar ao processo discursivo; esse tipo de pesquisa deve ser usado quando o fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual faz parte.

Interessa-nos destacar que as revistas *Jornal das Moças* e *Claudia* – assim como outros instrumentos de comunicação – são difusoras de ideologias que atuam com grande força na sociedade, pois naturalizam tendências de moda, de comportamento e de práticas na vida social, fazendo com que seu público deseje assimilar e praticar o que é por elas propagado. Assim, esse público é afetado pela ideologia e pode ou não se identificar com os discursos presentes nessas revistas.

Pêcheux, em consonância com Althusser em sua leitura sobre Marx, afirma que é a ideologia que transforma o indivíduo em sujeito, e que ela está presente na língua e, por consequência, no discurso. Além da ideologia, é importante recordar que o silenciamento de dizeres é algo também a se observar quando se trata do discurso. Observaremos o que a revista diz a respeito do trabalho feminino, mas também o que ela silencia. Por que diz isso e não aquilo? Por que tenta perpetuar a imagem da mulher como afeita aos afazeres do lar ou a profissões que se assemelham a essas atividades e não a coloca em outra posição?

Assim sendo, a principal hipótese levantada para esse trabalho é a de que houve uma modificação no discurso das revistas sobre a mulher no mercado de trabalho ao compararmos publicações de revistas de diferentes épocas (*Jornal das Moças* de 1950, e *Claudia* dos anos 2010), mesmo que a revista mais recente ainda não dê conta de discursivizar a mulher nos vários cargos que ela ocupa atualmente.

Nas bases da teoria pecheutiana está o passo a passo que o analista de discurso deve seguir com relação à aplicação da teoria para que consiga analisar o objeto de estudo que lhe é proposto. Ele precisa levar em conta os elementos teóricos da AD, dentre eles, a opacidade da língua, os sentidos marcados historicamente e plurais, sentidos considerados possíveis frente a condições de produção e formações imaginárias determinadas.

Para que a análise seja realizada de forma coerente, é necessário recordar que os sujeitos são interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente, que se identificam com determinadas formações ideológicas e discursivas, as quais fazem parte do interdiscurso. Enfim, o analista de discurso que se dispõe a fazer uma interpretação das sequências textuais escritas ou imagéticas, deve colocar o dito com relação ao não dito, deve fazer da falha, do equívoco seu ponto de partida para a interpretação. Em nosso objeto de estudo, as revistas, há um discurso produzido com relação à mulher, discurso que também circula na vida cotidiana de mulheres e crianças, e, em menor escala, circula entre homens. Segundo Pinsky (2014), esses sujeitos geram sentidos sobre a feminilidade a partir das publicações lidas.

A AD concebe formas de se analisar os discursos a partir de um dispositivo de interpretação. Para isso, o analista de discurso é orientado a buscar as marcas do não dito a partir do dito, pois, por vezes, o que não se diz importa mais para efeito de análise do que o que está exposto. Assim, não se procura um sentido verdadeiro ou atravessar o texto para buscar seu sentido. O trabalho do analista é perceber como o texto significa, quais sentidos são gerados. Já que as palavras da língua não possuem um único sentido, ele é construído a partir da posição ideológica de quem enuncia. Esse movimento de interpretação deve ser realizado em contato com a teoria e seus princípios. Como instrução para lidar com a interpretação, diz Orlandi (2015):

Em nosso caso, trata-se da teoria, no sentido de que não há análise de discurso sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem, ambas, o processo de compreensão do analista. É assim que o analista de discurso “encara” a linguagem (ORLANDI, 2015, p. 60).

O dispositivo teórico da AD fornece diretrizes a serem seguidas para realizar análises partindo da superfície linguística até chegar ao processo discursivo. Em nosso caso, busca-se perceber indícios de funcionamento da ideologia presente na materialidade linguística, e, para isso, observam-se os elementos linguísticos e o seu funcionamento no discurso que deixa marcas nas sequências discursivas (verbais e não verbais) presentes nas revistas escolhidas.

Sobre o percurso metodológico a ser seguido para a análise, Pêcheux e Fuchs (1993) indicam que se deve começar pela superfície linguística, que é entendida:

No sentido de sequência oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase. Trata-se aí de um “discurso” concreto, isto é, do objeto empírico afetado pelos esquecimentos 1 e 2, na medida mesmo em que é o lugar de sua realização, sob a forma, coerente e subjetivamente vivida como necessária, de uma dupla ilusão (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 180).

Nesse primeiro nível da análise, observam-se os elementos que compõem o texto, o que está explícito, o dito na materialidade específica, questiona-se por que o que está dito foi dito de tal forma e em quais condições de produção foi possível esse dizer. Nesse ponto da análise, é importante observar as formações imaginárias sobre a materialidade linguística – no caso desta pesquisa, a imagem que o sujeito enunciador tem da mulher e do trabalho e de que lugar ele fala para poder dizer o que diz –, e, assim, o analista tenta de-superficializar o *corpus* bruto, ou seja, desfazer a impressão de sentido evidente ou único, desvelar o esquecimento número 2 ou a ilusão de que o sujeito enunciador só poderia falar assim, pois a “escolha” das palavras é realizada de forma pré-consciente/consciente. Depois disso, o analista parte para o objeto discursivo, que, para Pêcheux e Fuchs (1993), pode ser entendido como o resultado da transformação da superfície linguística de um discurso concreto em um objeto teórico, isto é, em um objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma análise linguística que visa anular a ilusão nº 2.

Nesse segundo momento, observa-se o que é dito no discurso em contraponto com o que é dito em outros, ou seja, observa-se a FD de um discurso, pois o que determina essa FD é justamente o que não está nela e sim em outras FDs. Diferentemente da superfície linguística, o objeto discursivo não está explícito, cabe ao analista interpretar, observar como o discurso funciona.

No último nível da análise, o pesquisador segue para o processo discursivo:

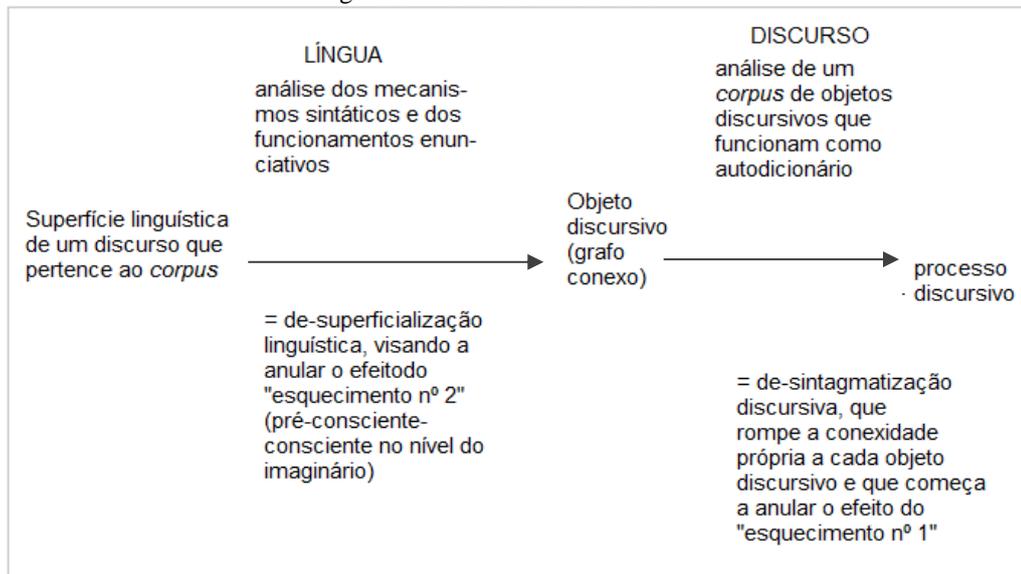
Entendido como o resultado da relação regulada de objetos discursivos correspondentes a superfícies linguísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas. Este acesso ao processo discursivo é obtido por uma de-sintagmatização que incide na zona de ilusão – esquecimento nº 1 (PÊCHEUX, 1993, p. 181).

De acordo com a citação anterior, nesse último passo, o analista procura notar as marcas de funcionamento da ideologia presente nas diversas FDs, bem como os modos de

funcionamento do interdiscurso que constituem sujeitos e sentidos do discurso. Assim, é através desses três passos que o analista observa os efeitos da ideologia e da história na língua.

Para melhor compreensão desses três níveis da análise, na sequência veremos um esquema explicativo:

Figura 6 - Percurso da análise em AD



Fonte: (PÊCHEUX, 1993, p. 181)

Seguindo as orientações pecheutianas, em nossa pesquisa, primeiro faremos a observação da materialidade linguística, ou seja, qual estrutura linguística o sujeito enunciativo utiliza para dizer o que quer dizer; parafrasearemos, então, o que está dito; questionaremos o porquê de os efeitos de sentido sobre o trabalho feminino serem esses e não outros; analisaremos quais condições de produção permitiram dizer o que foi dito sobre a mulher nos períodos analisados; investigaremos o uso de determinadas palavras e não outras na produção do enunciado; enfim, destacaremos a superfície linguística. Logo depois, procederemos à análise mais avançada do objeto discursivo. Nesse momento, serão observadas e destacadas as formações discursivas referentes ao discurso, e o que está silenciado também; e, por fim, chegaremos ao processo discursivo, em que investigaremos em qual ideologia o discurso se apoia e quais já-ditos do interdiscurso compõem o dizer sobre o trabalho feminino nos textos escritos e imagéticos em análise.

4.1 SOBRE A SELEÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Para esta pesquisa, optamos por analisar discursos na/da revista *Jornal das Moças*, acessível em formato digitalizado no site da Biblioteca Nacional Digital Brasil – Homeroteca Digital Brasileira, disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>, e da revista *Claudia*, encontrada no formato impresso em bancas ou sebos e no formato digital no site <<https://claudia.abril.com.br/>>.

A revista feminina semanal ilustrada *Jornal das Moças* surgiu em 1914 e circulou nacionalmente até aproximadamente 1965. Era de grande popularidade, possuía como público-alvo mulheres de classe média, e tratava sobre uma gama de temas que eram considerados, na época, de interesse do público feminino, como culinária, prendas manuais, decoração, organização do lar, cuidados com o filho e marido, além de conselhos, informações e curiosidades. Durante o período de publicação, a sociedade atravessou períodos históricos, políticos e culturais diversos e a revista continuava a debater apenas esses temas relacionados ao universo feminino. As revistas eram escritas por homens, sendo somente algumas colunas escritas por mulheres, daí a tendência de perpetuar certos posicionamentos sobre as atribuições do gênero feminino.

Por outro lado, a revista *Claudia* surgiu nos anos 60 do século XX e está em circulação até hoje. Inicialmente, tratava apenas de temas semelhantes aos da revista *Jornal das Moças*, mas, com o passar dos anos e com a inserção da mulher cada vez mais no mercado de trabalho e em outros ambientes que antes lhe eram impossíveis, a revista passou a introduzir nova temática em suas publicações, acompanhando as transformações nos papéis da mulher. É considerada a revista porta-voz da mulher brasileira, independentemente de sua idade, classe social ou região.

Para construir o *corpus*, foi feito um recorte cronológico da revista *Jornal das Moças*, da década de 1950, e da revista *Claudia*, de 2010 a 2015. Foram selecionadas seis revistas *Jornal das Moças* e quatro revistas *Claudia*, nas quais serão observadas as sequências verbais e imagéticas que sejam significativas para analisar a construção do trabalho feminino. Para tanto, a teoria Análise de Discurso justifica essa seleção, pois trabalha com análises de cunho qualitativo. O que nos interessa são as regularidades nos enunciados divulgados, os discursos que mais se repetem e os padrões refletidos nas revistas, os quais nos permitem caracterizar a imagem que as revistas fazem sobre o trabalho feminino.

A partir de nossa seleção, como já explicitamos, o *corpus* conta com seis revistas *Jornal das Moças* e quatro revistas *Claudia*, as quais descrevemos no quadro a seguir, com suas

respectivas edições e ano de publicação, ordenadas aqui de acordo com a sequência que aparece nas análises.

Quadro 2 - Relação das Revistas analisadas

Revistas	Edição/Ano de Publicação
1. Revista <i>Jornal das Moças</i>	Nº 02026 / Fevereiro 1958
2. Revista <i>Jornal das Moças</i>	Nº 02259 / Outubro 1958
3. Revista <i>Jornal das Moças</i>	Nº 02027 / Abril 1954
4. Revista <i>Jornal das Moças</i>	Nº 01858 / Janeiro 1951
5. Revista <i>Jornal das Moças</i>	Nº 02204 / Setembro 1957
6. Revista <i>Jornal das Moças</i>	Nº 02272 / Janeiro 1959
1. Revista <i>Claudia</i>	Nº (ilegível) / Janeiro 2010
2. Revista <i>Claudia</i>	Nº 608 / Maio 2012
3. Revista <i>Claudia</i>	Nº (ilegível) / Novembro 2011
4. Revista <i>Claudia</i>	Nº 609 / Junho 2012

Fonte: Azevêdo, 2018.

Existem formas diversas de interpretar um mesmo enunciado. Orlandi (2015, p. 57), em consonância com Pêcheux, diz que todo enunciado é sempre suscetível a ser/tornar-se outro. Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos.

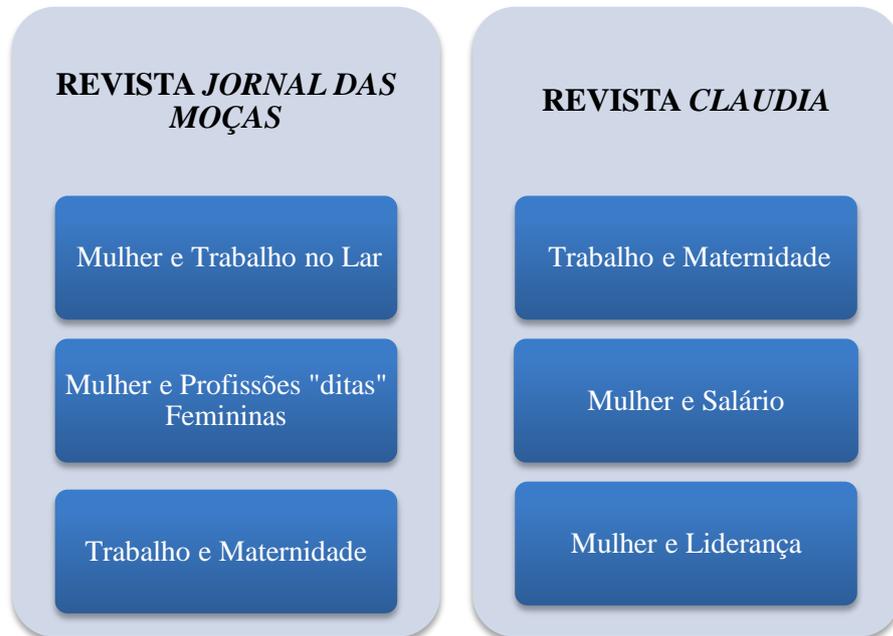
A composição do *corpus* desta pesquisa deu-se através da verificação das construções discursivas sobre a mulher nas revistas *Jornal das Moças* e *Claudia*, observando os temas abordados na revista. Sobre a delimitação de *corpus*, Orlandi (2015) assevera que sua definição segue critérios teóricos, e ainda que:

Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou a exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável. Isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes (ORLANDI, 2015, p. 60).

Para esta análise, recorreremos aos principais pressupostos disponibilizados pela AD pecheutiana, que já foram descritos anteriormente, tais como: o discurso, as formações discursivas e ideológicas, as condições de produção, as formações imaginárias e o interdiscurso,

além de observar o funcionamento do silêncio constitutivo e local. Foram selecionadas para esta pesquisa diferentes categorias de análise, a respeito da mulher e do trabalho, descritas no quadro a seguir.

Quadro 3 - Categorias de Análise



Fonte: Azevêdo, 2018.

Após selecionarmos o *corpus*, procedemos à técnica de análise dos dados, seguindo os pressupostos metodológicos. Assim, investigamos as seguintes questões: a revista *Jornal das Moças* discursiviza a mulher no lar ou em setores de trabalho? E a revista *Claudia* mostra as diversas profissões femininas e suas especificidades ou as põe em silêncio? O que se diz sobre a mulher que trabalha no século XXI?

Após a seleção dos textos e das sequências discursivas das referidas revistas, elaboramos um quadro com os discursos acerca do trabalho feminino. Fez-se, conseqüentemente, um recorte de todo material e organizou-se no quadro a seguir, dividido em categorias. Essas categorias referem-se aos fatores/elementos que constroem a noção de mulher e trabalho. As mais recorrentes na revista *Jornal das Moças* foram: “Mulher e Trabalho no Lar” (8), “Mulher e Profissões ‘didas’ femininas” (7) e “Trabalho e Maternidade” (2); e, na revista *Claudia*, foram: “Trabalho e Maternidade” (3), “Mulher e Salário” (2) e “Mulher e Liderança” (4). Vale salientar que a quantidade de ocorrências verificadas na revista *Claudia* foi pouca, porém significativa para este trabalho, pois, como sabemos, a AD interessa-se por dados qualitativos.

Quadro 4 - Relação de sequências discursivas sobre o trabalho feminino - Revista *Jornal das Moças*

TRABALHO FEMININO – LISTAGEM DE CATEGORIAS	
MULHER E TRABALHO NO LAR	
1-	Curso preparatório para donas de casa. Quando uma moça se casa, seu marido espera, naturalmente, que ela seja, no lar, uma verdadeira espôsa-modelo, pronta para cumprir tôdas as tarefas caseiras. FEV, 1958, p. 63, <i>Jornal das Moças</i> .
2-	Recente experiência em Londres revelou: as donas de casa gastam 70% do tempo na cozinha. Deduziam-se também que andam u'a milha por dia e que em cada dois minutos passam por uma porta..._ O papel das modernas máquinas de serviço doméstico- diariamente surgem novas idéias no sentido de aliviar as tarefas das donas de casa. MAR, 1958, p. 4, <i>Jornal das Moças</i> .
3-	Para ser bôa espôsa tem que ser bôa dona de casa. Todo homem, ao contrair matrimônio, espera que sua espôsa seja uma bôa dona de casa, que saiba dirigir os empregados e preparar-lhe uma bôa comida. ABR, 1951, p.16, <i>Jornal das Moças</i> .
4-	Maneira de educar as filhas. As mães devem ter presente que a educação dos filhos não se reduz à que recebem nos colégios ou academias, devendo, ainda, dedicar-se por completo a dar-lhes os conselhos e ensinamentos que são necessários a tôda dona de casa. ABR, 1951, p.17, <i>Jornal das Moças</i> .
5-	Vida no lar. Toda dona de casa deve ser uma verdadeira enciclopédia de conhecimentos domésticos, se, de fato, quer honrar sua grande missão no lar, defendendo, outrossim, o orçamento familiar das investidas dos exploradores das necessidades alheias. NOV, 1953, p. 69, <i>Jornal das Moças</i> .
6-	O melhor caminho para o matrimônio. Os moços de hoje já se estão convencendo que não é negócio casar com bonequinhas de seda que da vida doméstica não entendem nada, só servindo como objeto de fantasia dentro do lar, apenas como um enfeite. AGO, 1951, p. 68, <i>Jornal das Moças</i> .
7-	Para ser uma esposa cem por cento você deve conhecer um pouco de cozinha. A felicidade conjugal pode ser conquistada de mil e um modos – a opinião de um juiz e a de um médico – “ um fio de cabelo na sôpa aborrece muito: ainda que seja a mulher amada...” OUT, 1958, p. 6, <i>Jornal das Moças</i> .
8-	Você é boa dona de casa? Observe com atenção o teste que damos abaixo e aprenderá coisas que lhe poderão ser úteis. JUN, 1950, p. 14, <i>Jornal das Moças</i> .
MULHER E PROFISSÕES “DITAS” FEMININAS	
1-	É uma nobre missão, a da enfermeira Judith. Nobre.e cansativa! No entanto, é sempre alegre o sorriso que ela tem para os seus doentes, e é sempre a mesma a disposição com que os atende. E essa boa disposição, ela consegue porque dorme num colchão de molas cientificamente construído – que lhe garante o confôrto que precisa para um repouso completo e restaurador. OUT, 1954, p. 84, <i>Jornal das Moças</i> .

2- Oportunidades para moças de 17 a 30 anos. Para os serviços de Companhia Telephonica Brasileira estão sendo admitidas moças de 17 a 30 anos de idade, para o cargo de telefonista , afim de preencher algumas vagas. Uma profissão de fácil aprendizagem e própria para moças. JAN, 1951, p. 61, <i>Jornal das Moças</i> .
3- Eu sou secretária do gerente (...preciso estar sempre em forma!) Uma posição invejável e um ótimo chefe (mas exigente!). É necessário estar sempre alerta e bem disposta. DEZ, 1952, p. 65, <i>Jornal das Moças</i> .
4- Formando gerações de amanhã! A Sra. Maria da Cruz Maciel é uma das milhares de professoras brasileiras. Sua tarefa é ensinar e orientar centenas de colegas – e poucas tarefas serão tão árduas como esta! É grande a sua responsabilidade! E grande, também, é o esforço físico e mental que dispense no trato com seus alunos, em suas aulas diárias. ABR, 1954, p. 17, <i>Jornal das Moças</i> .
5- O dia todo em pé... A srta. Janette Gallo, atende diariamente a centenas de fregueses nos balcões de importante casa de modas em São Paulo. Exibindo as mercadorias que lhe são solicitadas, retirando-as e recolocando-as nas vitrinas e prateleiras, é obrigada a manter-se de pé durante horas inteiras. FEV, 1954, p. 9, <i>Jornal das Moças</i> .
6- Mesmo que você não tenha aptidões para a culinária, deve pensar que um dia deverá abandonar as máquinas de escrever , etc., para se dedicar ao lar. Ora, você deverá saber fazer pelo menos, uma panelada de feijão com carne. MAI, 1951, p. 17, <i>Jornal das Moças</i> .
7- Assegure o seu futuro estudando por correspondência. Corte e costura bordado e tricô. Centenas e centenas de <i>moças e senhoras</i> tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rápido e eficiente. JAN, 1955, p. 44, <i>Jornal das Moças</i> .
TRABALHO E MATERNIDADE
1- Em épocas passadas o problema não existia. Vida sem complicações, cada qual sabia qual era o seu dever. Durante séculos, milhares e milhares de mulheres cumpriam com sua missão de mãe, deram aluz a seus filhos e criaram-nos com a grandiosa simplicidade própria das mães. Mas os tempos mudaram e novas coisas tumultuaram a vida das pessoas. E eis que com as modernas complicações de toda ordem surge para algumas mães a teoria de que não é necessário que sejam elas mesmas quem se encarreguem da criação de seus bebês. SET, 1957, p. 59, <i>Jornal das Moças</i> .
2- Finalmente, desempenhando dois cargos de tanta responsabilidade, como secretária Municipal e professora, a senhora Elisabeth Schaer ainda é mãe, cabendo-lhe cuidar do marido e dos filhos, como as outras mulheres. JAN, 1959, p. 21, <i>Jornal das Moças</i> .

Quadro 5 - Relação de sequências discursivas sobre o trabalho feminino- Revista *Claudia*

TRABALHO FEMININO – LISTAGEM DE CATEGORIAS	
TRABALHO E MATERNIDADE	
1-	A revolução das mães de amanhã. As mulheres de 20 a 24 anos compõem um grupo muito especial: mais escolarizadas do que suas mães e avós, vão exigir uma educação ainda melhor para os filhos que um dia terão. Sorte do Brasil. JAN, 2010, p. 75, <i>Claudia</i> .
2-	Dilema de mãe. Sempre brinquei com meu filho de 2 anos ao chegar do trabalho, mas fui promovida e ando esgotada. Explico a ele que tudo mudou? MAI, 2012, p. 112, <i>Claudia</i> .
3-	Chegar ao trabalho mais tarde num dia, sair mais cedo no outro, aproveitar uma janela entre dois compromissos para cuidar das unhas ou para ver o filho na aula de judô são benefícios que já fazem parte da rotina de muitas mulheres. ABR, 2010, p. 99, <i>Claudia</i> .
MULHER E SALÁRIO	
1-	Quem mexeu no meu salário? Por apenas sete dias, o holerite da mulher ficou igual ao do homem. Foi um blefe dos senadores: aprovadíssimo, o projeto voltou à estaca zero antes da Dilma sancionar: Investigamos tudo e contamos quem puxou o tapete. MAI, 2012, p. 185, <i>Claudia</i> .
2-	Salário igual ao dos homens, já! Matamos vários leões, aprendemos tudo, chegamos a todos os postos, abraçamos qualquer carreira ou desafio profissional. Mas o nosso holerite ainda é vergonhosamente menor que o dos homens. Vamos virar esse jogo? É urgente, e você pode ajudar. NOV, 2011, p. 154, <i>Claudia</i> .
MULHER E LIDERANÇA	
1-	A chefe chata: o preconceito e a verdade. Chefe chata é uma unanimidade, quase pleonasma e desperta empatia instantânea quando o assunto é abordado. JUN, 2012, p. 62, <i>Claudia</i> .
2-	As mulheres precisam ocupar cargos de chefia. Do contrário, vamos comer poeira por mais algumas décadas. NOV, 2011, p. 158, <i>Claudia</i> .
3-	Os homens que mudem. Precisamos parar de dizer às mulheres como elas devem se comportar para crescer na carreira: falar mais alto, ser assertivas, autoconfiantes, agressivas, etc. DEZ, 2015, p. 42, <i>Claudia</i> .
4-	Tenho 27 anos e assumi uma área com profissionais com mais de 40. Eles estão resistentes em seguir minhas orientações. Se você está em um cargo de chefia é porque a empresa reconhece seu trabalho. “Confie em seu potencial”. SET, 2011, p. 96, <i>Claudia</i> .

Para esta pesquisa, não foi possível trabalhar, na análise, com todos enunciados destacados nos quadros anteriores. Portanto, serão selecionados dois de cada categoria, os quais julgamos ser mais relevantes para a composição de nossa análise, devido à sua regularidade. Elaboramos, portanto, um quadro com as sequências utilizadas.

Quadro 6 - Sequências discursivas e categorias de análise *Jornal das Moças*

CATEGORIAS – ENUNCIADOS (REVISTA <i>JORNAL DAS MOÇAS</i>)	
MULHER E TRABALHO NO LAR	
1-	Curso preparatório para donas de casa. Quando uma moça se casa, seu marido espera, naturalmente, que ela seja, no lar, uma verdadeira espôsa-modelo, pronta para cumprir tôdas as tarefas caseiras.
2-	Para ser uma esposa cem por cento você deve conhecer um pouco de cozinha. a felicidade conjugal pode ser conquistada de mil e um modos – a opinião de um juiz e a de um médico – “ um fio de cabelo na sôpa aborrece muito: ainda que seja a mulher amada...”
MULHER E PROFISSÕES “DITAS” FEMININAS	
1.	Formando gerações de amanhã! A sra. Maria da Cruz Maciel é uma das milhares de professoras brasileiras. Sua tarefa é ensinar e orientar centenas de colegas – e poucas tarefas serão tão árduas como esta! é grande a sua responsabilidade!
2.	Oportunidades para moças de 17 a 30 anos. Para os serviços de c companhia telephonica brasileira estão sendo admitidas moças de 17 a 30 anos de idade, para o cargo de telefonista , afim de preencher algumas vagas. uma profissão de fácil aprendizagem e própria para moças.
TRABALHO E MATERNIDADE	
1-	Em épocas passadas o problema não existia. Vida sem complicações, cada qual sabia qual era o seu dever. Durante séculos, milhares e milhares de mulheres cumpriam com sua missão de mãe, deram aluz a seus filhos e criaram-nos com a grandiosa simplicidade própria das mães. Mas os tempos mudaram e novas coisas tumultuaram a vida das pessoas. E eis que com as modernas complicações de toda ordem surge para algumas mães a teoria de que não é necessário que sejam elas mesmas quem se encarreguem da criação de seus bebês.
2-	Finalmente, desempenhando dois cargos de tanta responsabilidade, como secretária Municipal e professôra, a senhora Elisabeth Schaer ainda é mãe, cabendo-lhe cuidar do marido e dos filhos, como as outras mulheres.

Fonte: Azevêdo, 2018.

Quadro 7 - Sequências discursivas e categorias de análise *Revista Claudia*

CATEGORIAS – ENUNCIADOS (REVISTA CLAUDIA)	
TRABALHO E MATERNIDADE	
1-	A revolução das mães de amanhã. As mulheres de 20 a 24 anos compõem um grupo muito especial: mais escolarizadas do que suas mães e avós, vão exigir uma educação ainda melhor para os filhos que um dia terão. Sorte do Brasil
2-	Dilema de mãe. Sempre brinquei com meu filho de 2 anos ao chegar do trabalho, mas fui promovida e ando esgotada. Explico a ele que tudo mudou?
MULHER E SALÁRIO	
1-	Quem mexeu no meu salário? Por apenas sete dias, o holerite da mulher ficou igual ao do homem. Foi um blefe dos senadores: aprovadíssimo, o projeto voltou à estaca zero antes da Dilma sancionar: Investigamos tudo e contamos quem puxou o tapete
2-	Salário igual ao dos homens, já! Matamos vários leões, aprendemos tudo, chegamos a todos os postos, abraçamos qualquer carreira ou desafio profissional. Mas o nosso holerite ainda é vergonhosamente menor que o dos homens. Vamos virar esse jogo? É urgente, e você pode ajudar.
MULHER E LIDERANÇA	
1-	A chefe chata: o preconceito e a verdade. Chefe chata é uma unanimidade, quase pleonasmo e desperta empatia instantânea quando o assunto é abordado.
2-	As mulheres precisam ocupar cargos de chefia. Do contrário, vamos comer poeira por mais algumas décadas.

Fonte: Azevêdo, 2018.

5 TRABALHO FEMININO EM ANÁLISE: O QUE DIZEM AS REVISTAS?

Nesta seção, faremos a análise do *corpus* da pesquisa de acordo com as categorias selecionadas, sendo que, para cada categoria, serão analisados dois textos. No primeiro momento, nos ateremos aos dados da revista *Jornal das Moças*, obedecendo esta sequência de categorias: “mulher e trabalho no lar”, “mulher e profissões ‘ditas’ femininas”, “trabalho e maternidade”. Em seguida, passaremos aos dados da revista *Claudia*, de acordo com as categorias selecionadas: “trabalho e maternidade”, “mulher e salário” e “mulher e liderança”.

5.1 MULHER E TRABALHO NO LAR

A seguir, faremos análise de dois textos da revista *Jornal das Moças* em que a mulher é discursivizada no lar como esposa e dona de casa. O primeiro trata-se de uma chamada para um curso preparatório para as mulheres se aperfeiçoarem nas tarefas de casa que estão sendo negligenciadas por conta do trabalho fora do lar. O segundo é um lembrete para as noivas que estão prestes a casar para compreenderem qual a expectativa dos homens com relação ao casamento e um despertar para as habilidades que elas precisam possuir para serem consideradas boas esposas.

Figura 7 - Curso para donas de casa

**Curso preparatório
para donas de casa**

Quando u'a moça se casa, seu marido espera, naturalmente, que ela seja, no lar, uma verdadeira espôsa-modêlo, pronta para cumprir tôdas as tarefas caseiras. Mas, acontece que, nem sempre, apesar de tôda a sua boa vontade, pode a moça aguentar o pêso de tantas responsabilidades e o duro trabalho que lhe cai sôbre os ombros passa a ser um problema. A questão é muito importante e não sômente os recém-casados se preocupam com êle, mas também os pedagogos especialistas têm estudado profundamente o caso e com tôda a seriedade as razões das numerosas falhas entre as mulheres casadinhas de novo.

O Conselho Alemão para a Educação, estudando o assunto, determinou três das principais causas que provocam essas falhas:

- 1.º — as mulheres que, na sua profissão estão acostumadas ao trabalho independente e são obrigadas, no escritório ou na fábrica, a trabalhar duro, sentem-se, inesperadamente, quando em casa, diante de um vácuo;
- 2.º — a educação, em casa dos pais e nas escolas secundárias, ginásios ou liceus, deixa a uma longa distância a educação das jovens para as tarefas de donas de casa e de mães;
- 3.º — a mecanização dos trabalhos em casa, trouxe muitas facilidades para as donas de

casa, porém, ao mesmo tempo, retirou do trabalho doméstico muito do sentimento pessoal que êle trazia e a satisfação da tarefa executadas que ela proporcionava.

Na base dessas conclusões, o Conselho Alemão para a Educação propôs às diversas escolas femininas, a introdução de cursos preparatórios que, pelo menos, possam preparar as mulheres para as tarefas que não sômente exigem esforço físico, mas também intelectual.

Fonte: Revista *Jornal das Moças*, 1958, p. 63

Esse texto está carregado de efeitos de sentido sobre o papel da mulher na sociedade. Na sequência discursiva “seu marido espera, naturalmente, que ela seja, no lar, uma verdadeira esposa-modelo, pronta para cumprir todas as tarefas caseiras”, há um funcionamento ideológico que indica que o trabalho no lar é algo inato à mulher, que essa é a sua profissão ideal, e tal ideia é confirmada pelo uso da palavra “naturalmente”. A mulher esposa-modelo deveria, portanto, estar preparada para cumprir todas as tarefas caseiras. O uso da expressão “todas” também coloca para a mulher a obrigação de realizar e se preocupar com tudo o que diz respeito à casa, sem dar margem para que ela realize outras atividades. Se a ela cabe a realização de todas as tarefas domésticas, enquanto mulher casada, ao marido não cabe nenhuma preocupação com a casa, pois para ele não sobram atividades para serem realizadas no lar, uma vez que a mulher já realizará todas.

Partindo da noção de FD, a qual, como vimos, determina o que pode e deve ser dito em certa conjuntura de acordo com a FI predominante, vê-se, no exemplo em análise, uma FD que constitui a mulher como naturalmente habituada aos afazeres domésticos, e diz também que apenas ela deve realizar as tarefas em casa, que há um modelo de esposa ideal a ser alcançado, para o que deve haver um preparativo antes do casamento, a fim de que as moças não decepcionem os futuros esposos.

O lar deve ser visto como um local inerente e natural à mulher, e isso deve ser construído desde cedo, como afirma Beauvoir “propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa (...) vestem-na com roupas incômodas e preciosas das quais precisa cuidar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento (BEAUVOIR, 2009, p. 377).

Toda FD possui sua forma-sujeito que pode reproduzir, no caso da identificação completa com a FD, o que ela determina. A partir dos dizeres em questão, no trecho em análise, a forma-sujeito retrata a mulher modelo como a esposa que não tem preguiça, e dá conta de fazer tudo em sua casa; além disso, não deixa brechas para o marido se decepcionar, possuindo todas as competências para desenvolver suas habilidades dentro da sua residência.

Na sequência discursiva “pedagogos especialistas têm estudado profundamente o caso e com toda a seriedade as razões das numerosas falhas entre as mulheres”, o sujeito enunciator constrói o sentido de que as tarefas do lar devem ser executadas com perfeição. Aqui, já-ditos fazem parte do interdiscurso sobre o que é ser mulher e dona de casa: “ela não deve executar as tarefas do lar de qualquer forma”, “tem que ser especialista, perita nas ciências domésticas”. Há uma rotina a ser seguida no lar: cozinhar, limpar, passar, bordar, cuidar dos filhos, cuidar do marido, etc, e, em nenhuma dessas atividades, ela pode deixar a desejar. A noção de falha

vem ligada ao fato de que há fatores que impedem a mulher de ser considerada essa esposa ideal. Na sequência do texto, o autor mostra que o conselho Alemão descreve três causas principais da falha da mulher no lar, as quais observaremos separadamente.

1- “As mulheres que, na sua profissão estão acostumadas ao trabalho independente e são obrigadas, no escritório ou na fábrica, a trabalhar duro, sentem-se inesperadamente, quando em casa, diante de um vácuo”.

Para melhor compreendermos um discurso, devemos verificar em quais condições de produção ele está inserido, considerando assim “o contexto imediato (situação) e o contexto sócio-histórico”, Orlandi (2015, p. 28-9). Nesse caso, observaremos que, na década de 50 do século XX e nas subsequentes, houve uma tentativa de fazer as mulheres que estavam trabalhando, em fábricas, principalmente, retornarem à vida apenas no lar, já que os maridos voltaram da guerra e não havia mais necessidade da mão de obra feminina.

Assim, a imprensa e os médicos falavam a todo o momento sobre a importância de a mulher permanecer em casa para a sua saúde e o bem-estar da família.

Acreditava-se que o trabalho da mulher fora do lar comprometia a maternidade e podia ser um elemento desagregador da família: os filhos cresceriam sem supervisão materna, ficando com a moral comprometida, os maridos poderiam ser desafiados em sua autoridade (PINSKY, 2016, p. 494).

Esses já-ditos eram assimilados e reproduzidos por uma boa parcela da população, que tratava o trabalho da mulher fora de casa com demérito, classificava-o como um serviço pesado que a impossibilitaria de cumprir suas atividades no lar de forma perfeita. Além desses, outros motivos ainda mais fortes eram divulgados para evitar o trabalho feminino, sobretudo em fábricas.

Não apenas por desviar as mulheres de suas “funções naturais”, mas também por conta das longas jornadas, das péssimas condições de higiene e do assédio sexual frequente, as fábricas eram tidas como antros de perdição, que comprometem o caráter, a feminilidade e a virtude de solteiras e casadas. A atividade fabril não é para o sexo feminino, doméstico e maternal por natureza. A fábrica, assim como o bordel, não é local moralmente adequado à “mulher de bem” (PINSKY, 2016, p. 503).

Pode-se constatar que os dizeres sobre as condições de trabalho e a respeito da falta de moral favoreciam o distanciamento da mulher das fábricas e as recolocavam no espaço privado. O cuidado com os filhos e a parte primordial da consolidação de um lar feliz e tranquilo fica, mais uma vez, a cargo da mulher, agravando a desigualdade entre os sexos. Em resumo, o

discurso vigente, sob as condições de produção da época, é o de que as atividades fora do lar não podem servir de pretexto para as mulheres negligenciarem as suas tarefas “naturais”, elas não podem se sentir perdidas ou sem tempo de atuar no lar, atividade que já exige muito da sua capacidade.

Essa sequência discursiva indica o modo como a ideologia dominante age controlando os sujeitos, conduzindo-os a ocuparem determinadas posições dentro da sociedade, ainda que achem que ocupam tais posições porque querem, sem perceberem o funcionamento ideológico que naturaliza os sentidos.

2- “Educação, em casa dos pais e nas escolas secundárias, ginásios ou liceus, deixa a uma longa distância a educação das jovens para as tarefas de donas de casa e de mães”.

Por muito tempo, a educação feminina ficou sob a responsabilidade das mães, avós e tias. Essas eram responsáveis por repassar para as moças conhecimentos de bordados e outras prendas domésticas, já que seu papel perante o convívio social seria majoritariamente ligado a tarefas e situações relacionadas ao lar e restrita aos cuidados da família. Para Perrot (2007):

É preciso ministrar às meninas “luzes amortecidas”, filtradas pela noção de seus deveres. Assim diz Rousseau: “Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância” (PERROT, 2007, p. 92).

As meninas, enquanto esperavam a idade para o matrimônio, bordavam o enxoval e lidavam com bonecas para aprenderem a cuidar dos filhos, já figurando seu futuro papel no lar. Com a liberação das moças para frequentarem as escolas, o tempo ficou dividido entre preparar-se para o casamento e aprender os novos conhecimentos; por conta disso, esse discurso mobiliza dizeres que partiram de um pré-construído ao longo da história feminina sobre comportamento, educação e trabalho. Essa sequência discursiva atribui às escolas, à educação dada pelos pais e pelos liceus o mau preparo das mulheres para o lar. Assim, ela coloca em oposição dois fatos: a educação recebida pelas mulheres para serem donas de casa e mães e a educação recebida pelas mulheres para terem conhecimento técnico sobre algo ou para a preparação profissional. A primeira é colocada, a partir da sequência discursiva, como a primordial; enquanto a outra é colocada como secundária e problemática, pois afasta a mulher de sua função natural. Aqui há o funcionamento ideológico que coloca a educação profissional para as mulheres como algo supérfluo, negando-lhe o direito ao conhecimento e ao trabalho.

Esse discurso, mais uma vez, naturaliza o papel das mulheres como donas de casa e nega a elas a importância do aprendizado de outras questões concernentes a elementos sociais e culturais, uma vez que sobrevaloriza o ensino de questões ligadas ao trabalho com o lar na escola.

3- “A mecanização dos trabalhos em casa, trouxe muitas facilidades para as donas de casa, porém, ao mesmo tempo, retirou do trabalho doméstico muito do sentimento pessoal que ele trazia e a satisfação da tarefa executada que ele proporcionava”.

As mulheres eram as responsáveis por realizarem as mais diversas tarefas caseiras que gastavam energia e tempo: esfregar o chão, carregar lenha para acender o fogo, fazer sabão, passar a ferro com brasas, etc. Com o *boom* da modernização e a fabricação de produtos que facilitariam a vida no lar, as casas passaram a ter vários utensílios e, por conseguinte, a vida das donas de casa melhorou bastante. Porém, a partir daí, gradativamente as exigências da sociedade da época aumentaram, cobrando da mulher sofisticação no lar, a fim de mantê-la sempre ocupada. Por conta dessa mudança na rotina doméstica, discursos sobre a modernização como algo maléfico começaram a ser difundidos. O esperado “prazer” que as atividades manuais proporcionavam deixou de existir, incomodando os homens, que queriam sempre ver a felicidade da mulher ao executar as tarefas. O enunciado “retirou do trabalho doméstico muito do sentimento pessoal que ele trazia e a satisfação da tarefa executada” indica o funcionamento ideológico de que, por ser normal se dedicar ao lar, por inclinação natural da mulher, ela sentiria prazer realizando as tarefas domésticas. A ideologia age, portanto, a partir de já-ditos como “lugar de mulher é na cozinha com a barriga na panela”. Esses dizeres geram sentidos na sociedade e fazem surgir dizeres como descritos abaixo:

“A boa dona de casa” extrai prazer do trabalho doméstico, tem orgulho de sua cozinha, congratula-se pela sala impecável. Dedicar-se aos filhos ou à costura são para ela formas agradáveis de lazer”. A “dona de casa perfeita” ainda encontra maneiras de ser elegante enquanto tira o pó, usa o aventalzinho coquete por cima do vestido alinhado, perfuma-se até para cozinhar (PINSKY, 2016, p. 502).

Ainda sobre o texto, o conselho Alemão propõe às escolas femininas, como solução do problema, a introdução de cursos preparatórios que, pelo menos, possam preparar as mulheres para as tarefas que não somente exigem esforço físico, mas também intelectual. A revista se utiliza de outra voz, no caso, a voz do conselho Alemão, para dar credibilidade à notícia e fortalecer as ideias por ela difundidas, trazendo uma noção de que essas orientações não partem da revista, mas de um conselho reconhecido que indica falhas na educação das mulheres. Nesse

trecho, a palavra “mas” não se refere apenas a uma conjunção adversativa; essa partícula carrega marcas de um funcionamento ideológico que questiona a capacidade intelectual da mulher, que a considera como dotada de pouca inteligência, portanto, até aquele momento, o que se trabalhava nos cursos preparatórios para ser dona de casa eram habilidades físicas, e não intelectuais. Enquanto os homens eram preparados para as inúmeras profissões, as mulheres passaram a ter o conhecimento básico de algumas matérias cujo foco principal referia-se ao aprendizado das tarefas do lar. A ideologia dominante sobre o papel da mulher no lar e como mãe era prática recorrente. A tentativa de mantê-la sempre presa ao lar era constante e envolvia os diversos representantes sociais: pais, maridos, médicos, governo e escola.

Figura 8 - Cozinheira, antes de esposa

LEMBRETE AS NOIVAS

Para ser uma esposa cem por cento

Você deve conhecer um pouco de cozinha

A FELICIDADE CONJUGAL PODE SER CONQUISTADA DE MIL E UM MODOS — A OPINIÃO DE UM JUIZ E A DE UM MÉDICO — “UM FIO DE CABELO NA SÔPA ABORRECE MUITO: AINDA QUE SEJA A MULHER AMADA...”

A FELICIDADE conjugal pode ser conquistada de mil e umas formas, a julgar pelo que dizem os entendidos, através de testes, estatísticos e pontos-de-vista constantemente divulgados pelos jornais e revistas, em tôdas as partes do mundo. E entre tudo o que até hoje já lemos, podemos considerar cômodas, mas acertadas, duas opiniões colhidas ao acaso, diante da obrigação que uma jornalista tem, de lêr diariamente tudo o que lhe caia às mãos, notadamente se se tratar de assunto ligado à mulher ou a questões femininas. Uma dessas opiniões era atribuída à conhecido juiz que durante longos anos exerceu importante cargo na Vara da Família, na Justiça norte-americana. Especialista que era em questões de divórcio, o magistrado em aprêço falou com autoridade, quando disse que “a felicidade conjugal está nas mãos tanto da mulher como do marido...” A outra opinião era atribuída a um médico francês de não menor reputação: “A felicidade conjugal — frizou êle — tem por base as habilidades da espôsa na cozinha...” Se nos fôsse imposto optar por uma destas duas opiniões, escolheríamos a segunda, partindo do princípio que a mulher conquista o homem pelo coração, mas poderá conservá-lo pelo estômago...

COZINHEIRA - ANTES DE ESPOSA

A nosso vêr, para que haja felicidade conjugal, a mulher terá de ser cozinheira antes de espôsa. Melhor diríamos “boa cozinheira”, uma vez que de suas habilidades na cozinha depende — levando-se em conta o ponto-de-vista do médico francês — a felicidade conjugal. Mas, qual o significado de

FALANDO CLARO

Falando claro, e como lembrete às noivas, dizemos que “boa cozinheira” é a espôsa que procura adivinhar do que o marido gosta e surpreendê-lo todos os dias, com um almoço ou jantar diferente e variado. Mas importante ainda, é procurar ser ordeira e zelosa na cozinha. Antes de mais nada zelosa, se procurar sempre se lembrar desta verdade, atribuída a Wilhelm Bush: “Um fio de cabelo na sôpa aborrece muito: ainda que seja da mulher amada...”

ALICE JORDAN — (Exclusividade de IPA para “JORNAL DAS MOÇAS”)
 “boa cozinheira” não quer dizer “cozinheira perfeita e completa”, isto é, “de forno e fogão”, como frizam os “grãfinos” nos anúncios que publicam nos jornais, sempre que estão a



procura de alguém que cozinhe para eles e na maioria das vezes... para os amigos!

JORNAL DAS MOÇAS 2-10-58

Fonte: Revista *Jornal das Moças*, 1958, p.8

Nesse texto, mais uma vez, a mulher é relacionada ao ambiente doméstico como lugar central para o bom andamento do matrimônio. Desde o título, “Para ser uma esposa cem por cento – você deve conhecer um pouco de cozinha”, já há um funcionamento discursivo que diz que a mulher deve se entregar totalmente ao lar; ser 100% significa ser completa e sem falhas.

O texto direciona a mulher, a noiva especificamente, para a tentativa de atingir um ideal de esposa desejado pelos homens: a esposa “boa cozinheira”. O uso da locução verbal “deve conhecer” indica uma obrigatoriedade para a mulher que pretende se casar e ser bem vista pelo marido.

Há um funcionamento discursivo em torno do arranjar casamento que se assemelha a uma preparação para o exercício de uma profissão. O corpo e os hábitos femininos eram, então, moldados socialmente para esperar um bom partido com o qual a mulher deveria se casar. Do mesmo modo, a mulher era construída a partir desses discursos, e tal construção deixava marcas na língua: a mulher solteira era discursivizada como moça, a mulher casada era discursivizada como mulher. Assim, pelo funcionamento da ideologia, a moça só se tornava mulher após o casamento. O próprio *Jornal das Moças* trazia um caderno ilustrado à parte, chamado *Jornal da Mulher*. Esse era dedicado à mulher casada e trazia moldes de roupas, propagandas de produtos ligados ao lar, entre outros. Nesse caderno, observa-se a discursivização da mulher casada a partir do sentido de que só o casamento a transforma em mulher. Assim, desde pequenas, as moças são ensinadas a fazer as tarefas domésticas, aprendem os mais variados pratos, rendas, bordados e costuras com as mulheres mais velhas da família, já que o matrimônio era o destino esperado para as mulheres, cuja função prioritária na sociedade era ser mãe, esposa e dona de casa, assim sendo:

O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua integral dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido _ ou, em certos casos, de um protetor –, é para ela o mais importante dos empreendimentos (BEAUVOIR, 2009, p. 432).

Recaía sobre o casamento a tarefa de dar um sobrenome às mulheres e trazer-lhes respeito e honra; uma mulher casada, ou, melhor dizendo, bem casada conseguia o *status* de mulher honesta, seria respeitada pela sociedade e daria alegria aos pais. Devido a esses dizeres recorrentes, as famílias inculcavam na cabeça das mulheres, desde cedo, que elas precisavam se preparar para serem escolhidas por um homem, deviam aprender a cativá-los e agir em função de conseguir chegar até o altar, pretensão mais valorizada da época.

O grande medo da maioria das moças era ficar solteira. O problema não era apenas a solidão, às mulheres de família não era permitido amenizá-la com aventuras amorosas ocasionais, teriam de se preocupar também com seu sustento já que, sem marido, iriam se tornar um peso à família e sofreriam com

o estigma de não terem cumprido com o destino feminino (PINSKY, 2017, p. 619).

A mulher, após conseguir o tão desejado sonho, o casamento, deveria colocar o esposo como centro de sua atenção a fim de manter-se casada. Para isso, tinha de agradá-lo de todas as formas, não questionar a sua autoridade no lar, não o aborrecer com futilidades, buscar realizar suas vontades e dar-lhe alegrias, pois estava agora sob sua responsabilidade o sucesso do casamento, o qual era medido de acordo com o bem-estar do marido: se o marido estivesse feliz, ela também estaria, e o casamento seria bem sucedido. De acordo com Pinsky (2017):

A mulher casada deveria ter o marido e os filhos como centro de suas preocupações. De maneira não muito explícita, mas contundente, o bem-estar do marido era tomado como ponto de referência para a medida da *felicidade conjugal*, a felicidade da esposa viria como consequência de um marido satisfeito (PINSKY, 2017, p. 628).

Os pensamentos e desejos pessoais da mulher tinham que ser suprimidos em troca da segurança de que não perderia o marido e evitaria, assim, a tão temida separação; exemplo disso vemos nas seções da revista dedicadas à resposta à leitora. Quando alguma delas esboçava qualquer reclamação de falta de atenção e cuidado por parte do marido, era desencorajada a cobrar dele outro comportamento, sob a alegação de que isso era parte da essência masculina, e que tal exigência afetaria o bom andamento do matrimônio.

Como foi visto em seções anteriores, no processo de constituição do discurso, o que funciona é uma série de formações imaginárias que, de acordo com Pêcheux (1993[1969]), diz respeito à imagem que o sujeito enunciatador faz da sua posição social, da posição do interlocutor e do objeto sobre o qual discursiviza. Através desse mecanismo, os sujeitos saem de determinadas situações para ocuparem suas posições no discurso. No exemplo em questão, a imagem que o sujeito enunciatador faz da mulher é que cabe a ela a responsabilidade de construir um lar feliz, e isso está atrelado principalmente à sua postura enquanto esposa e, conseqüentemente, enquanto cozinheira.

Nesse texto, apesar das duas opiniões diferentes, uma de um jurista, que afirma que tanto o homem como a mulher têm responsabilidade na manutenção do casamento, e outra de um médico, que afirma que isso cabe apenas à mulher, o enunciatador opta por considerar válida apenas a opinião do médico francês, para o qual a felicidade conjugal tem por base as habilidades que as esposas têm na cozinha; ele inclusive ratifica tal opinião quando diz que a mulher terá de ser cozinheira antes de esposa. Corroborando a afirmação do médico, a revista

em análise publica constantemente ensinamentos de como preparar pratos, além de inúmeros testes para verificar se a mulher é conhecedora das ciências domésticas.

É sabido que, para discursivizar a esposa como antes de tudo cozinheira, o texto silencia outras informações sobre a mulher. Sabe-se que o silêncio constitutivo, conforme Orlandi (2007), funciona no momento da escolha de palavras para compor o enunciado. Assim, quando o enunciador diz algo de acordo com a FD à qual está filiado, outros dizeres são evitados. Quando a revista escolhe dizer que a mulher tem que ser, antes de tudo, boa cozinheira para que possa se casar, alerta que aquela que não possui essa habilidade corre o risco de ficar solteirona, e evidencia que o lugar da mulher é no lar, principalmente na cozinha, evitando outros enunciados opostos a esse. Ela silencia que a mulher possa ter outras habilidades, que possa ter projeção intelectual, que possa realizar outras tarefas não relacionadas ao lar e à cozinha.

Chama a atenção o fato de que o trabalho na cozinha não é direcionado a quem tem mais aptidão entre o casal, assim como não é considerada a possibilidade de partilhamento da atividade entre os dois, mas é endereçado à mulher como uma forma de atrair os homens e de manter a paz e a felicidade do lar. Assim, há um trabalho de convencimento à mulher, que deve segurar o marido pelo estômago, ao mesmo tempo em que a prepara para agir como uma empregada no lar. Através de lembretes e conselhos sobre comportamento, a revista delinea um ideal de mulher para a sociedade e constrói um modelo a ser seguido por aquelas que pretendem casar-se.

É importante lembrar também que, apesar de já haver vagas no mercado de trabalho para as mulheres, era preferível que elas optassem por apenas trabalhar no lar, considerado seu lugar por natureza. Não há menção sobre as habilidades do homem, nem sobre as expectativas da mulher com relação ao futuro companheiro, afinal elas não podem escolher muito, ao contrário, devem fazer de tudo para serem escolhidas, e isso inclui cuidar da aparência, adquirir habilidades para desempenhar bem todas as atividades que envolvem o lar, não serem gastadeiras, entre outras exigências.

Nesse texto, constatamos ainda a predominância de uma FD que diz que a boa cozinheira será uma boa esposa, que a felicidade conjugal depende das habilidades com o fogão. Assim, a felicidade conjugal está nas mãos da mulher, liga-se a suas habilidades culinárias. Há uma relação direta entre cozinha, lar e felicidade conjugal, o que faz com que os sujeitos mulheres sejam levados a ocuparem uma posição diferente da dos homens na sociedade. Essas FDs partem da FI que considera que o lugar da mulher é na cozinha. Assim sendo, esse lugar deve ser priorizado por ela. Para isso, a revista indica como deve ser o trabalho na cozinha: não

de qualquer forma, nem de maneira rápida. Esse serviço exige delas tempo e cuidado, o que já denota que essa deve ser sua ocupação principal, esquecendo a vida fora do lar, pois no ambiente doméstico já existem tarefas suficientes para ocupar todo o tempo de que elas dispõem.

Na sequência discursiva “boa cozinheira é a esposa que procura adivinhar do que o marido gosta e surpreendê-lo todos os dias, com um almôço ou jantar diferente. Mais importante ainda, é procurar ser ordeira e zelosa na cozinha. Antes de mais nada zelosa, se procurar sempre se lembrar desta verdade, atribuída a Wilhelm Bush: ‘Um fio de cabelo na sôpa aborrece muito: ainda que seja da mulher amada...’” percebe-se que não se preza tanto o diálogo entre o casal, já que a diretriz dada é que a esposa adivinhe e não que pergunte ao marido do que ele gosta. É possível imaginar o cenário da época, em que a mulher pouco se comunica com o marido, é recatada, sabe falar e calar na hora certa e é submissa. Segundo a descrição de Pinsky (2017):

A boa companheira seria capaz de adivinhar os pensamentos do marido; amar sem medir sacrifícios visando única e exclusivamente à felicidade do amado; receber o marido com atenção todo o dia quando ele chegasse em casa; manter o bom humor e a integridade da família (PINSKY, 2017, p. 628).

A revista ainda propaga conselhos sobre como a mulher deve agir dentro de sua própria casa: ser organizada e zelosa. Constatamos que a mulher não tem autonomia para decidir o melhor para si, sua família e seu lar, ela segue ideias prontas que chegam em forma de regras para o bem-estar da família; além disso, são também vigiadas pela sociedade, que as corrige o tempo todo se algo não sair conforme o ensinado.

5.2 MULHER E PROFISSÕES “DITAS” FEMININAS

Nesse momento, procederemos à análise de dois textos selecionados para a categoria “Mulher e profissões ‘ditas’ femininas”, uma vez que, na década de 50, muitas profissões eram interditas para o público feminino. O primeiro texto trata de uma propaganda de colchão, que apresenta às professoras os benefícios que esse produto trará para a rotina cansativa que possuem; o outro é um anúncio de vagas para telefonistas, profissão bastante indicada para mulheres por representar um serviço leve, que não exigia muito conhecimento e por ter uma carga horária não muito extensa.

Figura 9 - Mulheres professoras

APRESENTANDO OS QUE PRECISAM DORMIR BEM

Formando as gerações de amanhã!

A Sra. **Maria da Cruz Maciel** é uma das milhares de professoras brasileiras. Sua tarefa é ensinar e orientar centenas de colegas - e poucas tarefas serão tão árduas como esta! É grande a sua responsabilidade! E grande, também, é o esforço físico e mental que dispende no trato com seus alunos, em suas aulas diárias.

Mas, a cada novo dia, a Professora Maria da Cruz Maciel precisa apresentar-se à sala de aulas com a mesma jovialidade, disposição e espírito alerta, indispensáveis ao desempenho de sua nobre missão. Seu descanso é importantíssimo. E é por isso que ela repousa em um colchão de molas cientificamente construído -

que sempre lhe proporciona todo conforto necessário para dormir bem! Assim como ela, milhares de pessoas que trocaram seus colchões comuns por colchões de molas, deram a preferência aos Colchões de Molas Divino, de qualidade tradicional, fabricados pela PROBEL - a maior indústria do ramo na América do Sul.

SIGA ÊSTE EXEMPLO — DURMA NUM DIVINO

Fonte: Revista *Jornal das Moças*, 1954, p. 17

Esse texto, apesar de tratar-se de uma propaganda de colchão, traz vários efeitos de sentido do imaginário coletivo sobre o que é ser professora, de quais características a mulher precisa possuir para exercer esse ofício e por que essa é uma profissão considerada propícia às mulheres.

Notemos a seguinte sequência discursiva: “Formando gerações de amanhã! A Sra. Maria da Cruz Maciel é uma das milhares de professoras brasileiras. Sua tarefa é ensinar e orientar centenas de colegas – e poucas tarefas serão tão árduas como esta! É grande a sua responsabilidade! E grande, também, é o esforço físico e mental que dispende no trato com seus alunos, em suas aulas diárias”. Nela, constata-se que essa é a profissão desempenhada por boa

parte das mulheres da sociedade e que exige um bom preparo físico e psicológico. Assim, dizeres que hoje estão presentes na sociedade a respeito dessa profissão há muito já estão pululando por aí; dessa forma, faz-se necessário voltarmos à constituição dessa profissão para compreendermos alguns já-ditos.

Segundo Pinsky (2017), o magistério, no início do século XIX, era uma profissão predominantemente masculina e os salários eram bastante atrativos, porém, entre 1835 e 1890, houve uma “feminização do magistério”. Inicialmente, apenas as mulheres de classe média trabalhavam – meio período, para não atrapalhar as atividades domésticas. Muitas se formavam apenas para adquirir um *status* de mulher culta e atrair bons casamentos, pois espalhava-se a ideia de que os bons homens de elite desejavam uma esposa que soubesse ter bons modos e fosse intelectualmente interessante, por isso muitas delas começavam a exercer a profissão, mas abandonavam logo após o casamento. Assim, a profissão passou a ser considerada como “espera marido”, já que, logo após o casamento, as mulheres abandonavam a profissão para seguir com o que era considerado comum a elas, “ser esposa, dona de casa e mãe”. As que permaneciam atuando no magistério eram as chamadas solteironas e viúvas, a estas, sim, era liberado o trabalho fora de casa.

Com o crescente número de crianças adentrando o espaço escolar na década de 50, o magistério passou a ser aberto para as classes menos favorecidas da população, e os salários começaram a diminuir gradativamente. Com isso, houve a necessidade de trabalhar mais de um período para conseguir ganhar o suficiente, e essa situação fomentará as greves que até hoje presenciamos (PINSKY, 2017).

Observemos a sequência discursiva: “Mas, a cada novo dia, a Professora Maria da Cruz Maciel precisa apresentar-se à sala de aulas com a mesma jovialidade, disposição e espírito alerta, indispensáveis ao desempenho de sua nobre missão. Seu descanso é importantíssimo”. Essa sequência também gera sentidos sobre as características que a profissional precisa ter no seu dia a dia. Ao utilizar a locução verbal “precisa apresentar-se”, o enunciador revela que é fundamental a toda professora possuir essas qualidades e mostra que, para ser considerada uma boa profissional, ela deve ter aspecto jovial e disposição, ou seja, para além de um bom currículo e aperfeiçoamento, a aparência é muito importante para essa área. Além disso, utilizar a imagem da professora como uma profissional que precisa descansar já demonstra uma rotina exaustiva que produz fadiga e traz sentidos para as mulheres casadas de que esse ambiente poderia gerar cansaço para a realização das tarefas do lar.

Como o discurso não é individual, mas social; e não se origina no sujeito como origem do dizer, mas faz parte do interdiscurso, o discurso de que a mulher é propícia para essa

profissão partiu de já-ditos que afirmam que a mulher pode ocupar esse espaço por ser ele uma extensão da sua atividade materna. Por isso, popularizou-se a ideia de que as professoras são tias dos alunos, o que faz a mulher, segundo Pinsky (2014, p. 188), obter aval ou o “perdão” por trabalhar. Sobre isso, vejamos a seguinte citação:

Considerado o mais próximo da função de “mãe”, o magistério era o curso mais procurado pelas moças, o que não significava sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se apenas com o prestígio do diploma e a chamada “cultura geral” adquirida na escola normal” (PINSKY, 2017, p. 625).

Outro já-dito sobre o magistério é que as mulheres são vocacionadas para tal, que essa profissão faz parte de um sacerdócio que, por esse motivo, a questão salarial deve ficar em segundo plano. Como boas “tias”, elas devem exercer a profissão por amor e pelo desejo de ver os alunos avançarem em conhecimento; além disso, a renda é apenas um complemento. Já que é o homem o provedor do lar, é a ele que cabe ganhar bem para sustentar a família.

Em suma, esse texto pode, então, ser compreendido como um elemento discursivo que indica a posição ideológica de quem enuncia. Sentidos sobre como deve ser uma boa professora foram espalhados e algumas características passaram a ser requisitadas para essa profissional – a paciência e a afetividade são exemplos –; assim como uma mãe, a professora deveria aguentar certos modos dos alunos para atingir o objetivo de educar, o trabalho com amor facilitaria o aprendizado, e a doação era de fundamental importância. Ela teria que se oferecer para ajudar o aluno em tudo o que precisasse, ajudar nas tarefas fora da escola, acompanhá-los até a casa, fazer, enfim, o papel que uma mãe faria.

Figura 10 - Mulheres telefonistas



**OPORTUNIDADES PARA MOÇAS
DE 17 A 30 ANOS**

- Para os serviços da Companhia Telephonica Brasileira estão sendo admitidas moças de 17 a 30 anos de idade, para o cargo de telefonista, afim de preencher algumas vagas. Uma profissão de facil aprendizagem e própria para moças.
- Trabalho interessante, facil de aprender, simples de executar e dirigido por moças.
- Salario de Cr\$ 800,00 desde o inicio da aprendizagem, mais o descanso semanal remunerado, perfazendo um total de Cr\$ 960,00 mensais.
- Sete e meia horas de trabalho diário pelas quais são pagas 8 horas.
- Restaurante higiênico no local de trabalho e refeição sadia e variada a preço baixo.
- Sala confortável para descanso, com biblioteca, electrola, jogos, etc.

•

As candidatas devem saber ler, escrever e as 4 operações sôbre números inteiros.

Dirigir-se á rua
Vis. de Inhaúma
N.º 134, 14.º and.
Sala 1402



das 8,30 ás 14,30
horas nos dias
úteis, exceto
aos sabados

25-1-1951 JORNAL DAS MOÇAS

Fonte: Revista *Jornal das Moças*, 1951, p. 61

Esse anúncio de emprego para telefonistas delimita a faixa etária e o gênero do público-alvo. Dessa forma, mostra que é um trabalho para as mulheres solteiras, pois as moças que têm entre 17 e 30 anos geralmente são aquelas que ainda estão à espera de um casamento. Daí já se pode observar que é recorrente as mulheres trabalharem somente enquanto não são casadas. O anúncio mostra também que há uma tensão entre trabalhos para homens e trabalhos para mulheres, uma vez que se considera o trabalho de telefonista como próprio para mulheres.

Aqui cabe o questionamento: por que existem profissões próprias e profissões impróprias para moças? Comumente, a mulher esteve vinculada ao lar como se esse fosse seu lugar natural, seu destino, e toda a conjuntura social contribuía para a perpetuação desses discursos. Com a crescente industrialização, a partir do século XIX, a demanda por mão de obra foi uma constante, e contribuiu para a liberação das mulheres para ocupar postos de trabalho, mas não eram quaisquer vagas que lhes eram permitidas: ocupavam apenas aquelas que fossem compatíveis com suas “limitações”, que exigiam pouco esforço físico, bastante paciência e delicadeza, que fossem de fácil realização e de fácil aprendizagem, com pouca complexidade.

Outrossim, ao contrário dos homens, a entrada das mulheres no ambiente escolar ocorreu com atraso e moderação. Enquanto os homens há muito já ocupavam esse espaço, as mulheres só conseguiram acesso à escola no século XIX; inicialmente, apenas as de elite e com um currículo básico de ensino das primeiras letras e das quatro operações, além disso, estudavam em escolas separadas das dos homens. Com a popularização da educação, mais vagas foram abertas, e as escolas tornaram-se mistas, porém o ensino superior ainda era voltado para os homens, e, somente depois de algum tempo, as mulheres foram incorporadas nesse espaço, *a priori* em carreiras “ditas” femininas. Assim ocorreu historicamente no Brasil a divisão de trabalhos para homens e para mulheres.

Voltando à noção de formações imaginárias, observa-se que na sequência discursiva “trabalho interessante, fácil de aprender, simples de executar e dirigido por moças” a imagem que o sujeito enunciador faz da mulher é a de que ela é incapaz de realizar tarefas difíceis e complexas, e que possui apenas habilidades maternais e domésticas. Ou seja, a mulher é aquela que possui capacidade intelectual reduzida, já que, ao longo do tempo, ela sempre esteve relacionada como inferior ao homem, como a que fica em casa cuidando dos filhos e do marido e não tem acesso à escola ou, quando tem, aprende apenas o básico para fazer as simples tarefas que lhe são confiadas.

É importante observar também o destaque dado ao fato de o trabalho ser dirigido por moças. Na década de 50, a proximidade entre homens e mulheres não era bem vista pela sociedade, e as moças eram rotuladas como “levianas” ou “de família” de acordo com o seu comportamento. Para evitar ficar “mal falada” e afastar os possíveis pretendentes, não era aconselhável, nem os pais as deixavam, trabalhar com homens que poderiam enganá-las e manchar a sua honra: “vistas por vezes como ingênuas ou perigosamente inconsequentes e deslumbradas, era grande o medo de que as mocinhas se desviassem do bom caminho, a educação moral e a vigilância sobre elas se faziam necessárias” (PINSKY, 2017, p. 610).

Na sequência discursiva “as candidatas devem saber ler, escrever e as quatro operações sobre números inteiros”, constatamos que a exigência acadêmica para ocupar a vaga de emprego é bem elementar; através dessa divulgação, espalha-se a informação para as mulheres de que não é necessário buscar além do básico para a sua formação, pois os empregos próprios para elas não exigem muito, assim ela pode utilizar seu tempo para exercer as atividades domésticas, e, dessa forma, vai-se perpetuando a inferioridade escolar das mulheres com relação aos homens.

Para Orlandi (2015), e a partir do que diz Pêcheux (1993), o sujeito ao enunciar é afetado por esquecimentos. Destacamos aqui o esquecimento nº 1, em que o sujeito põe-se na origem do dizer e, de maneira ilusória, pensa que está constituindo o sentido do que diz, quando na verdade seu dizer produz sentidos porque está afetado por dizeres pronunciados em outras épocas e outros lugares. É isso que ocorre no exemplo em análise: ao enunciar que o trabalho é próprio para mulheres, justificando-o com alguns motivos, mesmo que pareçam aleatórios, o enunciado traz já-ditos que foram e são pronunciados em outros lugares por outros sujeitos e que fazem eco no momento do seu dizer.

Analisaremos mais dois textos, estes pertencentes à categoria “Trabalho e Maternidade”. O primeiro trata de conselhos à mãe que trabalha fora, para que não deixe de exercer a sua função materna com o mesmo amor, e o segundo fala sobre uma mulher da Suíça que assumiu dois cargos fora do lar e também é mãe.

5.3 TRABALHO E MATERNIDADE EM *JORNAL DAS MOÇAS*

Figura 11 - Mães que trabalham fora prejudicam o filho

Evangelho das Mães

**VITAMINA
INSUBSTITUIVEL**
Palavras de Chela Piver

Em épocas passadas o problema não existia. Vida sem complicações, cada qual sabia qual era seu dever. Durante séculos, milhares e milhares de mulheres cumpriam com sua missão de mãe, deram aluz a seus filhos e criaram-nos com a grandiosa simplicidade própria das mães. Mas os tempos mudaram e novas coisas tumultaram a vida das pessoas. E eis que com as modernas complicações de toda ordem surge para algumas mães a teoria de que não é necessário que sejam elas mesmas quem se encarreguem da criação de seus bebês.

Verdade é que o ritmo acelerado e diferente com que se vive na atualidade impõe obrigações novas às mulheres, ainda mesmo às casadas. O trabalho fora do lar, as viagens e horários, e demais coisas subsidiárias, incidem em ocasiões na própria vida da família. E nem sempre é o clima doméstico o que melhor convém. Mas, ainda assim, há algo que nenhuma mãe deve esquecer em qualquer momento: é que não há vitamina que substitua o amor maternal.

**Um farol que não
deverá apagar-se nunca**

A antiga imagem da mãe inclinada com amor sobre o berço de seu filho não é um sinal dos outros tempos. Continua tendo hoje o mesmo valor de sempre. Ainda quando muitas coisas variem e outras mudem de nome e côr, há algo que desde o princípio dos séculos continua projetando-se para o futuro. O amor das mães, feito de sacrifício e de abnegação, é como um farol em tôdas as idades. E isto têm que compreender as mães que preferem atender suas obrigações sociais e a esbelteza de sua silhueta a ocupar-se do filho.

Nem tudo na vida é vaidade e diversão. Há algo infinitamente mais importante que isso... é o sentido da própria responsabilidade frente ao futuro do filho. Nesse aspecto tudo quanto haja de mãe é pouco.

E' preciso que se não apague o farol.

Fonte: Revista *Jornal das Moças*, 1957, p. 59

Esse texto, publicado na seção fixa “Evangelho das Mães”, de *Jornal das Moças*, já nos dá indícios de um funcionamento ideológico sobre o papel da mulher na família e na sociedade. O título dessa seção nos remete ao discurso transversal da religiosidade que traz ensinamentos e diretrizes para seus seguidores; da mesma forma nesse texto, a mãe é ensinada a padecer no paraíso e não se desviar dos ensinamentos sobre filhos, marido e casa.

Trabalhemos com a seguinte sequência discursiva: “Em épocas passadas o problema não existia. Vida sem complicações, cada qual sabia qual era o seu dever. Durante séculos,

milhares e milhares de mulheres cumpriam com sua missão de mãe, deram a luz a seus filhos e criaram-nos com a grandiosa simplicidade própria das mães. Mas os tempos mudaram e novas coisas tumultuaram a vida das pessoas. E eis que com as modernas complicações de toda ordem surge para algumas mães a teoria de que não é necessário que sejam elas mesmas quem se encarregue da criação de seus bebês.” Nesse trecho, a mãe é vista como deslocada da sua missão de vida devido às mudanças ocorridas no mundo moderno, já que “é pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’” (BEAUVOIUR, 2009, p. 645). Percebe-se o funcionamento do sentido sobre ser mãe que trabalha ou realiza atividades fora do lar. A palavra usada para se referir às mudanças sociais que representam uma paulatina saída da mulher do ambiente doméstico é “complicações”. Desse modo, essas mudanças são colocadas pela revista como negativas e indesejáveis, pois afastam as mães de seu papel natural. O sujeito enunciador, através da seleção de palavras, diz que a saída da mulher do lar, seja para trabalhar, seja para realizar outras atividades que a vida demanda, é um problema, algo que traz transtornos para a família, que desmorona a estrutura construída para ser imóvel, cada um no seu lugar, fazendo seu dever. Assim, considera-se que cada um tem as tarefas pré-determinadas: mulheres sempre em casa com os filhos e ocupada com as atividades domésticas, e homens provendo o sustento e desfrutando da vida pública. Esse discurso já se fazia presente em séculos passados, quando a mulher era proibida de sair de casa, exceto se acompanhada, e é reflexo de uma época em que o homem tinha plena liberdade na sociedade, como bem afirma Pinsky (2017):

A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes (PINSKY, 2017, p. 610).

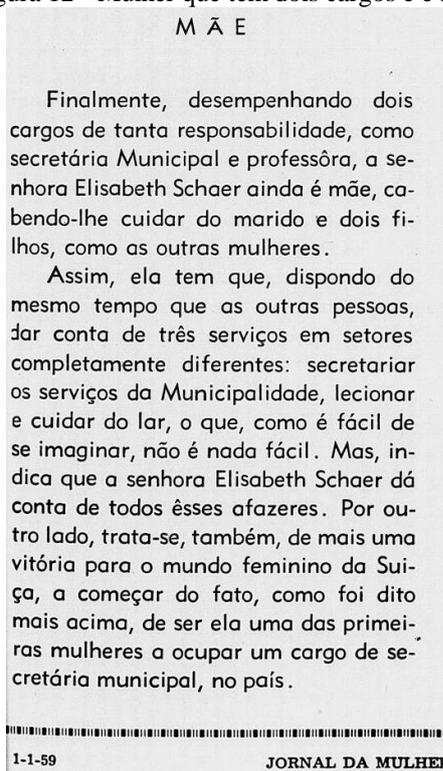
Nesse texto, percebe-se o estranhamento à figura da mãe que trabalha fora de casa e precisa deixar o filho com alguém. Há a tentativa de desprezar essa atividade extralhar, evidenciando os problemas que o filho terá se ficar longe da mãe, como vemos no trecho seguinte: “O trabalho fora do lar, as viagens e horários, e demais coisas subsidiárias, incidem em ocasiões na própria vida da família. E nem sempre é o clima doméstico o que melhor convêm”. O trabalho feminino é colocado como algo secundário, sem muita importância e necessidade, o ambiente doméstico pós-saída da mãe para o trabalho é descrito como bagunçado, inconveniente e indesejado.

No trecho “O amor das mães, feito de sacrifício e de abnegação, é como um farol em tôdas as idades. E isto têm que compreender as mães que preferem atender suas obrigações sociais e a esbelteza de sua silhueta a ocupar-se do filho”, a revista posiciona-se contra a saída da mulher do lar. Para esse veículo informativo e difusor de ideologia, constitui uma demonstração de falta de amor pelo filho a atitude da mãe ao atender suas obrigações – trabalhar fora de casa, por exemplo, ou participar de eventos sociais em ambiente público fora do espaço doméstico –, pois faz com que se abra mão de uma função a ela delegada, a qual é colocada pela revista como obrigação exclusiva: a criação dos filhos.

Muitos acreditavam que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade (RAGO, 2017, p. 585).

Desse modo, são levantados sentidos a respeito da mulher que trabalha e é mãe, sentidos que desprestigiam a luta delas por inserção no mercado de trabalho e retomam dizeres que consideram incompatíveis ser mãe e ser trabalhadora, associando aos tempos modernos a pretensão de destruir o pilar da sociedade, que é a família.

Figura 12 - Mulher que tem dois cargos e é mãe



Fonte: Revista *Jornal das Moças*, 1959, p. 21

Esse texto foi publicado no caderno “Jornal da Mulher”, que era caderno dedicado às mulheres casadas. Na revista *Jornal das Moças*, de maneira geral, é comum a publicação de reportagens e entrevistas com pessoas de outros países: artistas, políticos, entre outros, que possam de alguma forma influenciar as leitoras. Ao trazer um ar de modernidade para o Brasil, é recorrente, por exemplo, o uso de entrevistas com atrizes das radionovelas, novidade da época, em que o foco é mostrar que, apesar de atuar, a artista desempenha prioritariamente seu papel de mãe e esposa.

Analisando a sequência discursiva “Finalmente, desempenhando dois cargos de tanta responsabilidade, como secretária Municipal e professora, a senhora Elisabeth ainda é mãe, cabendo-lhe cuidar do marido e dos filhos, como as outras mulheres”, percebe-se que a utilização do advérbio “finalmente” traz indícios de que se passou muito tempo até ela conseguir atuar nessas funções. O advérbio “ainda” também funciona discursivamente, gerando o sentido de fardo: além de fazer tantas atividades, ela ainda é mãe, o que gera o sentido de que as mulheres que trabalhassem fora e fossem mães estariam submetidas a um grande sacrifício, já que não era tão natural poder ser mãe e trabalhar fora do lar. Por muito tempo, as mulheres que estiveram relacionadas a algum tipo de trabalho eram as que não conseguiam casamento, as que tinham “ficado pra titias” ou “solteironas”, não tendo um marido que as sustentasse. Assim, ou ficavam sendo assistidas pelos pais ou podiam trabalhar em profissões consideradas femininas: “Emprego é para as solteiras; dedicação e envolvimento com o trabalho prejudicam o casamento; homens não gostam de ‘mulheres independentes’” (PINSKY, 2014, p. 182). O uso da expressão “ainda é mãe” mostra o estranhamento do enunciador com relação ao novo perfil de mulher que já começou a ser traçado em outros países, porém, por ora, a mudança ainda é incipiente, pois os papéis desempenhados fora do lar pela mulher em questão são aqueles pertencentes às carreiras que por muito tempo foram consideradas femininas: professora e secretária.

Há um movimento do sujeito dentro da FD, pois, apesar de achar que a mulher deve fazer as tarefas domésticas que sempre lhe couberam, também há uma demonstração de que esse excesso de tarefas não é muito bom para ela; vimos isso com o uso da expressão “por outro lado”, que inicia o ponto positivo da ampliação do papel da mulher, ao ocupar espaços que antes não lhe eram permitidos. Assim, o sujeito está se movimentando entre duas formações discursivas, uma que diz que a mulher que é mãe não pode trabalhar e a outra que mostra que é uma conquista ela estar ocupando essas três posições sociais.

Como podemos notar, no final da sequência, o enunciador destaca que a ela cabe cuidar do marido e dos filhos, como as outras mulheres, demarcando o papel comum a todas elas, o

que coloca a mulher, com naturalidade, no papel de mãe e esposa. Como o que é enunciado gera sentidos diferentes para distintas pessoas e ainda o que não está dito também significa, o que foi apresentado nesse texto pode gerar para as mulheres o sentido de que elas podem ocupar espaços fora do lar, como também pode gerar o sentido de que não é bom buscar uma carreira fora do lar, já que isso só irá ampliar suas tarefas e aumentar seu cansaço físico e mental, pois elas terão que dar conta da dupla ou tripla jornada.

Faremos, a partir de agora, análises de recortes de textos retirados de reportagens ou artigos publicados pela revista *Claudia* em um período de mais de meio século de diferença daquele analisado em *Jornal das Moças*, num momento histórico em que as mulheres estão ocupando as mais diversas carreiras. O que pretendemos observar é se as revistas consideradas hoje femininas já discursivizam a mulher nesses novos papéis, e o que se enuncia sobre a relação mulher e trabalho.

Neste espaço, faremos a análise de dois textos que estão integrados na categoria “Trabalho e Maternidade”. Um deles possui como título “A revolução das mães de amanhã”, no qual é divulgado que a especialização das mulheres na carreira contribuirá para o sucesso dos filhos nos estudos futuramente. O outro trata do questionamento de uma mãe que acabou de ser promovida e não sabe como explicar ao filho que não terá o mesmo tempo disponível para ele; ela busca orientação sobre como agir nessa situação.

5.4 TRABALHO E MATERNIDADE EM *CLAUDIA*

Figura 13 - A revolução das mães de amanhã



Fonte: Revista *Claudia*, 2010, p.75

Ao observar o texto anterior (na íntegra em anexo p. 143 a 145), referente a uma reportagem intitulada “A revolução das mães de amanhã”, percebemos o funcionamento ideológico sobre o público feminino atual e sua relação com a carreira e a maternidade. As mulheres da imagem são representadas como profissionais diversas, que carregam pastas, documentos, dentre outros elementos que as caracterizam como trabalhadoras. Os modos de vestir também as colocam no rol do ambiente de trabalho, pois elas se apresentam com roupas geralmente utilizadas nesses locais. Há uma grande expectativa a respeito das atitudes das futuras mães, a ponto de ser esperada uma revolução. A palavra “revolução” tem como base a ideia de mudança, de crescimento. Entretanto pode-se dizer que a revolução discursivizada pela revista não ocorrerá na mudança do papel das mulheres, visto que, desde sempre, estiveram vinculadas à obrigatoriedade de serem mães. A mudança que se quer pretender é na ampliação do papel das mães, que, por estarem agora preparadas profissionalmente, farão parte de um

exército que cobrará das escolas uma efetiva educação para seus filhos. Considerando a parte imagética do texto, percebemos que, independente da profissão escolhida, há uma preocupação com a estética: cabelo impecável, roupas alinhadas, corpo esbelto, atendendo ao que a sociedade propaga como padrão. Vemos também que elas seguram vários materiais que remontam à variedade de profissões, desde as que sempre foram comuns para elas até as que eram consideradas profissões masculinas; assim, podemos inferir que, a partir da luta feminista pela entrada da mulher nas faculdades em cursos variados, as oportunidades se ampliaram e elas passaram a concorrer a vagas reservadas por muito tempo aos homens.

No decorrer da reportagem, há informações e dados a respeito do perfil dessas novas mulheres. Trataremos aqui de alguns recortes mais significativos, quais sejam:

Sequência discursiva 1: “na linhagem de mulheres da sua família, no quesito escolaridade, Mariana já foi bem mais longe que sua avó e sua mãe. Mas, além dela própria, os filhos que ainda não tem devem colher outros frutos. Embora pense em deixar a maternidade para depois dos 30, já decidiu que só será mãe, quando puder pagar a melhor educação para suas futuras crianças”.

Sequência discursiva 2: “essas mães vão querer mais da escola, vão cobrar mais – e provavelmente conseguir mais para os filhos”.

Sequência discursiva 3: “Os progressos trazidos pela educação das mulheres não se restringem às famílias de baixa renda, mas são mais visíveis nessa faixa”.

Na sequência discursiva 1, percebe-se a retomada de já-ditos de outras épocas que indicavam onde a mulher poderia ficar, a posição que ela poderia assumir socialmente e até onde ela poderia ir: a avó e a mãe são trazidas na sequência discursiva como sujeitos que possuíram menor escolaridade que a filha, o que retoma os processos históricos já relatados neste trabalho, quanto à pouca preocupação com a educação feminina. Esses dizeres fazem parte da construção histórica do lugar da mulher na sociedade.

Há tempos não muito distantes, as mulheres possuíam baixo nível de escolaridade devido à conjuntura social que lhes preparava apenas para o casamento, e, por isso, a formação profissional era proibida ou colocada em segundo plano. Assim, as mulheres não tinham voz ativa na política, na economia, na vida social, nem mesmo na vida conjugal. Cabia a elas fazer o casamento dar certo a todo custo, mesmo humilhadas ou anuladas pelos esposos, e as poucas que conseguiam trabalhar precisavam da autorização deles para tal. A partir da década de 70, a livre escolha da maternidade ou o direito de recusá-la é uma conquista central das mulheres. A mulher agora pode escolher entre casar ou ficar solteira, ter ou não filhos e abraçar ou não uma profissão. Essa mulher vive uma realidade paradoxal: por um lado, assume o governo de si

mesma, desvinculando sexo de procriação e inserindo-se no mercado de trabalho; por outro, ela ainda valoriza e preserva papéis e valores tradicionais, como ser mãe, educadora dos filhos e esposa. Nesse texto, por exemplo, faz-se o relato sobre uma jovem que pretende ter filhos depois dos 30 anos e que já planeja a chegada desse momento com relação aos gastos com a criança e com a educação. Assim, coloca-se a tensão do cuidado com os filhos sobre a mulher, sem mencionar, por exemplo, o papel do homem nessa árdua tarefa, o que remonta ao modelo hegemônico de mulher como mãe, enraizado através da ideologia patriarcal. Por outro lado, a afirmação de que a mulher citada na reportagem pretende adiar a maternidade até poder pagar a melhor educação para os filhos discursiviza uma nova atuação social da mulher, uma vez que hoje a maioria das mulheres contribuem no orçamento familiar, podendo significar oferecer uma boa casa, lazer e educação. Há aí um movimento de contraidentificação do sujeito com a ideologia patriarcal. Ao mesmo tempo que o sujeito produtor da reportagem admite e discursiviza a mulher em diversas profissões, enfatizando a escolaridade e carreiras femininas, ele coloca apenas sobre a mulher a necessidade de se preocupar e cobrar da escola uma melhor educação para os filhos. Os homens não aparecem como parceiros das mulheres na cobrança dessa educação frente à escola, e esse silenciamento do papel do homem, como pai e corresponsável pela educação dos filhos, gera sentidos.

Na sequência discursiva 2, vemos que o sujeito enunciador ainda se filia a uma conjuntura ideológica em certa medida patriarcal, pois, apesar de discursivizar várias possibilidades de crescimento profissional e acesso de mulheres ao ensino superior, traz, aliado a esses avanços, cobranças pelo seu melhor desempenho como mães. É válido questionarmos aqui por que quando as mulheres se preparam e crescem intelectualmente vem rapidamente a exigência para que sejam melhores como mães, que cobrem uma melhor educação para os filhos na escola e em casa realizem leituras, utilizem vocabulário mais amplo e culto, levando os filhos a alcançarem degraus mais altos, para depois pensarem em sua própria carreira profissional? E ainda cabe a seguinte observação: será que quando os homens ocuparam espaços na escola básica e nas faculdades de forma pioneira se falava também que eles iriam contribuir para a educação dos seus filhos? Ou será que esse preparo era importante e valorizado apenas para que eles pudessem atuar com maior eficiência no mercado de trabalho e serem melhor remunerados?

Na sequência discursiva 3, constatamos marcas do interdiscurso referentes ao período do Império, em que as mulheres de classes menos favorecidas trabalhavam como empregadas domésticas, lavadeiras, costureiras; não estudavam, nem conseguiam livrar seus filhos desse ciclo que se repetiu por bastante tempo. Somente no decorrer do século XX, essa condição

começou a mudar, primeiramente com a classe pobre conseguindo estudar as primeiras letras, com o tempo, tendo acesso ao ensino médio e conseguindo oportunidades de trabalho em indústrias e no comércio, o que deu nova configuração ao destino dessa classe. Como o trecho lido relata, o ensino superior só foi disponibilizado para essa população recentemente e traz consigo uma transformação no perfil das famílias, algo que não era comum até poucas décadas atrás.

Figura 14 - Mãe promovida na carreira, como agir com o filho?

Dilema de mãe

SILZANA LAKATOS

Sempre brinquei com meu filho de 2 anos ao chegar do trabalho, mas fui promovida e ando esgotada. Explico a ele que tudo mudou?

Há várias formas de lidar com essa situação. O desafio é não se entregar às pressões do dia a dia e fazer escolhas coerentes com seus valores, sentimentos e objetivos. “Existe um jogo de forças no mundo do trabalho que leva a mulher a terceirizar os cuidados com o filho na tentativa de alcançar uma realização que muitas vezes se revela ilusória”, afirma Anderson Cavalcante, especialista em competências humanas e autor do livro *O Que Realmente Importa* (Gente). O mito de que trabalhar além

do horário é sinal de comprometimento, a competitividade extrema e a natural tendência feminina a um elevado grau de autoexigência frequentemente geram um estado de fadiga permanente. É um resultado ruim em qualquer circunstância, mas ainda pior quando se tem um filho pequeno.

“Até os 7 anos, a criança vive um período crítico do desenvolvimento psíquico. O convívio com os pais consolida valores que irá carregar pela vida inteira”, afirma o especialista. É fundamental equilibrar a balança. A criança pequena não fica brava porque a mãe está no trabalho; ela não tolera é que a mãe esteja em casa e não lhe dê atenção. Não significa brincar sem vontade, mesmo porque os pequenos têm um radar para isso. “(O) jeito é incluir a convivência com seu menino na agenda”, ensina Anderson. Reserve pelo menos duas a três noites na semana, além dos sábados e domingos, para ficar com ele. Demarcar tempo para o filho ajuda a negociar compromissos profissionais sem jogar sempre a família para segundo plano. Explique a situação para seu chefe, e disponha-se a realizar parte do trabalho em casa, depois que a criança dormir. “Caso a empresa se mostre inflexível, avalie mudar de área, de emprego ou mesmo retornar à função anterior, ainda que isso tenha um custo.”

Esse, porém, não é o único roteiro que você pode seguir. De acordo com a psicóloga Ceres Alves de Araújo, professora de pós-graduação da PUC-São Paulo e autora de *Pais Que Educam: Uma Aventura Inesquecível* (Gente), a criança dessa idade aceita bem mudanças na rotina. “Cabe à mãe criar estratégias para preencher o tempo em que o filho ficará longe dela”, diz a psicóloga. Um bom começo pode ser matricular seu menino na escola à tarde para ele estar acordado até você chegar. Para ocupá-lo pela manhã, considere um curso de natação ou uma aula de música. Vale ainda programar sessões de brincadeiras com a babá, o pai ou a avó. Mas não o deixe a cada dia em um lugar ou com uma pessoa diferente – nessa idade, a criança precisa de referências fixas de cuidado, proteção e amor.

Se priorizar a carreira, caberá a você investir no convívio. Que tal banhá-lo quando chega em casa? Ou ler uma história com ele no colo? Enquanto estiverem juntos, desligue-se do trabalho, ignore o telefone, esqueça as tarefas domésticas; depois que o filho dormir, poderá cuidar disso. O esforço vale a pena. “O trabalho materno hoje traz um valor positivo para a autoestima infantil. Os pequenos se ressentem da ausência da mãe, mas, por volta de 7 anos, orgulham-se por ela ser uma profissional bem-sucedida”, garante Ceres. o

Na revista *Claudia*, é perceptível que os dizeres sobre a tensão maternidade e trabalho, além de outras temáticas, não são unificados, como víamos nas publicações de *Jornal das Moças*, os quais refletiam o pensamento homogêneo da época. Aqui, os dizeres mudam a depender do sujeito enunciador que escreve os artigos. Isso mostra uma abertura da revista para diferentes posicionamentos e também a tentativa de não impor uma verdade única, pelo contrário, abre-se espaço para o surgimento de posições diversas. Prova disso é que, no final da página, há indicação do site no qual a leitora pode comentar, concordando ou não com as ideias expostas. Nessa coluna, “Dilema de mãe”, publicam-se respostas de especialistas sobre perguntas enviadas por leitoras, que pode ser também o questionamento de outras mães. Na publicação em análise, em específico, a leitora deseja saber se deve contar ao filho que a sua rotina mudou devido a uma promoção, motivo por que não terá mais o mesmo tempo para dar-lhe a devida atenção.

Assim, é a mulher independente dividida hoje entre seus interesses profissionais e as preocupações de sua vocação sexual; tem dificuldade em encontrar seu equilíbrio; se o assegura é à custa de concessões, de sacrifícios, de acrobacias que exigem dela uma perpétua tensão (BEAUVOIR, 2009, p. 897-8).

Faz-se necessário elencar algumas sequências discursivas desse texto que consideramos relevantes para compreendermos o que se diz no século XXI sobre/para a mãe que trabalha fora de casa. Segue a primeira: “Demarcar tempo para o filho ajuda a negociar compromissos profissionais sem jogar sempre a família para segundo plano. Explique a situação para seu chefe e disponha-se a realizar parte do trabalho em casa, depois que a criança dormir. Caso a empresa se mostre inflexível, avalie mudar de área, de emprego ou mesmo retomar à função anterior, ainda que isso tenha um custo”. A sequência em destaque mostra que o sujeito é interpelado por uma ideologia que considera ser a mãe a única responsável pela criação do filho, e, ainda mais, que ela deve dar conta de todas as atividades domésticas, mesmo que seja depois que o filho dormir, aumentando assim a sua carga horária. Nada se fala sobre o descanso da mulher, nem sobre a divisão de tarefas. Mais uma vez, a função do pai no cuidado com os filhos é silenciada e o discurso vigente é o de que a mulher deve pagar o preço por querer a vida de trabalho fora do lar. Desse modo, espera-se que ela se desdobre para corresponder ao que a sociedade espera de uma mãe, ainda que seja necessário abandonar a carreira ou mudar para outra que não lhe exija muito tempo e dedicação.

Como vimos em seções anteriores, a constituição da família nuclear deu-se no século XIX, e, a partir daí, a divisão dos papéis do pai e da mãe ficou mais evidente. Hoje, como

reflexo disso, a mulher está colocada em um dilema, entre ser uma boa profissional e se dedicar à família. A exigência é grande para que ela desempenhe muito bem os seus papéis sociais, sem se descuidar de nenhum deles. A expressão “sem jogar sempre a família para segundo plano” retoma já-ditos do interdiscurso e dizeres presentes na década de 50 que ponderavam que a mulher, ao seguir uma carreira, negligenciaria os cuidados com a casa e os filhos, conforme explica Pinsky (2017):

Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio (PINSKY, 2017, p. 624).

Retomaremos aqui o que Orlandi (2007) concebe sobre o silêncio local, o qual ela relaciona com a censura. Assim diz a autora: “a censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proibem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições” (ORLANDI, 2007, p. 104). Esse tipo de silêncio funciona, nesse trecho, proibindo o sujeito, de acordo com sua FD, de falar sobre o papel do pai na família, já que não se elenca a responsabilidade do pai na criação do filho. Será que ele não é tão importante quanto a mãe no cuidado com os filhos? Seu emprego é mais importante do que o da mulher? Por que ela tem que adequar seu emprego à vida familiar e ele não?

Outra sequência interessante é a seguinte: “Cabe à mãe criar estratégias para preencher o tempo em que o filho ficará longe dela. [...] vale ainda programar sessões de brincadeiras com a babá, o pai ou a avó”. Aqui a mãe continua sendo culpabilizada por não ter tempo para o filho e é instruída a ocupar o tempo ocioso dele. O que chama a nossa atenção enquanto analista é o fato de ela ser orientada a programar brincadeiras com algumas pessoas: babá, pai e avó. Nota-se que há um silenciamento da importância do pai na educação do filho, já que ele é colocado no mesmo patamar da babá e da avó, como se não tivesse obrigação com a paternidade, ou como se sua contribuição fosse apenas uma ajuda para o desenvolvimento da criança; não se faz dele um partícipe na educação do filho.

Vale ainda comentar a seguinte expressão presente no texto: “se priorizar a carreira, caberá a você investir no convívio”. Nela, há um funcionamento ideológico que diz que a carreira feminina não é uma necessidade, por isso ela pode optar por seguir ou não. Aconselha-se, então, à mãe desistir da carreira, pois há um estranhamento dela nesse lugar. Seu trabalho continua sendo secundário, pois sua atividade principal é o lar e a maternidade. O uso da

conjunção “se” não indica apenas uma condição, mas funciona gerando sentidos ideologicamente marcados. O comum é que a mulher opte pela vida no lar, e, ao escolher seguir uma carreira, deve estar preparada para todos os contratempos que vão surgir.

Faremos, agora, uma discussão sobre a questão salarial na carreira feminina, para o que estabelecemos a categoria “Mulher e Salário”. Analisaremos um texto que mostra que, apesar de terem mais tempo de estudo que os homens, o salário das mulheres ainda é inferior; e outro no qual observaremos que, dentre muitas outras, uma lei recente tentou contribuir para a prática de efetiva igualdade salarial, o que, uma vez mais, não saiu do papel.

5.5 MULHER E SALÁRIO

Figura 15 - Salário igual ao dos homens, já!



Esse texto introduz uma reportagem (na íntegra em anexo p. 147 e 148) que discute a necessidade de uma luta constante das mulheres para a conquista da igualdade salarial, bem como traça diretrizes para que os embates sejam efetivos e os resultados comecem a aparecer. Assim, a revista *Claudia* se propõe a apoiar essa causa e convoca também suas leitoras para apoiarem. No texto imagético, vê-se uma mulher arrebatando um papel que tipifica uma cédula para conseguir adentrar ao outro lado. Essa imagem gera sentidos, pois a luta pela questão salarial é antiga e ainda não concluída, como quer mostrar a parte imagética do texto: a mulher faz menção de colocar a primeira perna do outro lado e parte do corpo, e há muito que lutar para que ela consiga colocar o corpo todo para fora, ou seja, para que a igualdade salarial seja mesmo estabelecida.

A entrada da mulher no mundo do trabalho, como já foi explicitado, não ocorreu de forma pacífica e equilibrada. Ela lutou bastante para chegar aos postos de trabalho que hoje ocupa na sociedade, foram muitas negativas até alcançar a possibilidade de escolher qual carreira seguir, entretanto o que ocorreu desde a entrada feminina no mundo do trabalho foi o desequilíbrio salarial entre homem e mulher.

O texto ora lido traz um panorama importante sobre a diferença salarial presente na atualidade e que se agrava ainda mais quando observado o nível alto de escolaridade; segundo as informações da reportagem, as mulheres, mesmo estudando por mais tempo e frequentando em maior número os cursos de pós-graduação, é remunerada de forma inferior ao homem na mesma função.

Observaremos a sequência discursiva “É uma questão cultural: nós somos vistas como ótimas para administrar a pobreza – no Bolsa Família, as beneficiárias são as mulheres, tidas pelo governo federal como honestas e altruístas. Mas a administração da riqueza está fora do que a sociedade espera das mulheres”, que corresponde à fala de Hildete de Melo. Ela mostra que a imagem que se tem da mulher é um prolongamento da noção que já se tinha há tempos de que ela deveria ser abnegada, cuidar do lar e de tudo o que o envolve, ser boa mãe e ensinar bons valores. Dizer que as mulheres são honestas e altruístas remonta ao século passado, em que as mulheres eram instruídas pela sociedade e por revistas como *Jornal das Moças* a economizarem o pouco dinheiro que recebiam das mãos do marido para suprir as necessidades do lar. Não são parcos os ensinamentos a não abrir a carteira do marido nem comprar além do que ele pode pagar, além disso, elas recebem instrução de como conseguir economizar o dinheiro da casa para conseguir comprar algo pessoal.

Temos agora a sequência discursiva: “a mulher investe 90% da sua renda na família, enquanto o homem empenha apenas 40%, gastando o resto, em geral, como ele mesmo. Ela

estuda, produz melhor e compra mais, investe nos filhos, amplia a casa, influencia as vizinhas, leva a comunidade a cobrar qualidade do serviço público...”. Essa sequência está relacionada à forma como a mulher investe o seu dinheiro. Podemos aqui fazer um paralelo com o que sempre se convencionou chamar de “chefe do lar”: enquanto somente o homem trabalhava, apenas o sustento básico para subsistência era provido, mas, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, ocorrem mudanças importantes, e ela passou a investir na aquisição de bens, em lazer e conforto. Pinsky (2016, p. 537) afirma que “não tendo que depender de maridos e companheiros, elas ganharam maior poder de decisão para dispor dos recursos financeiros a seu alcance”.

O século XXI se evidencia pela expressiva inserção das mulheres no mercado de trabalho. Mesmo sendo consideradas pela sociedade patriarcal como fundamentais no espaço doméstico, elas acumulam novas funções, tornando-se essenciais tanto no âmbito familiar quanto no mercado de trabalho, e sua inclusão definitiva no espaço mercadológico será imprescindível para as novas conquistas no espaço público. Mesmo assim, ainda não encontraram as mesmas condições de trabalho em relação ao homem. A estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina. Esse mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram. Em decorrência desses fatos, é possível perceber que só através do trabalho a mulher conseguirá sua independência. A respeito disso, Beauvoir afirma:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. (BEAUVOIR, 2009, p. 779)

Na atualidade, como mostra o trecho em análise, a mulher investe mais do que o dobro do que o homem aplica na família. Esse fato mostra que foi bastante conveniente e positivo para o homem a mulher se apossar da vida pública, pois, além de continuar não participando das tarefas diárias que envolvem uma casa, ele foi beneficiado com a diminuição dos valores a serem investidos no lar. Em suma, podemos perceber um discurso que mostra que a mulher trabalha para proporcionar qualidade de vida para os filhos, para si e para fazer investimentos na casa, e, conseqüentemente, vê-se que ela acabou por ampliar seu leque de atividades, quando, em contrapartida, não houve por parte do homem o mesmo empenho em continuar investindo na família.

Figura 16 - Lei que pretendia multar empregador que remunera a mulher de forma inferior não sancionada

Quem mexeu no meu salário?

Por apenas sete dias, o holerite da mulher ficou igual ao do homem. Foi um blefe dos senadores: aprovadíssimo, o projeto voltou à estaca zero antes de Dilma sancionar. Investigamos tudo e contamos quem puxou o tapete PATRÍCIA ZAIDAN

Ao meio-dia de 6 de março, sites de notícia, rádio e TV informavam que o Senado acabava de aprovar o projeto que combate o salário inferior da mulher quando ela tem a mesma função e responsabilidade de um homem. A igualdade já está na Constituição Federal e na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). A novidade era a criação de uma multa ao empregador, em favor da empregada, correspondente a cinco vezes a diferença, em todo o tempo de contratação. Só a pena mudaria o holerite das brasileiras, hoje 28% menor. Sopa no mel: a presidenta Dilma Rousseff sancionaria a lei no retorno da Alemanha – onde se reunia com a chanceler Angela Merkel – e anunciaria com pompa na festa em homenagem às mulheres, dia 13, no Congresso Nacional. Mas a ideia encruou. E à surdina. Nem avisaram o presidente da Câmara, Marco Maia (PT-RS), que celebrou, em discurso na solenidade, a vitória feminina, àquela hora já evaporada. O que ocorreu nesse curto período, ninguém soube. Os fatos se deram assim:

Dia 6 O deputado Marçal Filho (PMDB-MS), às 9h30, gesticulava ao celular apelando aos senadores Eduardo Suplicy (PT-SP), Pedro Simon (PMDB-RS) e a outros dos 19 integrantes da Comissão de Direitos Humanos (CDH), do Senado, para que fossem à sessão: “Terça de manhã nunca dá quórum em Brasília”. Marçal é o autor do projeto que, aprovado na Câmara, aportou ali em dezembro, recebeu ok na Comissão de Assuntos Sociais em fevereiro e, emplacando essa etapa, ganharia caráter terminativo, sem ir ao plenário para o voto dos 81 senadores. Tudo certo, palmas selaram a reivindicação feminina. A senadora Ana Rita Esgario (PT-ES), ao microfone, chamou o autor de “homem sensível”. Todo vaidoso, ele voou para a Câmara. Soube que Ideli Salvatti, ministra das Relações Institucionais, estava na sessão em memória do deputado Moacir Micheletto, morto dias antes. “A senhora precisa fazer a presidenta assinar logo”, disse. Assim como foi ótimo para Lula sancionar a Lei Maria da Penha, seria um golaço de Dilma, ainda sem um grande feito para as mulheres. O governo não tinha notado a rapidez da tramitação. Ideli se empolgou.

Dia 8 Em pronunciamento oficial à nação, Dilma lembrou que as mulheres são 97 milhões e ocupam 45% das vagas de trabalho. “E continuamos recebendo menos... isso tem de melhorar.” Senadores entenderam como senha: “Ela vai sancionar!” No gabinete da ministra das Mulheres, Eleonora Menicucci, e na liderança da bancada feminina da Câmara, brotou certo ciúme: “Por que não é de autoria de uma mulher?” Rose de Freitas (PMDB-ES), primeira vice-presidente da casa, bradou na sessão: “O Senado passou na nossa frente”.

MAIO 2012 CLAUDIA 185

Fonte: Revista *Claudia*, 2012, p. 185

Essa reportagem (texto na íntegra em anexo p. 149 a 151) mostra os embates que ocorreram com relação a uma lei que pretendia multar o empregador no caso de pagamento diferenciado apenas pelo gênero, lei que não foi sancionada devido a uma série de contratemplos propositalmente. Submetido à AD, o que nos interessa nesse texto é observar o aparecimento de um discurso no qual a igualdade salarial entre homens e mulheres é discutida.

Sabe-se que, para a AD, o sujeito não é completamente livre para dizer o que quiser, ele é, na verdade, livre e preso ao mesmo tempo – preso na medida em que sempre está filiado à ideologia, e livre porque tem a possibilidade de se movimentar por entre as FDs. Isso posto,

observemos que o sujeito em questão se filia a uma ideologia diversa daquela que diz que mulher deve receber salário inferior ao homem por ser esse o chefe do lar e ela ser trabalhadora subsidiária, possuindo uma renda não muito necessária. A ideologia que está propagada aqui se ancora no interdiscurso que traz já-ditos dos movimentos feministas, os quais pregavam a igualdade salarial entre homens e mulheres estando ambos em uma mesma função.

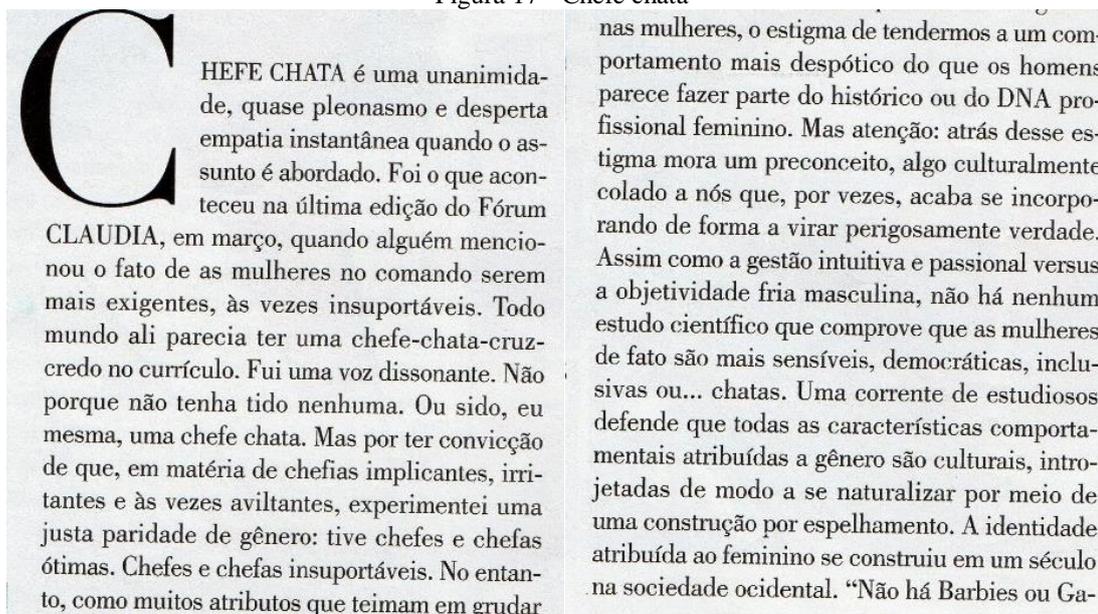
A questão salarial há muito vem sendo discutida. A lei que proíbe a diferença salarial foi instituída desde a década de 60 do século XX, porém, na prática, ainda não ocorreu efetivamente essa mudança. Observamos nessa publicação que a nova proposta é multar o empregador em cinco vezes a diferença, em todo o tempo de contratação, para que a lei tenha força e realmente seja cumprida. Como a lei foi rejeitada, vê-se que não há interesse por parte dos governantes e das grandes empresas de que a igualdade salarial seja concretizada. É recorrente na sociedade dizeres que tentam explicar o motivo pelo qual elas continuam ganhando menos, que são relacionados ao fato de engravidarem ou faltarem em ocasiões de doença das crianças. Concernente a isso, é interessante perceber que muitas empresas não se preocupam em criar espaços para os filhos de suas funcionárias serem acolhidos e as mães trabalhem despreocupadas, tampouco os governantes criam creches suficientes com profissionais capacitados para atender a demanda desse público. Ainda assim, utilizam-se dos já apresentados pretextos para não concederem o direito que já elas já conquistaram legalmente.

Observa-se que, ao contrário da revista *Jornal das Moças*, que omitia as informações que circulavam na sociedade, por não considerá-las importante para a mulher, devido à imagem do seu papel social na época, a revista *Claudia* coloca a mulher a par do que acontece ao seu redor, o que favorece a criticidade com relação aos dizeres que são divulgados e, até mesmo, a participação efetiva na luta das mulheres.

A seguir, faremos as últimas análises deste trabalho, na categoria “Mulher e Liderança”. Em um texto, observaremos que a mulher na posição de chefia é vista como chata, e, no outro, veremos um informativo às empresas dos benefícios que colocar mulheres e homens na liderança podem trazer aos negócios.

5.6 MULHER E LIDERANÇA

Figura 17 - Chefe chata



Fonte: Revista *Claudia*, 2012, p. 62

No texto apresentado (na íntegra em anexo p. 152), discute-se a posição social da mulher enquanto chefe no mercado de trabalho, mostrando que nesse espaço ela é vista como chata. O trecho “é uma unanimidade, quase um pleonasmo” expressa que não são algumas pessoas que a consideram assim, mas a maioria dos que participaram do fórum citado no texto. Essa construção discursiva da chefe chata está ligada à sua postura exigente e reforça a ideia de que esse cargo é predominantemente masculino, fazendo alusão a um discurso que afirma que a mulher não sabe e não serve para ser chefe, devido à construção histórica do seu papel na sociedade.

As mulheres enfrentam maiores barreiras aos papéis esperados do líder nas organizações do que os homens. É muito comum encontrar mulheres que avançam na hierarquia da organização e ainda enfrentam desconfiança em relação à sua competência e desempenho, sendo, assim, desvalorizadas. Isso significa que, em avaliações de líderes, ser mulher pode representar um aspecto negativo *per se* (POWEL *et al*, 2008 *apud* LIMA, 2009, p. 61).

A autora faz uma crítica sobre esses dizeres em relação à posição de chefia e afirma que “em matéria de chefias implicantes, irritantes e às vezes aviltante” existem chefes e chefas insuportáveis. Assim, considera-se que a questão da chefia desagradável está ligada a homens e mulheres; já no trecho “no entanto, como muitos atributos que teimam em grudar nas mulheres, o estigma de tendermos a um comportamento mais despótico do que os homens parece fazer parte do histórico ou do DNA profissional feminino”, a conjunção “no entanto”

coloca em evidência o fato de que, apesar de existirem tanto homens como mulheres chatas em posição de chefia, essa característica é muito mais comum para mulheres, o que indica um estranhamento em relação à mulher estar ocupando essa posição, como se, para ocupá-la, a mulher tivesse que ser ainda mais chata do que o homem, como se o fato de ser déspota fosse uma característica natural da mulher em posição de chefia.

O enunciador do texto chama a atenção para os dizeres recorrentes sobre a mulher em posição de liderança no mercado de trabalho, os quais relacionam a mulher chefe como “chata”, “exigente”, “autoritária” e “tirana”. Ao remeter essas características às mulheres em posição de comando, alguns já-ditos são retomados, como aquele que indica que o trabalho fora de casa masculiniza a mulher ou que somente a mulher que não é feminina pode ocupar posição de liderança. Esses já-ditos fazem um contraponto com o que se construiu historicamente como imagem feminina: sexo frágil e sensível. Sobre essas características e sua construção, Lima (2009) aponta que:

a mulher é estereotipada como um ser guiado por seus sentimentos e intuições e o homem é estereotipado por ser mais agressivo e racional. Nesta percepção de realidade, a mulher, para ter ascensão no emprego tem que assumir uma postura considerada “masculina” como forma de mostrar autoridade e adquirir o respeito dos subordinados. Para ser respeitada, tem que pensar, agir e trabalhar “como homem”. Porém, não pode deixar de ter uma postura “feminina”, de docilidade e delicadeza (LIMA, 2009, p. 59).

Embora a mulher, nos dias atuais, ocupe diversos cargos no mercado de trabalho, é possível notar que os diferentes lugares dos seguimentos do mercado ainda são, de certa forma, ligados à esfera doméstica, e, quando a posição ocupada pela mulher foge desse espaço, a mulher é vista como masculinizada. Na sequência discursiva “Assim como a gestão intuitiva e passional *versus* a objetividade fria masculina, não há nenhum estudo científico que comprove que as mulheres de fato são mais sensíveis, democráticas, inclusivas ou...chatas” nota-se que a gestão feminina é relacionada ao irracional, que age mais por intuições do que por razões lógicas, retomando já-ditos sobre a mulher, enquanto incapazes intelectualmente, e colocando a figura masculina como a ideal para assumir uma posição de gestor. O enunciador explica ainda que o perfil profissional feminino não vai de um extremo a outro, como está no imaginário coletivo. Não é traçado pela feminilidade, como querem muitas empresas que pretendem adquirir uma coadjuvante que promova a cordialidade e trabalhe em colaboração com os funcionários, pois imagina-se que essas características são natas nas mulheres; tampouco é composto pela aquisição de características masculinas, como seriedade, exigência e rigidez, que

favoreçam o estabelecimento de hierarquia e respeito. Sobre o que se espera, geralmente, em algumas empresas que prezam pela perpetuação de caracteres da feminilidade, Abramo (2007) explica:

A diferença de sexos está presente no discurso empresarial como um critério para hierarquizar e valorizar os trabalhos. Isso explica porque muitas das habilidades e atitudes atribuídas às mulheres, que seguramente são muito importantes para garantir a qualidade dos produtos e serviços, assim como a eficiência e a produtividade das empresas, não se caracterizam como qualificações profissionais, mas sim como atributos pessoais *naturais*, sejam eles físicos ou psicológicos (ABRAMO, 2007, p. 82).

Para a AD, o indivíduo torna-se sujeito ao passar pela interpelação ideológica. É ela que permite pensar de uma determinada forma, possibilita filiar-se a determinados grupos e assumir posições discursivas. Esse sujeito ilude-se acreditando ser a origem do dizer, porém ele está tomado por marcas do social, do histórico e do ideológico. Desse modo, o sujeito enunciativo do texto relata que não há um estudo científico que comprove a diferença entre os gêneros no que diz respeito a sensibilidade e outras características atribuídas especificamente à mulher; para tanto, o que há é uma construção sócio-histórica e ideológica que a marcou assim.

Figura 18 - Empresas serão beneficiadas com mulheres no comando



Fonte: Revista *Claudia*, 2011, p. 162

A revista *Claudia* não possui um cunho executivo, mesmo assim encontramos textos que abordam a mulher em posição de chefia no mercado de trabalho, nos quais procuramos observar os deslizes, os escapes. Considera-se que a ocorrência dos assuntos no período estudado não foi extensa, mas já significativa para análise, segundo a teoria em questão.

Esse texto faz parte de uma reportagem que mostra como está o perfil da mulher no mercado de trabalho e quais mudanças urgentes precisam ocorrer para equilibrar o papel feminino nesse local, bem como promover a igualdade salarial. O texto mostra que, com mais mulheres na liderança, as empresas se beneficiarão. Essa afirmação pode ser feita porque em algum momento histórico o contrário dela era a verdade predominante. Lembremos, agora, o que se entende por interdiscurso na AD. Ele é considerado o todo “complexo com dominante de formações discursivas”, assim, tudo o que já foi falado sobre alguma temática fica armazenado no interdiscurso e, através da memória discursiva, é retomado em outro momento sob a forma de já-ditos, reproduzindo o dizer da mesma forma anterior ou a ele se contrapondo. Orlandi (2015) afirma que esse trabalho parte da ação da paráfrase e da polissemia, assim:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco (ORLANDI, 2015, p. 34).

A sequência discursiva “as empresas ganharão com mais mulheres no comando, pois terão olhares masculinos e femininos sobre um mesmo problema, o que melhora a produtividade e eficiência” mostra a polissemia de sentidos sobre esse tema, pois, em outro tempo, já ecoaram discursos sobre a mulher não ser propícia para atuar em empresas, muito menos em áreas de liderança, com a justificativa de que elas não sabiam mandar. O fato é que contratar mais mulheres como chefes contribuirá para um cenário mais favorável a outras mulheres conseguirem conquistar vagas no mercado de trabalho, pois a visão sobre esse público será diferente da visão de um chefe. Afirma-se que as empresas serão beneficiadas por olhares masculinos e femininos sobre a mesma questão, há uma tentativa de convencimento pelo viés das vantagens para as empresas que têm dúvida, e mostram-se exemplos de empresas que foram bem-sucedidas com a mudança. A respeito da contratação de lideranças femininas ou masculinas, Abramo (2007) constata que:

A disposição de investimento dos empresários nos seus recursos humanos é desigual conforme o gênero e está fortemente influenciada pelo que pensam os empresários sobre homens e mulheres trabalhadoras: seu valor, sua “utilidade” para a empresa, seu potencial, suas limitações e, a partir dessas percepções, pela avaliação da medida em que esses trabalhadores e trabalhadoras constituem recursos humanos nos quais vale a pena investir, ou não, e em qual proporção. Nesse sentido, as imagens de gênero guardam uma relação importante com as políticas de recrutamento, demissão, treinamento,

remuneração e promoção dirigidas diferenciadamente a homens e mulheres (ABRAMO, 2007, p. 60).

Em resumo, apesar de a revista não ter um cunho empresarial, houve ocorrências de publicações em que as mulheres foram colocadas nessa posição, nas quais são mostrados os benefícios que essa mudança trará às empresas. Destacamos que se é preciso justificar a presença de uma liderança feminina é porque discursos outros não positivavam essa configuração.

5.7 COMPARAÇÃO ENTRE AS REVISTAS *JORNAL DAS MOÇAS* E *CLAUDIA*

A partir das categorias selecionadas e dos textos estudados, foi possível perceber que a revista *Jornal das Moças* limita o papel feminino ao cuidado com o lar, os filhos e o esposo, ou o discursiviza em profissões ditas femininas para a época. Através das publicações, ela orienta a respeito de normas de conduta, forma gostos e opiniões e aconselha sobre os mais diversos assuntos relacionados ao lar, ensinando a ser uma boa mãe, boa cozinheira, a cuidar da casa e dos filhos. Com relação à discursivização da mulher no trabalho, observou-se a grande incidência da representação feminina como professora, enfermeira, secretária, costureira, telefonista, sempre mostrando que, nessas profissões, a mulher pode atuar, pois nelas a feminilidade e outros traços considerados comuns à mulher são valorizados. Há também grande preocupação da revista em mostrar os efeitos negativos que surgem para a mãe que trabalha fora de casa quanto ao cuidado com os filhos, marcando para as leitoras que o melhor a se fazer é continuar com os tradicionais papéis, pois isso contribui para que a família permaneça estabilizada, e o casamento não seja desfeito. Em *Jornal das Moças*, não há preocupação em colocar a mulher a par do que acontece fora do lar. Ela é informada na direção do que a sociedade pretende para ela; poucas vezes o mundo exterior é mostrado.

Já na revista *Claudia*, a abordagem é diferente, uma vez que são mostrados vários lados de um mesmo tema em edições diferentes da revista, e cabe à leitora concordar com o que é mais coerente com sua visão de mundo. De acordo com o que observamos nessa revista, há uma forte tendência em tensionar maternidade e trabalho. Em alguns momentos, a maternidade é colocada para a mulher como prioridade em relação ao trabalho e à carreira, induzindo-a a fazer uma escolha entre uma das atividades; ou, em outros momentos, é mostrado que as mães que optam pela carreira são as responsáveis por otimizar o pouco tempo de que dispõem para o filho e criar estratégias para os momentos que ele passar em sua ausência. Um fato que chama

a atenção é que, mesmo estando no século XXI, no qual grandes transformações já ocorreram na sociedade, a revista ainda discursiviza os pais em um papel distante do cuidado com os filhos, já que não são colocados como coadjuvantes na vida dos mesmos, comportando-se como alheios ao dia a dia das crianças. A ideia de cuidado com os filhos é ligada exclusivamente à mulher nas reportagens analisadas. Outro ponto importante mostrado na revista são os desafios da mulher na carreira, tanto do ponto de vista salarial quanto da ascensão a cargos de liderança. É notável nas publicações a preocupação com a luta e com a promoção na carreira acompanhada de aumento salarial. A revista convoca as mulheres para participarem dos embates pela igualdade salarial. Sabendo que tudo o que a mulher conquistou ao longo dos anos partiu de lutas intensas, *Claudia* relata os trâmites que ocorrem no congresso com relação às leis importantes para as mulheres, tal como fez com a lei que pretendia multar os empresários em casos de pagamentos inferiores aos homens ocupando a mesma função. Assim, as mulheres ficam a par do que ocorre a sua volta, aprendem sobre política, ficam atentas a quais representantes elegerem para que sejam efetivamente representadas no congresso e consigam melhores condições de vida para as futuras gerações. Vemos, então, que essa mulher já ocupa os espaços sociais, já saiu do lar, mas não de forma total, pois ainda continua presa a seus antigos papéis.

A revista aponta ainda o quão atrasados estamos com relação a outros países a respeito de mulheres que ocupam cadeiras de liderança nas empresas. Há muito resquício de dizeres impeditivos à promoção de carreira da mulher, pelos mais diversos motivos. Sobre isso, a revista informa que é necessário que haja essa mudança, pois isso será importante para elas e para as empresas – para a mulher porque, com uma representante do gênero feminino no comando, reivindicações como igualdade de salário serão atendidas com mais facilidade; e para a empresa porque o olhar de gêneros variados sobre os assuntos a serem resolvidos dará maiores possibilidades de se chegar a um acordo benéfico para a empresa, após discussão bem aproveitada. Como foi apresentado na análise, a revista traz o panorama de como a mulher que ocupa posição de chefia é vista pelos seus subordinados, e o que foi recorrente é a imagem da chefe como chata e exigente. Esse perfil faz analogia com o que comumente se vê no perfil masculino enquanto chefe e que a mulher tenta imitar para ser respeitada como tal, pois erroneamente se espalhou a tendência de que a mulher precisa agir como o homem para conseguir prestígio, ser valorada e adquirir respeito em certas funções.

Como se pode ver, comparando as duas revistas voltadas ao público feminino em um quartel de tempo de mais de 60 anos de diferença, foi possível observar mudanças no teor das publicações, mas ainda há dizeres da revista *Claudia* que remetem à outra revista estudada, da

década de 50. Dessa forma, a interdiscursividade é recorrente, pois discursos que circulam no século XXI retomam dizeres do século XX principalmente sobre obrigação exclusiva da mulher com a casa e os filhos e sobre apenas homens ocuparem posições de chefia.

Assim, constatamos que, conforme a AD, os sentidos de um discurso não estão no texto, não é necessário ultrapassarmos a barreira textual para buscarmos um sentido do outro lado, antes sabemos que o sentido está no social. Os sentidos não se iniciam no momento do discurso, mas são retomados a partir da inscrição do sujeito em determinadas FDs.

Para melhor visualização, segue um quadro comparativo que resume o que é discursivizado nas duas revistas:

Quadro 8 - Comparação entre as revistas *Jornal das Moças* e *Claudia*

DISCURSIVIZAÇÃO DA REVISTA	JORNAL DAS MOÇAS	CLAUDIA
Com relação ao trabalho	Trabalho no lar: cuidado com a casa, com filhos e esposo.	Trabalho dentro e fora do lar.
Acerca dos temas das publicações	Ensina normas de conduta, forma gostos e opiniões e aconselha sobre os mais diversos assuntos relacionados ao lar.	Publica informações sobre os mais variados temas: política, setor empresarial, empregos e também assuntos ligados ao lar.
Sobre profissões	Profissões femininas: professora, enfermeira, secretária, costureira, telefonista...	Profissões variadas: engenheiras, médicas, chefes, empreendedoras, carreira política...
Com relação a maternidade	Mostra os problemas que surgem para a mãe que trabalha fora de casa quanto ao cuidado com os filhos e quanto ao casamento.	Discursiviza a tensão entre maternidade e trabalho.
Com relação ao mundo fora do lar	Não coloca a mulher a par do que acontece fora do lar.	Mostra e incentiva discussões sobre igualdade de salário e de cargos e outros temas ligados à vida fora do lar.

Fonte: Azevêdo, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados obtidos por meio deste trabalho, pudemos traçar algumas considerações para finalizá-lo, sabendo que esse tema não foi esgotado com esse *corpus* e nem houve a pretensão de fazê-lo. Ao contrário, as discussões aqui apresentadas abrem uma porta para a necessidade de se debater ainda mais sobre mulher e trabalho.

A análise em AD permite que se olhe para o objeto em estudo em busca dos não ditos, do silenciado, do que significa por estar ligado a uma ideologia que interpela o sujeito. Essa pesquisa nos permitiu verificar como as revistas atuam na difusão da ideologia sobre o perfil do trabalho feminino na sociedade. Elas são responsáveis por propagarem discursos que são recebidos pelas pessoas como verdade única e, assim, constroem a opinião e unificam o imaginário social a respeito das mais diversas temáticas, tal como fazem com relação à mulher e ao trabalho.

Constatamos através desta pesquisa que a imagem que a revista *Jornal das Moças* faz do público feminino é que ora a mulher é associada àquela que sabe seu lugar e seu dever na sociedade, atrelado ao ambiente doméstico, nas ocupações de cozinheira, esposa, mãe e dona de casa, ora é aquela que pode trabalhar em alguns lugares, exercendo profissões consideradas femininas, que não a masculinizem, que valorizem sua feminilidade e que não exija muito da sua capacidade física e mental, já que, no período de publicação dessa revista, elas ainda eram consideradas inferiores intelectualmente, isso ocorria devido aos já ditos sobre elas nas mais diversas épocas.

Pudemos constatar ainda que a revista *Claudia* aborda um novo perfil feminino, que já ocupa diversas profissões no mercado de trabalho, no entanto ainda é recorrente a falta de divisão de tarefas no lar, cabendo somente à mulher cuidar de todas as atividades domésticas e educar os filhos. A tendência da revista é mostrar que, mesmo trabalhando fora do lar, cabe à mulher dar conta das suas tradicionais tarefas. Assim, seus papéis na sociedade são ampliados, e agora a mulher precisa ser uma boa profissional da sua área, mas também, como antes, deve ser boa mãe, boa dona de casa e boa esposa.

Notamos que o discurso da revista *Claudia* possui uma interdiscursividade com relação à *Jornal das Moças*, pois dizeres sobre a mulher enquanto responsável única pelo bom andamento da família são retomados, a importância da sua renda é questionada de forma que ainda não há uma equidade de salários entre os gêneros e há uma aversão à mulher que ocupa

cargos de liderança, o que ocorre agora no século XXI é que esses discursos aparecem reformulados, mas não deixam de trazer marcas dos já ditos na década de 50 do século XX.

Assim, podemos afirmar que analisar a construção do trabalho feminino e sua discursivização em revistas nos leva a fazer um contraponto com a história e com a sociedade, pelo que percebemos que ora a mídia impressa age mostrando a realidade social, ora a camufla, a fim de dar uma nova visão sobre o real. Isso só pode acontecer pelo trabalho da ideologia que, como vimos no decorrer desta pesquisa, interpela o indivíduo em sujeito e faz com que os discursos gerem sentidos diferentes para os diversos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** 2007. 328 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.
- ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das Moças: Leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)** 2008. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2008.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.
- AZEVEDO, Lílian Henrique de. **A construção da nova mulher nas revistas Querida e Claudia** (décadas de 1960 e 1970) 2009. 215f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista de Assis, Assis. 2009
- BARACUHY, Regina Maria. **Análise do Discurso e Mídia**: nas trilhas da identidade nordestina. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-131.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.
- BASEGGIO, Julia Knapp; SILVA, Lisa Fernanda Meyer da. As condições femininas no Brasil Colonial. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 3, n. 1, p. 19-30, 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad.: Sergio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2. v.
- BRANDÃO, Helena H. Nganime. **Introdução à análise do discurso**. 5. ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad.: Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUITONI, Dulcília S. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad.: Angela M. S Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

FUCS, Gilda Bacal. **Homem-mulher: encontros e desencontros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 11-25, nov. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/105/106>>. Acesso em: 25 set. 2017.

HABNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

HEINE, Palmira. **Tramas e temas em análise do discurso**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

INDURSKY, Freda. Memória, interdiscurso: limites e contrastes. In: IV Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso, 4., 2009, Vitória da Conquista. **Anais...** Vitória da Conquista: UESB, 2009.

_____. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso – SEAD, 2., Porto Alegre, 2005. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005. p.1-11.

LIMA, Gustavo Simão. **Os desafios da carreira da mulher executiva no Brasil**. 2009. 125f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. Mídia, Memória e Identidade. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, Sírio. (Orgs.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

_____. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: NAVARRO, Pedro (Org). **Estudos do Texto e do Discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, Nilton; GASPAR, Nádea Regina. (Orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Fontes, 2011.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.:Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento.** 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine A. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad.: Péricles Cunha. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

PEDRO, Joana Maria. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2017.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das Mulheres.** Trad.: Angela M.S Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2016.

_____. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Mulheres dos anos dourados.** São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, FERNANDA; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2005.

RAGO, Margareth.. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

REVISTA *Jornal das Moças*, Edição 02026, fev. 1958.

REVISTA *Jornal das Moças*, Edição 02259, out. 1958.

REVISTA *Jornal das Moças*, Edição 02027, abr. 1954.

REVISTA *Jornal das Moças*, Edição 01858, jan. 1951.

REVISTA *Jornal das Moças*, Edição 02204, set. 1957.

REVISTA *Jornal das Moças*, Edição 02272, jan. 1959.

REVISTA *Jornal das Moças*, Edição 02064, jan. 1955.

REVISTA *Jornal das Moças*, Edição 02065, jan. 1955.

REVISTA *Claudia*, Edição ilegível, jan. 2010.

REVISTA *Claudia*, Edição 608, mai. 2012.

REVISTA *Claudia*, Edição ilegível, nov. 2011.

REVISTA *Claudia*, Edição 609, jun. 2012.

REVISTA *Claudia*, Edição ilegível, jan. 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

SILVA, Jackeline Azevedo. **A construção discursiva da mulher no mercado de trabalho a partir da revista *Exame***. 2018. 139f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

SILVA, Letícia Ferreira da; CASTILHO, Maria Augusta de. Brasil colonial: as mulheres e o imaginário social. **Cordis. Mulheres na história**, São Paulo, n. 12, p. 257-279, jan./jun. 2014.

SOIBET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

ANEXOS

ASSEGURE O SEU FUTURO ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

PORTUGUÊS - INGLÊS - SECRETÁRIO AUXILIAR E CAIXA - CORRESPONDENTE ESTENO-DATILOGRAFIA

Realize a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida em toda parte, é dirigida pela lei biológica: vence o mais forte. Seja

um débil, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. **UMA NOVA VIDA ABRE-SE À SUA FRENTE.** Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

CONTABILIDADE

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de contabilistas realmente competentes. V. S. poderá facilmente chegar a um destes postos almejados. Nós lhe proporcionaremos o preparo necessário pois, além de um estudo teórico-prático

profundo, **CADA ALUNO FAZ A ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.** Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados e realizará o sonho de uma vida brilhante.

DESENHO ARQUITETÔNICO - DESENHO MECÂNICO DESENHO ARTÍSTICO

Inclui-se desenho comercial e publicitário

Conte na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. **UM FUTURO BRILHANTE** aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajuda-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CORTE E COSTURA BORDADO E TRICÔ

Centenas e centenas de moças e senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rápido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes **VIRÁ V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA,** perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajas de casamento, lingerie fina, vestidas para esporte etc. etc.

RÁDIO E TELEVISÃO ELETRICIDADE

São incontáveis e maravilhosas as oportunidades que se oferecem aos técnicos especializados. V. S. pode ser um débil e desfrutar de **UMA POSIÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA INEGUALÁVEL,** ocupando os cargos de maior destaque e ganhando ordenados verdadeiramente excepcionais. Tudo isso está ao seu alcance. Não perca tempo! Ajuste sua personalidade e torne-se um homem independente.

...EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS. FELIZES E TRIUNFANTES...



Já estou ganhando dinheiro com a minha nova profissão e todas elogiam a perfeição do meu trabalho.
Maria C. de Almeida
ITA, SP - Est. de Minas Gerais



Gracias ao Instituto Universal Brasileiro sou gerente de uma **Firma Construtora** desta cidade e meu ordenado mensal corresponde **três** ou **mais vezes** a importância que pagarei por **toda** minha **Curso de Contabilidade**.
Antonio R. Pereira
DISTRITO FEDERAL



O meu estudo de Corte e Costura é o único que poderia tornar-me o **EMPREGADO EM CRUPICINAS DE RESTAURANTES** PERNAMBUCO aqui no Distrito Federal. Graças ao meu Instituto, hoje tenho 10 alunos e habilitado para todos os peços.
Antonio R. Pereira
DISTRITO FEDERAL



Eu sou lavador e hoje, graças aos estudos por correspondência do Instituto Universal Brasileiro Ltda., estou ganhando um bom dinheiro como **avaliador da Escadaria**.
Alberto G. Sanchez
MURUTINGA - Est. de S. Paulo



Desenho de aluno nosso Sr. **ULYSSES J. MARTINS** Juizal - Est. de S. Paulo



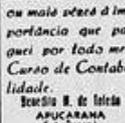
Um curso por correspondência é tão ou mais eficiente que um curso dado pessoalmente. As explicações são simples e muito claras, não dando margem a dúvidas e permitindo que alguns tenham um perfeito conhecimento da matéria.
Maria C. M. de Souza
LAVRAS - Est. de Minas Gerais



Através do vosso Ensino por Correspondência adquiri preciosos conhecimentos. **A isto é o que se pode dizer, sem faltar a verdade: aprender muito em pouco tempo e sem grande dispêndio monetário.**
José A. Lora Cabral
BRAGA - Portugal



Acabo de empregar-me como desenhista de máquinas no Departamento Regional do SENAI, de Porto Alegre, Divisão Técnica, Projetos e Engenharia, graças aos maravilhosos e eficientes ensinamentos que recebi desse Instituto.
Ary Alex Nodens
PORTO ALEGRE - Est. de R. G. do Sul



Gracias ao Instituto Universal Brasileiro sou gerente de uma **Firma Construtora** desta cidade e meu ordenado mensal corresponde **três** ou **mais vezes** a importância que pagarei por **toda** minha **Curso de Contabilidade**.
Benedita G. Marinho
IPURUBA - Est. de Minas



Hoje sou militar e faço uso da profissão de "contabilidade" no meu trabalho. Este curso não só me ensinou a trabalhar como também me ensinou a trabalhar de maneira eficiente.
Carmelo F. da Silva
PETROPOLIS - Est. do Rio



Estou contente com o estudo que recebi. **Assacuráveis** que é o sistema ideal para o estudante de boa vontade.
Clementina P. Faleiros
ABARUVA - Paraná



Já arrumei uma colocação em um escritório Comercial e estou recuperando o dinheiro empregado em meus estudos.
Gerardo Catto
TITÊ - Est. de S. Paulo



Antes de realizar o Curso de Desenho, tinha dificuldades no desempenho de minha profissão de **torcedor mecânico**. Hoje executo com precisão, qualquer peça na profissão.
José Alves Pereira
IBRANCA - Est. de S. Paulo

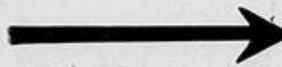


Gracias ao Instituto Universal Brasileiro, estou bem colocado com ótimo ordenado.
João Nóbrega Costa
CAMPOS GERAIS - Est. de Minas



Fizestes maravilhas. Através de vosso ensino por correspondência pude obter a minha habilitação para exercer a profissão de **secretário de Agricultura "INCO"**.
Mario Balico
CNAPECO - Est. de São Catarina

não perca tempo
e mande-nos
HOJE
o coupon ao lado



INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO 1806
CAIXA POSTAL 5058 - SÃO PAULO
Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me **GRATIS** o folheto completo sobre o curso de _____ por correspondência
(indicar o curso desejado)

NOME _____
RUA _____ N. _____
CIDADE _____ ESTADO _____

ASSEGURE O SEU FUTURO

ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

PORTUGUÊS - INGLÊS - SECRETÁRIO AUXILIAR E CAIXA - CORRESPONDENTE ESTENO-DATILOGRAFIA

Realize a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida em toda parte, é dirigida pela lei biológica: vence o mais forte. Seja

um débil, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. **UMA NOVA VIDA ABRE-SE À SUA FRENTE.** Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

CONTABILIDADE

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de contabilistas realmente competentes. V. S. poderá facilmente chegar a um destes postos almejados. Nós lhe proporcionaremos o preparo necessário pois, além de um estudo teórico-prático

profundo, CADA ALUNO FAZ A ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL. Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados e realizará o sonho de uma vida brilhante.

DESENHO ARQUITETÔNICO - DESENHO MECÂNICO DESENHO ARTÍSTICO

Interesse desenhos comerciais e publicitários

Conte na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. **UM FUTURO BRILHANTE** aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajuda-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CORTE E COSTURA BORDADO E TRICÔ

Centenas e centenas de moças e senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rápido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes **VIRA V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA**, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc

RÁDIO E TELEVISÃO ELETRICIDADE

São incontáveis e maravilhosas as oportunidades que se oferecem aos técnicos especializados. V. S. pode ser um débil e **desfrutar de UMA POSIÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA INEGUALÁVEL**, ocupando os cargos de maior destaque e ganhando ordenados verdadeiramente excepcionais. Tudo isso está ao seu alcance. Não perca tempo! **Alme sua personalidade e torne-se um homem independente.**

Curso preparatório para donas de casa

**PESAM MAIS AS CRIANÇAS HOJE — INSISTE EM VIVER NA
PRISÃO COM O MARIDO — TUDO ISTO ACONTECEU NA ITÁLIA**

Quando u'a moça se casa, seu marido espera, naturalmente, que ela seja, no lar, uma verdadeira esposa-modélo, pronta para cumprir tôdas as tarefas caseiras. Mas, acontece que, nem sempre, apesar de tôda a sua boa vontade, pode a moça aguentar o péso de tantas responsabilidades e o duro trabalho que lhe cai sobre os ombros passa a ser um problema. A questão é muito importante e não somente os recém-casados se preocupam com êle, mas também os pedagogos especialistas têm estudado profundamente o caso e com tôda a seriedade as razões das numerosas falhas entre as mulheres casadinhas de novo.

O Conselho Alemão para a Educação, estudando o assunto, determinou três das principais causas que provocam essas falhas:

1.º — as mulheres que, na sua profissão estão acostumadas ao trabalho independente e são obrigadas, no escritório ou na fábrica, a trabalhar duro, sentem-se, inesperadamente, quando em casa, diante de um vácuo;

2.º — a educação, em casa dos pais e nas escolas secundárias, ginásios ou liceus, deixa a uma longa distância a educação das jovens para as tarefas de donas de casa e de mães;

3.º — a mecanização dos trabalhos em casa, trouxe muitas facilidades para as donas de casa, porém, ao mesmo tempo, retirou do trabalho doméstico muito do sentimento pessoal que êle trazia e a satisfação da tarefa executadas que ela proporcionava.

Na base dessas conclusões, o Conselho Alemão para a Educação propôs às diversas escolas femininas, a introdução de cursos preparatórios que, pelo menos, possam preparar as mulheres para as tarefas que não somente exigem esforço físico, mas também intelectual.

PESAM MAIS AS CRIANÇAS HOJE

O professor A. B. Sempé, chefe do Serviço Médico Escolar da cidade de Liverpool, na Inglaterra, declarou, à base de pesquisas, recentemente, realizadas, que as crianças de hoje são mais pesadas do que as do início do século.

Disse êle que, atualmente, os meninos de 12 anos possuem péso em média de 38,6 quilos, ou seja, 8,6 quilos mais do que os pais, na mesma idade.

O péso médio das moças é, hoje em dia, de 40 quilos, na idade de 22 anos.

Pesquisando os arquivos da escola, o professor prova que, em 1911, o péso médio das meninas, nessa idade, era de 32 quilos, ou seja, 8 quilos menos.

Esse cientista diz que devemos estar satisfeitos que hoje quando se fazem tantos regimes de emagrecimento, pelo menos as crianças ainda continuam a comer sem preocupações...

INSISTE EM VIVER NA PRISÃO COM O MARIDO

Os dirigentes da cidade de Lueneburg, na Alemanha Ocidental, têm um difícil problema a resolver: um dia, na prisão dessa cidade, apresentou-se

uma jovem com permissão judicial para casar-se com um tal de Schultz, que ali cumpria pena de 4 anos de reclusão. O casamento foi celebrado no civil e no religioso e, a partir desse instante, a sra. Schultz negou-se, terminantemente, a deixar o marido. Exige ela, categoricamente, a execução, ao pé da letra, da Constituição da Alemanha Ocidental, que garante a cada cidadão da República condições de vida em comum...

Ela se acha com direito a essa vida em comum, de um lado; mas, de outro lado, o marido precisa ficar 4 anos na prisão. A sra. Schultz, que já foi convidada pelo promotor público e conselheiro a deixar o local, não quis ceder. Para ela, quatro anos é muito tempo e não aceita uma tão longa separação de seu querido. E alega: "Vocês me casaram aqui, e agora o problema é de vocês"...

A situação chegou a tal ponto, que se estuda a possibilidade de dar "férias" ao marido, por alguns meses, para montar um lar, mas de outro lado, provocará isso protestos dos outros prisioneiros, também casados. A sra. Schultz não insiste na volta do marido: o que ela quer é simplesmente viver com êle na mesma cela, o que provocaria uma onda dos demais detentos e a prisão ficaria, desse modo, cheia de mulheres...

Os jornais de Lueneburg são de opinião que a questão será ganha pela mulher, uma vez que a constituição está a seu lado e isso já é um argumento.

LEMBRETE AS NOIVAS

Para ser uma esposa cem por cento

Você deve conhecer um pouco de cozinha

A FELICIDADE CONJUGAL PODE SER CONQUISTADA DE MIL E UM MODOS — A OPINIÃO DE UM JUIZ E A DE UM MÉDICO — “UM FIO DE CABELO NA SÓPA ABORRECE MUITO: AINDA QUE SEJA A MULHER AMADA...”

A FELICIDADE conjugal pode ser conquistada de mil e umas formas, a julgar pelo que dizem os entendidos, através de testes, estatísticos e pontos-de-vista constantemente divulgados pelos jornais e revistas, em tôdas as partes do mundo. E entre tudo o que até hoje já lemos, podemos considerar cômodas, mas acertadas, duas opiniões colhidas ao acaso, diante da obrigação que uma jornalista tem, de lêr diariamente tudo o que lhe caia às mãos, notadamente se se tratar de assunto ligado à mulher ou a questões femininas. Uma dessas opiniões era atribuída à conhecido juiz que durante longos anos exerceu importante cargo na Vara da Família, na Justiça norte-americana. Especialista que era em questões de divórcio, o magistrado em aprêço falou com autoridade, quando disse que “a felicidade conjugal está nas mãos tanto da mulher como do marido...” A outra opinião era atribuída a um médico francês de não menor reputação: “A felicidade conjugal — frizou êle — tem por base as habilidades da espôsa na cozinha...” Se nos fôsse imposto optar por uma destas duas opiniões, escolheríamos a segunda, partindo do princípio que a mulher conquista o homem pelo coração, mas poderá conservá-lo pelo estômago...

COZINHEIRA ANTES DE ESPOSA

- A nosso vêr, para que haja felicidade conjugal,
- mulher terá de ser cozinheira antes de espôsa. Melhor diríamos “boa cozinheira”, uma vez que de suas habilidades na cozinha depende — levando-se em conta o ponto-de-vista do médico francês —
 - felicidade conjugal. Mas, qual o significado de

ALICE JORDAN — (Exclusividade de IPA para “JORNAL DAS MOÇAS”)

“boa cozinheira” não quer dizer “cozinheira perfeita e completa”, isto é, “de forno e fogão”, como frizam os “grãfinos” nos anúncios que publicam nos jornais, sempre que estão o



procura de alguém que cozinhe para êles e na maioria das vêzes... para os amigos!

FALANDO CLARO

Falando claro, e como lembrete às noivas, dizemos que “boa cozinheira” é a espôsa que procura adivinhar do que o marido gosta e surpreendê-lo todos os dias, com um almôço ou jantar diferente e variado. Mas importante ainda, é procurar ser ordeira e zelosa na cozinha. Antes de mais nada zelosa, se procurar sempre se lembrar desta verdade, atribuída a Wilhelm Bush: “Um fio de cabelo na sôpa aborrece muito: ainda que seja da mulher amada...”

APRESENTANDO OS QUE PRECISAM DORMIR BEM

Formando as gerações de amanhã!

A Sra. **Maria da Cruz Maciel** é uma das milhares de professoras brasileiras. Sua tarefa é ensinar e orientar centenas de colegas - e poucas tarefas serão tão árduas como esta! É grande a sua responsabilidade! É grande, também, é o esforço físico e mental que dispense no trato com seus alunos, em suas aulas diárias.

Mas, a cada novo dia, a Professora Maria da Cruz Maciel precisa apresentar-se à sala de aulas com a mesma jovialidade, disposição e espírito alerta, indispensáveis ao desempenho de sua nobre missão. Seu descanso é importantíssimo. E é por isso que ela repousa em um colchão de molas cientificamente construído -

que sempre lhe proporciona todo conforto necessário para dormir bem! Assim como ela, milhares de pessoas que trocaram seus colchões comuns por colchões de molas, deram a preferência aos Colchões de Molas Divino, de qualidade tradicional, fabricados pela PROBEL - a maior indústria do ramo na América do Sul.

SIGA ÊSTE EXEMPLO — DURMA NUM **DIVINO**



DIVINO "Mola Mágica"

Nenhum outro apresenta tantas qualidades por preço tão reduzido! Dotado da famosa "Mola Mágica" - indeformável e de grande resistência, oferece o máximo conforto!

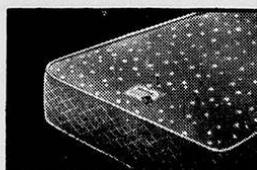
Garantido por 3 anos



DIVINO Super CALOR E FRIO

O mais vendido em todo o Brasil! Com faces especiais para calor e frio. Molas eletronicamente temperadas. Armação de aço super-reforçada. Revestimento de grande resistência.

Garantido por 5 anos



DIVINO de Luxo

— O COLCHÃO DAS ESTRÉLAS

Um legítimo colchão de luxo a preço popular! Com crina animal. Molas travadas com Flex-O-Loc, 100% silencioso. Moldura em fita de aço.

Garantido por 6 anos

● Visite um Revendedor Probet e peça-lhe

Grátis!

um folheto "Por que dormimos?" ou então envie este cupom à Caixa Postal 1.711 - São Paulo, para recebê-lo pelo correio

D-138

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____
ESTADO _____

À venda nas casas do ramo

ARMAÇÕES DE AÇO **PROBEL S. A.**



Pioneira da industrialização do conforto no País

Fábrica: R. Vilela, 307 (Tatuapé) - Tel. 9-0927 (PBX) - Cx. Postal 1.711 • Expos.: Av. Ipiranga, 442 - Esq. R. S. Luís - Tel. 36-5597 - S. Paulo



OPORTUNIDADES PARA MOÇAS DE 17 A 30 ANOS

- Para os serviços da Companhia Telephonica Brasileira estão sendo admitidas moças de 17 a 30 anos de idade, para o cargo de telefonista, afim de preencher algumas vagas. Uma profissão de facil aprendizagem e própria para moças.
- Trabalho interessante, facil de aprender, simples de executar e dirigido por moças.
- Salario de Cr\$ 800,00 desde o início da aprendizagem, mais o descanso semanal remunerado, perfazendo um total de Cr\$ 960,00 mensais.
- Sete e meia horas de trabalho diário pelas quais são pagas 8 horas.
- Restaurante higiênico no local de trabalho e refeição sadia e variada a preço baixo.
- Sala confortável para descanso, com biblioteca, electrola, jogos, etc.

As candidatas devem saber ler, escrever e as 4 operações sôbre números inteiros.

Dirigir-se á rua
Vis. de Inhaúma
N.º 134, 14.º and.
Sala 1402



das 8,30 ás 14,30
horas nos dias
úteis, exceto
aos sabados

Evangelho das Mães

VITAMINA INSUBSTITUIVEL

Palavras de Chela Piver

Em épocas passadas o problema não existia. Vida sem complicações, cada qual sabia qual era seu dever. Durante séculos, milhares e milhares de mulheres cumpriam com sua missão de mãe, deram aluz a seus filhos e criaram-nos com a grandiosa simplicidade própria das mães. Mas os tempos mudaram e novas coisas tumultuaram a vida das pessoas. E eis que com as modernas complicações de toda ordem surge para algumas mães a teoria de que não é necessário que sejam elas mesmas quem se encarreguem da criação de seus bebês.

Verdade é que o ritmo acelerado e diferente com que se vive na atualidade impõe obrigações novas às mulheres, ainda mesmo às casadas. O trabalho fora do lar, as viagens e horários, e demais coisas subsidiárias, incidem em ocasiões na própria vida da família. E nem sempre é o clima doméstico o que melhor convém. Mas, ainda assim, há algo que nenhuma mãe deve esquecer em qualquer momento: é que não há vitamina que substitua o amor maternal.

Um farol que não deverá apagar-se nunca

A antiga imagem da mãe inclinada com amor sobre o berço de seu filho não é um sinal dos outros tempos. Continua tendo hoje o mesmo valor de sempre. Ainda quando muitas coisas variem e outras mudem de nome e côr, há algo que desde o princípio dos séculos continua projetando-se para o futuro. O amor das mães, feito de sacrifício e de

abnegação, é como um farol em tôdas as idades. E isto têm que compreender as mães que preferem atender suas obrigações sociais e a esbelteza de sua silhueta a ocupar-se do filho.

Nem tudo na vida é vaidade e diversão. Há algo infinitamente mais importante que isso... é o sentido da própria responsabilidade frente ao futuro do filho. Nêsse aspecto tudo quanto haja de mãe é pouco.

E' preciso que se não apague o farol.

Corrente afetiva

Estudos recentemente efetuados por especialistas confirmam a teoria de que os bebês criados à mamadeira estão mais expostos a enfermar-se que os criados ao peito. E o índice da mortalidade infantil é mais elevado no primeiro dos casos, como consequência direta do problema inicial. Isto no físico. Porque, no espiritual, ocorre que muitos dos traumas psíquicos na pequena vida de um bebê têm tido por causa êsse desapêgo da mãe aos mil e um cuidados a que tôda criança tem direito. E' que essa comunhão que se estabelece entre mãe e filho, êsse laço de amor que se forma com o mútuo trato e a presença da mãe em tudo que se relaciona com o bebê, forjam a corrente afetiva que dará à criança a sensação de segurança tão necessária a seu desenvolvimento no presente e sua formação no futuro.

Os bebês privados do contato materno têm altos e baixos em seu desenvolvimento mental, e nêsse sentido crescem com o complexo de inferioridade em relação às demais crianças.

dê nova vida
a seus filhos
com **TODDY**



Dê força, vigor, energia e rapidez mental a seus filhos com TODDY, o amigo e protetor das crianças em todo o mundo, durante gerações.

TODDY é o protetor e amigo das crianças.



Quem sabe...
sabe!

CASACOS DE PELES

Oferta exclusiva

DE OTTO
FRIEDBERGER



Casaco de Visonete inglesa 2.200,
Casaco de Lontra Estrela e Charpeas
Saídas de Balé e Bolero 270, e 850,
reformam-se estolas e casacos
consertam e lavam-se
Também facilitamos o pagamento
E atendemos pelo Reembolso

OFICINA DE PELES

Largo de São Francisco, 23
1.º andar - Tel. 43-3998
(Canto da Rua do Teatro)
RIO DE JANEIRO

o Mundo

mistér, dirige a escola local, ensinando as crianças do 1.º ao último ano do curso primário. Sendo mãe, a senhora Schaer sabe empregar, como professôra, em relação aos seus discípulos, os mesmos métodos que emprega na educação dos filhos.

Com isso, ela torna real a idéia de que, a escola, a vida da criança na escola, deve ser a mesma do lar, ou seja, nas horas que o educando passa no estabelecimento de ensino, aprendendo a ler e escrever, êle deve encontrar e sentir as mesmas sensações que lhe são comuns em casa, ao lado da mãe. A senhora Schaer, lidando com seus alunos com a mesma psicologia empregada em relação a seus filhos, faz com que a escola seja uma extensão do lar para os educandos.

M ã E

Finalmente, desempenhando dois cargos de tanta responsabilidade, como secretária Municipal e professôra, a senhora Elisabeth Schaer ainda é mãe, cabendo-lhe cuidar do marido e dois filhos, como as outras mulheres.

Assim, ela tem que, dispondo do mesmo tempo que as outras pessoas, dar conta de três serviços em setores completamente diferentes: secretariar os serviços da Municipalidade, lecionar e cuidar do lar, o que, como é fácil de se imaginar, não é nada fácil. Mas, indica que a senhora Elisabeth Schaer dá conta de todos êsses afazeres. Por outro lado, trata-se, também, de mais uma vitória para o mundo feminino da Suíça, a começar do fato, como foi dito mais acima, de ser ela uma das primeiras mulheres a ocupar um cargo de secretária municipal, no país.



ESTE É UM MODELO DE VITOR TAMPONE. MUITO PRÓPRIO PARA O VERÃO. A SAIA É BEM JUSTA PORÉM UM POUCO COMPRIDA.

CONVÉM CHAMAR A ATENÇÃO DE VÁRIAS LEITORAS PARA UM FATO CURIOSO: SE A SAIA FOR JUSTA ELA NÃO PODE SER CURTA. SE FOR RODADA, BEM LARGA ENTÃO SIM, PODERÃO EN-CURTA-LA. A MULHER DÁ UMA GRANDE DEMONSTRAÇÃO DA SUA FALTA DE GOSTO, DE SUA DESELEGÂNCIA E UMA DESOBEDIÊNCIA AS NORMAS DITADAS PELO BOM SENSO, SE USAR SAIAS CURTAS E APERTADAS. UMA SAIA NESSAS CONDIÇÕES PODE SENTAR - SE DECENTEMENTE?



CLAUDIA
Educador para
crescer



A revolução das mães de amanhã

As mulheres de 20 a 24 anos compõem um grupo muito especial: mais escolarizadas do que suas mães e avós, vão exigir uma educação ainda melhor para os filhos que um dia terão. Sorte do Brasil Paulo de Camargo

Educar para crescer

Aos 23 anos, a paulistana Mariana da Luz Ferreira já concluiu seu bacharelado em turismo e iniciou uma pós-graduação no Senac para se tornar professora de gastronomia. Na linhagem das mulheres da sua família, no quesito escolaridade, Mariana já foi bem mais longe que sua avó e sua mãe. Mas, além dela própria, os filhos que ainda não tem devem colher outros frutos. Embora pense em deixar a maternidade para depois dos 30, já decidiu que só será mãe quando puder pagar a melhor educação para suas futuras crianças – o que inclui o domínio de pelo menos duas línguas e vivências no exterior.

O caso de Mariana não é, felizmente, uma exceção. Há algo de novo e esperançoso na educação brasileira e diz respeito diretamente à condição feminina. Uma revolução na qualidade da aprendizagem de nossas crianças está em gestação, prevista por especialistas para os próximos anos. Esqueça por um momento o imprescindível aprimoramento dos professores, as escolas ou os livros: as mães serão o motor da mudança. Gerações de mulheres cada vez mais escolarizadas estão chegando ao tempo da maternidade, dizem as pesquisas, e isso terá impacto direto e acentuado na educação das futuras gerações. Essas mães vão querer mais da escola, vão cobrar mais – e provavelmente conseguir mais para os filhos.

Poder das mães

Os dados sobre a escolaridade estão em um dos mais completos levantamentos sobre a população brasileira, a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad), realizada anualmente pelo IBGE. Segundo a Pnad 2008, a mais recente divulgada, a taxa das mulheres com idade entre 20 e 24 anos cresceu 39,43% desde 1995. Essas jovens estão prestes a completar dez anos de estudo, em média – mais do que qualquer outro grupo etário pesquisado. Ou seja, ainda falando sobre a média, as mulheres já possuem o ensino fundamental completo e quase concluíram o ensino médio, o que é um feito se considerarmos a história recente do Brasil e as enormes diferenças sociais no país. Como termo de comparação, os homens da mesma faixa etária também tiveram um expressivo ganho,

no mesmo período, mas possuem 9,06 anos de estudo, em média. “Isso representa uma revolução a caminho”, afirma um dos maiores especialistas em avaliação educacional no Brasil, Francisco Soares, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Por que a educação materna é tão importante para a vida escolar dos filhos? “Desde os anos 1980, todas as pesquisas mostram que a escolaridade das mulheres faz muita diferença para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças”, explica Maria Helena Guimarães Castro, ex-secretária da Educação de São Paulo e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp. Sem dúvida, os homens são importantes, mas o papel das mulheres é definitivo. “As mães são a figura adulta de referência preferencial dos filhos. Além disso, quanto mais descem nas escalas socioeconômicas, mais ausentes são os pais. Quanto à participação no acompanhamento escolar e de estudos dos filhos, as mães mostram-se incomparavelmente mais presentes”, corrobora o sociólogo Márcio da Costa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, expert nos fatores que influenciam na qualidade do ensino. Uma tabulação especial para CLAUDIA de uma pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro (braço social do Ibope) revela que 23% dos brasileiros adultos creditam à mãe o estímulo ao gosto pela leitura. Apenas 2,3% apontam o pai como a maior influência.

Os impactos diretos promovidos pelas mães são muitos e se fazem sentir em diversas áreas – a queda da mortalidade infantil, por exemplo. Mães educadas tornam-se mais capazes de prover cuidados básicos para a saúde dos filhos, o que não é pouco: estar alimentado, com a saúde em ordem, é condição essencial de aprendizagem. Mas esse é apenas o plano básico. Além desse fator, explica Maria Helena Guimarães, mães com mais anos de estudo acabam por oferecer um ambiente doméstico mais rico para os filhos. Provavelmente, a criança verá sua mãe valorizando o conhecimento, consultando livros – enfim, terá exemplos caseiros de que a educação faz diferença na vida real do indivíduo.

Um dos *inputs* mais efetivos está no próprio desenvolvimento cognitivo das crianças. Mães com mais tempo de escola ampliam seu universo de referências, têm vocabulário mais amplo e domínio da norma culta, usam

A criança verá sua mãe valorizando o conhecimento, consultando livros – enfim, terá exemplos em casa de que a educação faz, sim, diferença

frases mais complexas e tudo isso faz com que os filhos cheguem à escola mais preparados para uma fase crucial: a alfabetização. Quando se torna uma leitora competente no tempo adequado, a criança está apta para a aprendizagem em todas as áreas, inclusive a matemática. Caso contrário, acumulará defasagens em cascata e verá a vida escolar caminhar aos solavancos. É exatamente o que ocorre hoje. Segundo as últimas avaliações oficiais, apenas 28% das crianças da 4ª série do ensino fundamental atingem os objetivos pedagógicos esperados para sua etapa escolar. Quando chegam à 8ª série, quase 40% dos alunos estão acima da idade adequada, ou seja, sofrem com o atraso escolar. Se, pelo contrário, esse mergulho no mundo da escolaridade regular acontece de forma prazerosa e sem percalços, abre-se um universo de probabilidades de sucesso.

Salto nas faculdades

Os progressos trazidos pela educação das mulheres não se restringem às famílias de baixa renda, mas são mais visíveis nessa faixa. O estudo do Instituto Paulo Montenegro, que avalia também o nível de alfabetização funcional da população, mostra que a faixa etária dos 20 aos 24 anos também é aquela em que se registra o maior salto geracional. “Em relação às mulheres de 40 a 44 anos, a quantidade de jovens de 20 a 24 com domínio pleno da leitura sobe quase 20 pontos percentuais”, anota Ana Lúcia Lima, coordenadora executiva do instituto. Esse dado é coerente com o enorme crescimento do número de concluintes mulheres no ensino superior. Em 2007, segundo o último censo do ensino superior, das 756,7 mil pessoas que concluíram cursos de graduação em todo o país, 452,2 mil (ou quase 60%) eram mulheres. Conforme um levantamento feito pela economista do trabalho Regina Carla Madalozzo, pesquisadora do Instituto Insuper, de São Paulo, o percentual de mulheres de 15 a 19 anos que entraram no ensino superior deu um salto de 207% entre 1995 e 2008. “Qualquer comparação com a história recente da educação mostra um expressivo avanço”, diz Regina. Para a economista, embora também haja ganhos de escolaridade na população masculina, o avanço da educação entre as mulheres tem um impacto diferenciado. “A forma que as mulheres encontraram para conseguir igualdade é estudar mais e aprimorar sua formação para concorrer às mesmas vagas”, afirma. Há 13 anos, por exemplo, apenas 8,94% do total das mulheres de 20 a 24 anos havia chegado ao ensino superior. Hoje, o índice chega a 20,3%. Na

pós-graduação também se registra o crescimento da escolaridade feminina. Um levantamento recente realizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) indicou um crescimento de 12,52% no número de mulheres que obtiveram títulos de mestrado e doutorado entre os anos de 2003 e 2007, o que significou 20,4 mil novas mestres e doutoras em diversas áreas do conhecimento.

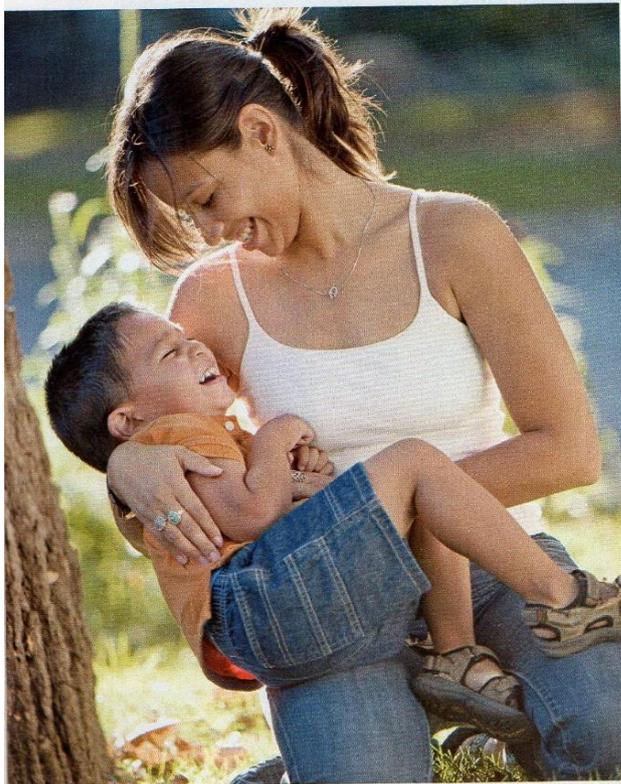
Embora seja de fato um cenário de esperança, nem o mais otimista dos pesquisadores considera que isso, por si só, seja a panaceia da educação. O Brasil ainda tem uma gigantesca lição de casa a fazer, valorizando e formando melhor seus professores, aumentando a infraestrutura das escolas e garantindo ensino de qualidade para todos – e até nesse aspecto a evolução da escolaridade feminina tem um peso, na medida em que cresce a capacidade de conscientização e pressão por mudanças no campo político. “A maior escolaridade leva à tomada de consciência sobre a necessidade de mudanças e aumenta o poder de reivindicação”, confirma Regina. Como alerta Márcio da Costa, da UFRJ, o efeito desse salto esperado será tanto maior quanto melhor for a qualidade do ensino a que as mulheres terão acesso agora. Trata-se de garantir que todos os cidadãos não apenas passem mais anos nos bancos escolares, mas que esse tempo gere de fato mais aprendizagem. Só assim o país estará em condições de participar de um mundo cada vez mais competitivo, no qual a educação é o insumo principal. ☉



www.educarparacrescer.com.br

Dilema de mãe

SUZANA LAKATOS



Sempre brinquei com meu filho de 2 anos ao chegar do trabalho, mas fui promovida e ando esgotada. Explico a ele que tudo mudou?

Há várias formas de lidar com essa situação. O desafio é não se entregar às pressões do dia a dia e fazer escolhas coerentes com seus valores, sentimentos e objetivos. “Existe um jogo de forças no mundo do trabalho que leva a mulher a terceirizar os cuidados com o filho na tentativa de alcançar uma realização que muitas vezes se revela ilusória”, afirma Anderson Cavalcante, especialista em competências humanas e autor do livro *O Que Realmente Importa* (Gente). O mito de que trabalhar além

do horário é sinal de comprometimento, a competitividade extrema e a natural tendência feminina a um elevado grau de autoexigência frequentemente geram um estado de fadiga permanente. É um resultado ruim em qualquer circunstância, mas ainda pior quando se tem um filho pequeno.

“Até os 7 anos, a criança vive um período crítico do desenvolvimento psíquico. O convívio com os pais consolida valores que irá carregar pela vida inteira”, afirma o especialista. É fundamental equilibrar a balança. A criança pequena não fica brava porque a mãe está no trabalho; ela não tolera é que a mãe esteja em casa e não lhe dê atenção. Não significa brincar sem vontade, mesmo porque os pequenos têm um radar para isso. “O jeito é incluir a convivência com seu menino na agenda”, ensina Anderson. Reserve pelo menos duas a três noites na semana, além dos sábados e domingos, para ficar com ele. Demarcar tempo para o filho ajuda a negociar compromissos profissionais sem jogar sempre a família para segundo plano. Explique a situação para seu chefe e disponha-se a realizar parte do trabalho em casa, depois que a criança dormir. “Caso a empresa se mostre inflexível, avalie mudar de área, de emprego ou mesmo retornar à função anterior, ainda que isso tenha um custo.”

Esse, porém, não é o único roteiro que você pode seguir. De acordo com a psicóloga Ceres Alves de Araújo, professora de pós-graduação da PUC-São Paulo e autora de *Pais Que Educam: Uma Aventura Inesquecível* (Gente), a criança dessa idade aceita bem mudanças na rotina. “Cabe à mãe criar estratégias para preencher o tempo em que o filho ficará longe dela”, diz a psicóloga. Um bom começo pode ser matricular seu menino na escola à tarde para ele estar acordado até você chegar. Para ocupá-lo pela manhã, considere um curso de natação ou uma aula de música. Vale ainda programar sessões de brincadeiras com a babá, o pai ou a av . Mas não o deixe a cada dia em um lugar ou com uma pessoa diferente – nessa idade, a criança precisa de referências fixas de cuidado, prote o e amor.

Se priorizar a carreira, caberá a você investir no convívio. Que tal banh -lo quando chega em casa? Ou ler uma história com ele no colo? Enquanto estiverem juntos, desligue-se do trabalho, ignore o telefone, esqueça as tarefas domésticas; depois que o filho dormir, poderá cuidar disso. O esforço vale a pena. “O trabalho materno hoje traz um valor positivo para a autoestima infantil. Os pequenos se ressentem da ausência da mãe, mas, por volta de 7 anos, orgulham-se por ela ser uma profissional bem-sucedida”, garante Ceres. ◻

Você concorda com a opinião dos especialistas? Entre no nosso site e comente. claudia.com.br



CLAUDIA defende
esta causa

Salário igual. ao dos homens, já!

Matamos vários leões, aprendemos tudo, chegamos a todos os postos, abraçamos qualquer carreira ou desafio profissional. Mas o nosso holerite ainda é vergonhosamente menor que o dos homens. Vamos virar esse jogo? É urgente, e você pode ajudar

TRACY PAULINA

154
CLAUDIA | Novembro 2011

REPÚBLICA

Salários iguais

20 países chefiados por mulheres elegem democraticamente seus representantes e somam um Produto Interno Bruto (PIB) de 200 bilhões de dólares. Simples assim: a mulher investe 90% de sua renda na família, enquanto o homem empenha apenas 40%, gastando o resto, em geral, com ele mesmo. Ela estuda, produz melhor e compra mais, investe nos filhos, amplia a casa, influencia as vizinhas, leva a comunidade a cobrar qualidade do serviço público... Não é por outro motivo que “estabelecer a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres” está entre os oito objetivos de desenvolvimento do milênio que os 192 países-membros das Nações Unidas se comprometeram a cumprir até 2015.

Muito estudo, menos grana

Voltando ao Brasil: a distância entre os holerites é um vexame ainda mais estridente nas atividades que exigem escolaridade elevada, faixa em que as mulheres deveriam levar vantagem, já que têm, em média, um ano a mais de estudo que os homens, ocupam 57% das vagas universitárias e também são maioria nos cursos de pós-graduação. Esse grupo qualificado recebe apenas 60% do ganho masculino. “É uma questão cultural: nós somos vistas como ótimas para administrar a pobreza – no Bolsa Família, as beneficiárias são as mulheres, tidas pelo governo federal como honestas e altruístas. Mas a administração da riqueza está fora do que a sociedade espera das mulheres”, observa Hildete de Melo, coordenadora do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero da Universidade Federal Fluminense.

Caminhos para mudar

As mulheres precisam assumir cargos de chefia. Do contrário, vamos comer poeira por mais algumas décadas. Uma forma é a designação de tutores para ajudar funcionárias com perfil de liderança a crescer. “Nos Estados Unidos, consultorias em RH estão fazendo um programa personalizado”, explica Rebeca Tavares. Traçam os objetivos da mulher: algumas querem chegar ao topo, outras desejam conciliar melhor trabalho e vida doméstica e almejam ir até a gerência. Desenhado o perfil, a consultoria

A injustiça

-  Somos 51,3% da população brasileira.
-  Respondemos por 48,8% dos postos de trabalho.
-  Temos 8,8 anos de escolaridade ante 7,7 anos dos homens.
-  Ocupamos 57,12% das vagas nas faculdades.
-  O nosso salário médio é de 1553,44 reais, 83% do que ganha o homem (1876,58 reais).
-  As brasileiras mais escolarizadas ganham ainda menos: 60% do holerite masculino.

prepara um plano de tutoria adequado às aspirações.

O Grupo HSBC adotou esse modelo no Brasil, em 2007, para acelerar a carreira de mulheres com alto potencial e desempenho. O foco era a formação de sucessores. De lá para cá, cada uma das 120 selecionadas ganhou um mentor entre os executivos sêniores. Houve um aumento de 111% de mulheres nas gerências. Só em 2011, o banco registrou um crescimento de mais de 20% nos cargos executivos.

A Dow Brasil, multinacional do setor químico e petroquímico, com 29% de mulheres no quadro, mantém há 11 anos o Women Innovation Network (WIN), grupo de voluntários dos dois sexos que discute o papel delas na corporação e sugere avanços, como a flexibilização de horário e a possibilidade do trabalho remoto, sem que isso atrapalhe a carreira das funcionárias, como explica a diretora Anna Paula Dacar, líder na WIN. A usina hidrelétrica Itaipu Binacional, com apenas 19% de mulheres, conseguiu dobrar, nos últimos sete anos, a força feminina nas gerências, que hoje representa 20% do total.

A Itaipu recebeu o Selo Pró-Equidade, lançado há

Quem mexeu no meu salário?

Por apenas sete dias, o holerite da mulher ficou igual ao do homem. Foi um blefe dos senadores: aprovadíssimo, o projeto voltou à estaca zero antes de Dilma sancionar. Investigamos tudo e contamos quem puxou o tapete PATRÍCIA ZAIDAN

Ao meio-dia de 6 de março, sites de notícia, rádio e TV informavam que o Senado acabava de aprovar o projeto que combate o salário inferior da mulher quando ela tem a mesma função e responsabilidade de um homem. A igualdade já está na Constituição Federal e na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). A novidade era a criação de uma multa ao empregador, em favor da empregada, correspondente a cinco vezes a diferença, em todo o tempo de contratação. Só a pena mudaria o holerite das brasileiras, hoje 28% menor. Sopa no mel: a presidenta Dilma Rousseff sancionaria a lei no retorno da Alemanha – onde se reunia com a chanceler Angela Merkel – e anunciaria com pompa na festa em homenagem às mulheres, dia 13, no Congresso Nacional. Mas a ideia encruou. E à surdina. Nem avisaram o presidente da Câmara, Marco Maia (PT-RS), que celebrou, em discurso na solenidade, a vitória feminina, àquela hora já evaporada. O que ocorreu nesse curto período, ninguém soube. Os fatos se deram assim:

Dia 6 O deputado Marçal Filho (PMDB-MS), às 9h30, gesticulava ao celular apelando aos senadores Eduardo Suplicy (PT-SP), Pedro Simon (PMDB-RS) e a outros dos 19 integrantes da Comissão de Direitos Humanos (CDH), do Senado,

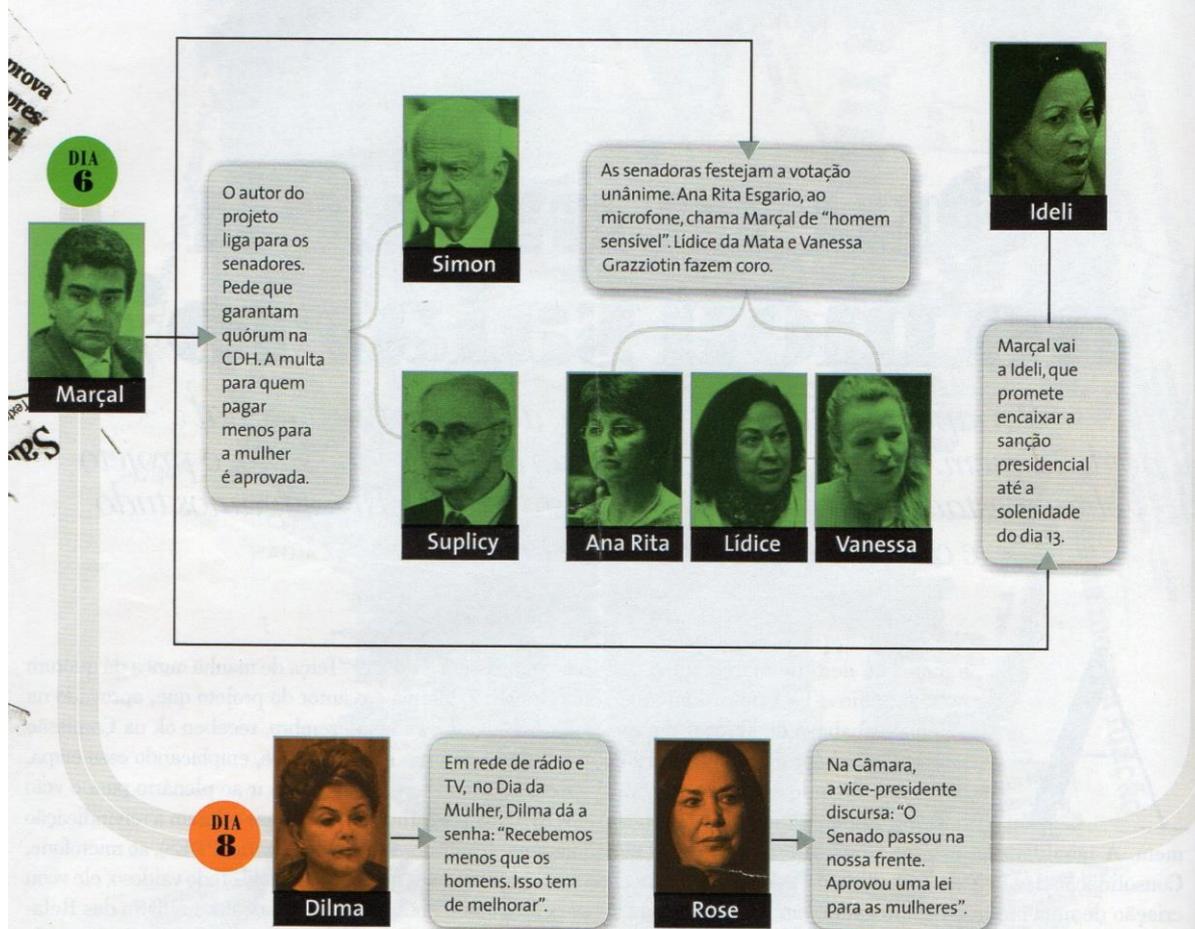
para que fossem à sessão: “Terça de manhã nunca dá quórum em Brasília”. Marçal é o autor do projeto que, aprovado na Câmara, aportou ali em dezembro, recebeu ok na Comissão de Assuntos Sociais em fevereiro e, emplacando essa etapa, ganharia caráter terminativo, sem ir ao plenário para o voto dos 81 senadores. Tudo certo, palmas selaram a reivindicação feminina. A senadora Ana Rita Esgario (PT-ES), ao microfone, chamou o autor de “homem sensível”. Todo vaidoso, ele voou para a Câmara. Soube que Ideli Salvatti, ministra das Relações Institucionais, estava na sessão em memória do deputado Moacir Micheletto, morto dias antes. “A senhora precisa fazer a presidenta assinar logo”, disse. Assim como foi ótimo para Lula sancionar a Lei Maria da Penha, seria um golaço de Dilma, ainda sem um grande feito para as mulheres. O governo não tinha notado a rapidez da tramitação. Ideli se empolgou.

Dia 8 Em pronunciamento oficial à nação, Dilma lembrou que as mulheres são 97 milhões e ocupam 45% das vagas de trabalho. “E continuamos recebendo menos... isso tem de melhorar.” Senadores entenderam como senha: “Ela vai sancionar!” No gabinete da ministra das Mulheres, Eleonora Menicucci, e na liderança da bancada feminina da Câmara, brotou certo ciúme: “Por que não é de autoria de uma mulher?” Rose de Freitas (PMDB-ES), primeira vice-presidente da casa, bradou na sessão: “O Senado passou na nossa frente”.

Trabalho

O estica e puxa que tirou o

Senadores aprovaram e comemoraram com o governo a multa a quem discriminar



Marçal apontou a gafe: "O projeto nasceu na Câmara, deputada". Na mídia, artigos criticaram neste tom: "Vai onerar as empresas"; "é protecionista"; "demagógico"; "burro". Alguns condenaram a quase-lei, "que não considera a experiência e o know-how do homem." Nunca reconhecem injustiça no caso contrário: a mulher mais escolarizada ganha 35% menos.

Dia 9 O senador Romero Jucá (PMDB-RR) pôs sua força de líder do governo contra a vitória. Um insatisfeito tem cinco dias para entrar com recurso, desde que apoiado por oito colegas. Ele juntou 16 assinaturas e ficou em silêncio. Depois que a casa caiu, alguns se explicaram. Suplicy disse que acompanhou Jucá "porque ele viu um probleminha no valor alto da multa". Ana Rita, que havia votado a favor nas duas

comissões, afirmou ter sido induzida a assinar. "Ele não foi honesto, garantiu que o recurso era formalidade; que o projeto passaria no plenário antes do dia 13. Mas queria ganhar tempo, ouvir melhor os empresários." Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM) aderiu sem sequer questionar: "Jucá era a voz do governo. Falei com Ideli várias vezes. Ela estava animadíssima, contou que Dilma também. Só depois liguei o fato à chiadeira do empresário, que abordava senadores pelos corredores".

Dia 11 Jucá avisou Ideli do recurso: "Contei a ela que representantes da Fiesp (*Federação das Indústrias do Estado de São Paulo*) e de outros setores nos alertaram. Acharam que a lei provocaria uma enxurrada de ações e criaria insegurança jurídica no país. Ideli concordou, disse que o Palácio também

A chefe chata: o preconceito e a verdade

CHEFE CHATA é uma unanimidade, quase pleonasmo e desperta empatia instantânea quando o assunto é abordado. Foi o que aconteceu na última edição do Fórum

CLAUDIA, em março, quando alguém mencionou o fato de as mulheres no comando serem mais exigentes, às vezes insuportáveis. Todo mundo ali parecia ter uma chefe-chata-cruceiro no currículo. Fui uma voz dissonante. Não porque não tenha tido nenhuma. Ou sido, eu mesma, uma chefe chata. Mas por ter convicção de que, em matéria de chefias implicantas, irritantes e às vezes aviltantes, experimentei uma justa paridade de gênero: tive chefes e chefas ótimas. Chefes e chefas insuportáveis. No entanto, como muitos atributos que teimam em grudar nas mulheres, o estigma de tendermos a um comportamento mais despótico do que os homens parece fazer parte do histórico ou do DNA profissional feminino. Mas atenção: atrás desse estigma mora um preconceito, algo culturalmente colado a nós que, por vezes, acaba se incorporando de forma a virar perigosamente verdade. Assim como a gestão intuitiva e passional versus a objetividade fria masculina, não há nenhum estudo científico que comprove que as mulheres de fato são mais sensíveis, democráticas, inclusivas ou... chatas. Uma corrente de estudiosos defende que todas as características comportamentais atribuídas a gênero são culturais, introjetadas de modo a se naturalizar por meio de uma construção por espelhamento. A identidade atribuída ao feminino se construiu em um século na sociedade ocidental. “Não há Barbies ou Ga-

rotas Superpoderosas biologicamente identificadas no cérebro feminino”, afirma o psicanalista Luiz Alberto Hanns, de São Paulo. Nunca foi provado, por exemplo, que mulheres têm dificuldade com a matemática, apenas que dominam a linguagem verbal mais cedo. Mas, como comportamentos alardeados e repetidos viram prática, chefe chata é um deles, uma injustiça de gênero tão lamentável quanto o fato de as mulheres, quase metade da força de trabalho brasileira, ainda ganharem menos que os homens (exatamente 73,8%, de acordo com os índices divulgados no mês passado pelo Censo 2010 do IBGE). Bato na tecla da chefe chata para provocar uma reflexão e um autoexame sobre nossos apressados julgamentos de gênero. E também para que a gente possa entender o sentido de uma experiência inédita que está sendo desenvolvida na Suécia, país com a maior proporção de mulheres no mercado de trabalho, recentemente eleito o de maior igualdade de gênero no mundo. Pois ali uma pré-escola criou um método inusitado para evitar que meninos e meninas sejam tratados de forma diferente. Os pronomes *han*, masculino, e *hon*, feminino, deixaram de ser utilizados para se referir às crianças. Em seu lugar, os professores adotaram outro pronome, *hen* (neutro), garantindo que meninos e meninas não sejam eles ou elas, mas tenham igual e livre acesso a bonecas e carrinhos. A escola defende estar assim combatendo o gênero cultural que, ao longo da vida, pode levar a tratamentos desiguais. Ainda não se tem como avaliar o resultado, mas é algo inovador, provocativo – e só isso já parece melhor do que a eterna repetição (e concretização) dos clichês. ❧



Para alguns estudiosos, as características atribuídas a gênero são uma construção cultural

CYNTHIA DE ALMEIDA é jornalista e coordena o movimento Habla, da Abril, dedicado ao estudo do comportamento feminino

Foto Chris Parente

Salários iguais

ças. “A proposta inclui medidas bem práticas, em harmonia com a legislação trabalhista”, explica a juíza do trabalho aposentada Comba Porto, que ajudou na elaboração do texto. “Resta saber o que vai ser aprovado pelos parlamentares.” O passo seguinte no avanço da legislação seria o que alguns países europeus já adotaram: as cotas nos conselhos administrativos, que elegem o presidente da empresa. Regina Madalozzo, especialista do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), em São Paulo, diz: “Os conselhos constituídos apenas por homens elegem presidentes com o seu perfil. Dificilmente colocam uma mulher”. A Espanha, em 2007, aprovou uma lei determinando que essas instâncias de decisão tenham no mínimo 40% de mulheres. O prazo para a adequação termina em 2015. Seguindo a lei à risca, esse país pode se levantar da crise e contornar seus graves problemas sociais. “Mas não há penalidade para a companhia que não cumprir”, afirma Regina. Já na Noruega, a empresa que desobedece à regra não pode negociar na bolsa. Este ano, a França se mirou nas duas nações. O enquadramento à norma deve ocorrer até 2016. Se isso não acontecer, os membros do conselho deixarão de ser remunerados. Ótima medida!

As empresas ganham

Com mais mulheres no comando, as empresas vão acabar descobrindo que também colherão bons frutos: “Os negócios ganharão com olhares masculinos e femininos sobre um mesmo problema, o que melhora a produtividade e a eficiência”, lembra Regina. O fato já foi constatado pela consultoria americana McKinsey, em 2010, ao analisar empresas internacionais que negociavam ações na Bolsa de Nova York. Os índices de rentabilidade mais elevados estavam nas corporações com mais mulheres no conselho.

O seu tijolinho

Enquanto as macromudanças não vêm, a mulher deve administrar a carreira de maneira hábil. Por exemplo, precisa garantir que a promoção conquistada venha sempre selada pelo dinheiro. Há uma prática espertinha e condenável se espalhando pelo mercado. Funciona assim: os chefes propõem uma

A lei vai passar?

O Projeto de Lei nº 6653, apresentado pela deputada Alice Portugal em 2009, propõe medidas para a igualdade. Foi anexado a outro (o Projeto de Lei nº 4857) e aguarda na fila para votação desde agosto. As principais propostas:

- Empresas de médio e grande porte serão obrigadas a criar a Comissão Interna Pró-Igualdade (Cipi) para garantir salário igual ao do homem em função idêntica e as mesmas oportunidades de promoção. O grupo teria 50% de mulheres.
- Negociações para o acordo coletivo de trabalho deverão incorporar questões de gênero.
- Cria-se o cadastro de empresas que discriminam. Seriam registradas aquelas que fossem flagradas pela fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego em situações como: neutralizar a possibilidade de crescimento da mulher casada ou com filhos; manter funcionárias em cargo igual ao do homem com ganho menor; escolher gerentes privilegiando o sexo masculino.

:RAIVA DU BRASIL

promoção regada a prestígio – só com aumento de responsabilidade e carga de trabalho. Eles argumentam que o momento atual impede o oferecimento de remuneração maior. E ainda dizem: “Quem sabe num próximo momento venha o ajuste...” Recuse esse tipo de afago que não rende nenhum tostão. Mais um aprendizado: você é a sua melhor defesa e deve proteger seus interesses ainda na contratação. Sobre isso, diz Mariá Giulese, diretora executiva da consultoria de RH Lens&Minarelli: “A mulher precisa aprender a negociar seu salário e não aceitar a primeira coisa que lhe oferecem, com medo de ser rejeitada ou perder oportunidades”. ◊

Engrosse o slogan “salários iguais, já!” Nenhuma de nós pode abrir a guarda. Veja como participar em www.claudia.com.br